



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS - CCBSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS -
PPGRI**

THIAGO LUIZ HIPÓLITO DA PAIXÃO ABREU

A GUERRA HÍBRIDA DOS EUA CONTRA A SÍRIA NO SÉCULO XXI

**JOÃO PESSOA
2020**

THIAGO LUIZ HIPÓLITO DA PAIXÃO ABREU

A GUERRA HÍBRIDA DOS EUA CONTRA A SÍRIA NO SÉCULO XXI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Reis Melo

JOÃO PESSOA
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A162g Abreu, Thiago Luiz Hipólito da Paixão.
A guerra híbrida dos EUA contra a Síria no século XXI
[manuscrito] / Thiago Luiz Hipolito da Paixao Abreu. - 2021.
118 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação e Pesquisa, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. Filipe Reis Melo, Coordenação do
Curso de Relações Internacionais - CCBSA."
1. Grande estratégia. 2. Domínio de espectro total. 3.
Troca de regime. 4. Guerra híbrida. 5. Mídias sociais. I. Título
21. ed. CDD 363.34

THIAGO LUIZ HIPÓLITO DA PAIXÃO ABREU

A GUERRA HÍBRIDA DOS EUA CONTRA A SÍRIA NO SÉCULO XXI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

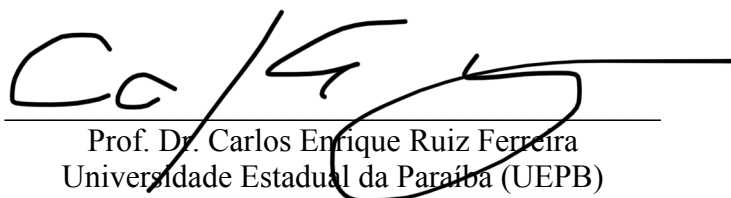
Área de Concentração: Política Internacional.

Aprovada em: 11/01/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Filipe Reis Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Enrique Ruiz Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Piero de Camargo Leirner
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

AGRADECIMENTOS

Meu eterno amor e gratidão aos homens santos e mestre da Índia. Obrigado Sai Baba, Nithyananda, Krisnamurti, Sri Aurobino, Mirra Alfassa, Orivaldo Gomes por me ensinar que o amor é a essência de luz e quem ama maneja esta luz, vive e faz viver. Que o amor é a única força, total e indivisível, que não produz nenhum tipo de sofrimento. Que o amor é a mais bela espada que existe e que essa espada Celeste, só poderia ter o perfil da ponta de um coração.

Meu eterno amor e gratidão aos homens santos e mestres do ocidente. Agradeço a Jesus Cristo, Maria, Paulo de Tarso por suas mensagens de amor, fé e sabedoria. Elas me ensinaram a desenvolver uma consciência de uma unidade, segundo a qual, tive a oportunidade de conhecer a história da humanidade, participar de suas angústias e felicidades, de suas batalhas e Vitórias. Suas verdades me ensinaram que aquele que vê no outro o seu inimigo contempla sua imagem deformada, se nutre de seus rancores e condena-se a viver entre as sombras. Elas me ensinaram que é precisa aceitar a diversidade, e que o ouro espiritual não se impõe. Suas mensagens de amor não falam de dominação, mas sim, de compreensão, não enaltecem os poderes do intelecto, mas falam sobre as faculdades Invencíveis do coração.

Agradeço de maneira especial e profunda a Teresa e Ignês, dois anjos em minha vida. Desde que me conheceram nunca me abandonaram, pelo contrário, sempre estiveram ao meu lado, seu amor, compaixão e doçura foram os pilares e pedra angular que me sustentou em todos os momentos de dificuldade. Seus exemplos de humanidade me fizeram reconhecer a presença e a graça divina, elas sem dúvidas representam o refúgio e o abrigo de Deus, muito grato Senhor.

Não posso deixar de agradecer a minha querida irmã Thalita Abreu e a meu adorável cunhado Derick Cabral pelo companheirismo, pelo apoio, pela amizade e pelo serviço incondicional oferecido a mim, durante todo período do mestrado, inclusive, quando tiveram que acordar de madrugada para me resgatar no meio da BR. Meus sinceros agradecimentos ao meu amigo\irmão Valério, por dirigir para mim, estar sempre disposto a me ajudar e principalmente por ter acreditado no meu potencial.

Também gostaria de agradecer do fundo do meu coração ao meu amado tio Moacir e minha amada tia maninha, meus companheiros inseparáveis. Agradeço pelas orações, pelos mais doces sentimentos de sucesso e realização. Obrigado por sempre ligar para

mim, para saber como estava, para conversar como amigo, para orar e para sonhar juntos. Ao querido Orlando é verdade que o universo no poder maior fez a obra do encontro depois de 40 anos. A fonte da vida reconhece o significado desse encontro. Suas mãos estendidas e tocando as nossas nesse momento especial da vida. Gratidão Orlando.

Também quero expressar meu profundo agradecimento ao corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba. Meu eterno agradecimento aos professores Alexandre, Paulo, Andreia, Ana Paula, Cristina, Fábio por compor esta guirlanda de pérolas de Excelência acadêmica. Agradeço de maneira especial ao professor Carlos Henrique, pela defesa da educação, dos direitos humanos, e de uma política externa autônoma, soberana, ativa, solidária e ativa. Agradeço ao meu Professor\orientador Filipe Reis Melo por seu amor e dedicação a arte de abrir as mentes e corações. Graças ao seu conhecimento, sabedoria e simplicidade tive a oportunidade e o privilégio de descortinar o Véu da ilusão e me libertar da perversa Matriz de controle que mantém boa parte da humanidade dividida, subjugada e em conflito. Foi contemplando suas virtudes, serenidade, honestidade, sinceridade, compaixão, alegria, entrega e sacrifício, que redescobrir que, mesmo diante de uma terra arrasada e de um campo minado como é o da política internacional, é possível acreditar no próximo, semear o bem, promover a paz, reconciliar os pontos divergentes e Curar as Feridas.

Minha eterna gratidão, a benção de Deus em minha vida, meu amado e querido filho. Mesmo tão jovem assumiu para si e honrou o compromisso sagrado de ajudar seu pai. Foram incontáveis os dias e às vezes que me ajudou a deitar, a ir para cadeira, a tomar banho. Além de preencher meus dias com alegria você me ofereceu a força e o suporte necessário para que pudesse seguir em frente e concluir essa etapa tão importante de nossas vidas. Muito grato meu filho do fundo do meu coração.

Meu eterno amor e gratidão a minha querida, minha rainha, minha amada e doce mãe. Quando os profetas pregavam nos desertos, os santos nas praças e monastérios, ou quando Jesus falava as multidões sobre amor, doçura, cuidado, lealdade, fidelidade e sacrifício, em verdade era sobre ti que eles falavam. Oh mãe querida aproveite para oferecer este momento de agradecimento em forma de oração e louvar a Deus por tua vida. Bendita seja o teu nome, Zeneida, para todo sempre, amém, aleluia. Para todo sempre teu nome será lembrado por que a vitória foi alcançada graças a uma força que só o teu amor tem acesso. Bendita seja tua vida, graças a ela eu vim a este mundo e graças a ela permaneço vivo e firme. Glória a Deus nas Alturas e para sempre seja louvado o amor

de minha mãe. Este sem dúvida foi o Néctar que me sustentou no leito de enfermidade, que transformou os dias de angústia em dias de alegria, que transformou um fardo em uma brisa.

É verdade, foram incontáveis os teus gestos de amor, cuidado, compreensão e carinho, chegastes a anular a si mesma para que eu pudesse viver. Quantas noites sem dormir, quantas vezes tivestes que acordar durante a madrugada para matar a minha sede, abrandar o calor, me girar de um lado para o outro. Mesmo depois de adulto cuidaste de mim novamente como se fosse uma criança que nunca havia saído dos teus braços. De fato, a tua bondade e amizade se revelaram para mim como o bem mais precioso desta vida. Ter a oportunidade de ser seu filho é, sem dúvida, o mais próximo de Deus que alguém pode chegar.

Não posso deixar de agradecer a comidinha da minha mãe e ao fato de que ela não permite que o almoço ou o jantar seja servido sem que a mesa esteja bem decorada com flores, enfeites, bonequinhos, músicas e bastante foto, tudo isso traz bastante alegria.

RESUMO

Esta dissertação discute a estratégia de Guerra Híbrida empreendida pelos Estados Unidos contra a Síria dentro do fenômeno das Primaveras Árabes, uma das primeiras convulsões sociais onde a internet, as redes sociais e as demais tecnologias de comunicação foram utilizadas como ferramenta de mobilização popular. Este trabalho parte do pressuposto de que o controle dos recursos naturais de gás e petróleo, e a troca de regime do governo da Síria são os objetivos estratégicos agrupados na política externa dos Estados Unidos de Domínio do Espectro Total, e a Guerra Híbrida é justamente esse modelo de abordagem indireta utilizado para tentar alcançar aquele objetivo político totalizante. A fim de verificar esse pressuposto e alcançar o objetivo geral da pesquisa foi feita uma pesquisa qualitativa, exploratória, explicativa baseada em manuais de guerra, doutrinas militares, livros, artigos, jornais e documentos. Entre as principais discussões da pesquisa estão que a Primavera Síria e suas formas de operação, Guerra Híbrida, Revolução Colorida, Combates não Convencionais são seu pano de fundo. Argumenta-se que essas formas de operação ajudaram a construir a ideia de um conflito civil, violento e sectário, ao mesmo tempo que encobria uma disputa ainda maior, em relação ao domínio, ao controle e ao fornecimento de gás e petróleo para Europa, com serias implicações, étnicas e religiosas, tanto para Síria e para o Oriente Médio, quanto para a balança de poder mundial. Conclui-se que as redes sociais como o Facebook, o Youtube, o Twitter e as organizações não governamentais de direitos humanos foram usados na organização dos protestos, na disseminação de vídeos, imagens e mensagens no âmbito da Guerra Híbrida empregada pelos Estados Unidos contra a Síria. No entanto, seu sucesso foi apenas parcial chegando a ocupar um terço do território da Síria.

Palavras-Chave: Grande Estratégia. Domínio de Espectro Total. Troca de Regime. Guerra Híbrida. Mídias Sociais.

ABSTRACT

This dissertation discusses the Hybrid War strategy undertaken by the United States against Syria within the Arab Spring phenomenon, one of the first social upheavals where the internet, social networks and other communication technologies were used as a popular mobilization tool. This work assumes that the control of the natural resources of gas and oil, and the change of regime of the Syrian government are the strategic objectives grouped in the foreign policy of the United States of Total Spectrum Control, and the Hybrid War is just that indirect approach model used to try to achieve that totalizing political objective. In order to verify this assumption and reach the general objective of the research, a qualitative, exploratory, explanatory research was carried out based on war manuals, military doctrines, books, articles, newspapers and documents. Among the main discussions of the research are that the Syrian Spring and its forms of operation, Hybrid War, Color Revolution, Unconventional Combat are its background. It is argued that these forms of operation helped to construct the idea of a civil, violent and sectarian conflict, while concealing an even greater dispute over the domain, control and supply of gas and oil to Europe, with several implications, ethnic and religious, both for Syria and the Middle East, and for the balance of world power. It follows that social networks such as Facebook, Youtube, Twitter and non-governmental human rights organizations were used to organize the protests, to disseminate videos, images and messages in the context of the Hybrid War used by the United States against Syria. However, its success was only partial, occupying one third of the territory of Syria.

Keywords: Grand Strategy. Full Spectrum Domain. Regime Change. Hybrid Warfare. Social Media.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO E FIGURAS

Figura 1 – Tipos de redes	32
Figura 2 – Rede em cadeia e rede em estrela	33
Figura 3 – Rede multidimensional	34
Figura 4 – As Sete Fases da Guerra Não Convencional	45
Figura 5 – Cinco Anéis	48
Figura 6 – Cinco Anéis – modelo sociedade	49
Figura 7 – Cinco Anéis – modelo indivíduo	50
Figura 8 – Rede em Cadeia e Rede em Estrela aplicadas à Síria	74
Figura 9 – Rede multidimensional aplicada à Síria	87

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Projetos de gasodutos Irã-Iraque-Síria e Catar-Turquia	98
Mapa 2 – Recursos da Síria (2019)	105
Mapa 3 – Áreas controladas na Síria e bases militares da coalisão liderada pelos EUA (setembro de 2019)	106

LISTA DE SIGLAS

PNAC	Projeto para o Novo Século Americano
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
EUA	Estados Unidos da América
DOD	Departamento de Defesa
DOE	Departamento de Estado
CIA	Central Intelligence Agency
NSA	Agência Nacional de Segurança
NED	National Endowment for Democracy
OSF	Open Society Foundation
FH	Freedom House
ONG	Organização Não Governamental
MEPI	Iniciativa em Parceria para o Oriente Médio
ARAMCO	Companhia Árabe-Americana de Petróleo
TAPLINE	Trans-Árabe-Pipeline
HRW	Human Right Watch
CFR	Council on Foreign Relations
CSSI	Civil Society Strengthening Initiative
PDS-11	Presidential Study Directive -11
ISIS	Estado Islâmico do Iraque e da Síria
SN4HR	Rede Inglesa do Observatório Sírio de Direitos Humanos
VDC	Centro de Documentação de Violação na Síria
USAID	Agency for International Development of United State

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 GUERRA HÍBRIDA, CONCEITOS E ESTRATÉGIAS	25
1.1 REVOLUÇÃO COLORIDA E FABRICAÇÃO DE CONSENSO	25
1.1.1 Guerra Neocortical Reversa e a Programação Neurolinguística	28
1.1.2 Guerra Centrada em Rede e a Lei de Metcalf	29
1.1.3 Guerra Social em Rede e a Rede Multicanal	30
1.1.4 A Mente de Colmeia e o Sintagma Inteligência de Enxame	34
1.1.5 As Plataformas Mídias Sociais	36
1.1.6 Métodos de Ações Não Violentas	38
1.2 GUERRA NÃO CONVENCIONAL	41
1.2.1 Guerra Não Convencional e os Atores Desvinculados dos Estados	41
1.2.2 O Manual de Campo da Guerra Não Convencional	43
1.2.3 As Setes Fases da Preparação para a Guerra Não Convencional	44
1.3 TEORIAS E ESTRATEGIAS MILITARES	47
1.3.1 A Estratégia dos Cinco Anéis	47
1.3.2 Abordagem Indireta e do Loop OODA	51
1.3.3 A Estratégia do Caos	52
1.3.4 Liderança por Trás dos Panos	54
2 O POSICIONAMENTO DOS ESTADOS UNIDOS PERANTE A SÍRIA	56
2.1 ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS E A MANIPULAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	63
2.2 A “FREEDOM AGENDA” DE GEORGE W. BUSH E A CRIAÇÃO DA MEPI PARA A “TROCA DE REGIME” NA SÍRIA	66
3 GUERRA HÍBRIDA DOS ESTADOS UNIDOS NA SÍRIA: DA DECISÃO POLÍTICA À FASE DO PLANEJAMENTO	73
3.1 ORGANIZADORES EXTERNOS, NÓS ATIVOS E A FORMAÇÃO DA REDE MULTIDIMENSIONAL	82
3.2 REVOLUÇÃO COLORIDA, MÉTODOS NÃO VIOLENTOS DE SHARP E O PAPEL DAS ONG’S NA GUERRA NEOCORTICAL	88
3.3 THE RAT LINE E A PREPARAÇÃO PARA A GUERRA NÃO CONVENCIONAL	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

A guerra é uma atividade tão perigosa que os erros advindos da Bondade são os piores. Se um dos lados utiliza a força sem remorsos, sem deter-se devido ao derramamento de sangue que ela acarreta, enquanto o outro abstém-se de utilizá-la, o primeiro estará em vantagem. Aquele lado forçará o outro a fazer o mesmo que ele. Cada um deles levará o seu oponente ao extremo e os únicos fatores limitadores serão os contrapesos inerentes à guerra (CLAUSEWITZ, 1989, p. 76).

A fim de manter e consolidar a hegemonia global, os Estados Unidos da América (EUA) desenvolvem e combinam duas políticas da grande estratégia. A primeira, conhecida como “Full Spectrum Dominance (O Domínio do Espectro Total) cujos principais objetivos são: a supremacia militar em todas as dimensões do conflito (terrestres, marítimas, aéreas, espaciais e cibernéticas), o controle sobre o sistema de comunicação e informação, a liderança no desenvolvimento científico, tecnológico e de armamentos biológicos. O domínio absoluto sobre recursos naturais e energéticos, o controle da retórica dos Direitos Humanos e por fim, o comando sobre as decisões nos organismos internacionais. A segunda, está descrita no Projeto para o Novo Século Americano (PNAC), no documento publicado em 2000, sob o título Rebuilding America Defense (PNAC, 2000). Essa política, entre outros objetivos, defende abertamente que para garantir o sucesso da primeira, os EUA devem estar prontos para lutar e vencer em vários teatros de guerras ao redor do globo, ao mesmo tempo. Como será visto mais adiante, a Guerra Híbrida está no centro dessa estratégia.

O tema da guerra ocupa espaço central praticamente em todas as teorias de Relações Internacionais, mesmo porque ela está na origem contemporânea da disciplina e do próprio desenvolvimento do sistema Internacional. Alguns teóricos que iluminam a disciplina buscam uma síntese vivificante que possa conduzir uma humanidade agonizante para o ciclo da paz, enquanto outros se preocupam apenas em alertar para a condição irreversível do estado permanente de guerra. Clausewitz (1984), por exemplo, foi um dos primeiros teóricos a romper com o conceito binário que separa a guerra e a paz quando apresentou a dimensão política do conflito. De acordo com ele, a guerra é a continuação da política por outros meios a qual se pode acrescentar o uso da força. Todavia, antes de dar procedimento à análise, torna-se necessário primeiro estabelecer o

nível de análise em que o fenômeno da guerra acontece para em seguida continuar com a discussão teórica.

Em sua obra “Da Guerra”, Clausewitz (1984) oferece algumas respostas sobre a natureza, o carácter e em que de fato a guerra implica. Ele define três critérios para que um ato de agressão seja considerado guerra, a saber: violência, carácter instrumental e objetivo político. Primeiro, a guerra é um ato de força com o propósito de compelir o inimigo a fazer a nossa vontade – o que implica dizer que toda guerra é violenta em sua natureza. Segundo, a guerra sempre tem um carácter instrumental, ou seja, o objetivo político é o propósito e a guerra é o meio para alcançar esse propósito. Não só isso, de acordo com o autor, os meios nunca podem ser considerados de forma isolada dos seus propósitos, ao contrário, os preparativos sociais e econômicos, o planejamento estratégico, a condução das operações, o emprego da violência em todos os níveis, são determinados por aquele propósito, ou, pelo menos, estão de acordo com ele (PARET 1984, p. 05). Por fim, o objetivo político, dá a principal compreensão de Clausewitz, (1989), de que a guerra é política ou a continuação da política por outros meios. Nesse sentido, para esse o autor a guerra não ocorre só no nível estratégico, operacional e tático, mas também na dimensão política, ou seja, a guerra está contida na política, bem como é o meio para alcançar o objetivo político.

Dito de maneira mais simples, “propósito e meios, estratégica e tática, teoria e realidade, intenção e execução, amigo e inimigo” são alguns dos opostos que ele define e compara, para pesquisar os vínculos dinâmicos que unem todos os elementos da guerra num estado permanente de interação (PARET 1984, p 15). Uma das características marcantes desta maneira de pensar é que ela define cada elemento da maneira mais clara possível, ao mesmo tempo em que insiste na ausência de limites distintos, ou seja, guerra e política, ataque e defesa, inteligência e coragem nunca são opostos absolutos; em vez disto, um flui dentro do outro (PARET 1984 p 15). Em seguida, Clausewitz (1989), apresenta abertamente o carácter mutante da guerra e defende que a guerra é complexa e mutável e que cada era tem o seu próprio conceito de guerra.

Em relação à última parte da definição de Clausewitz (1984) sobre o carácter mutante da guerra, por volta de 1989, William S. Lind, junto aos coronéis Keith Nightengale, Joseph Sutton, Gary Wilson e o capitão John Schmit, reconheceram que estava ocorrendo uma mudança de paradigma nos conflitos pós-Guerra Fria (LIND, 1989). De acordo com os autores, essa mudança surge no contexto da queda da União

Soviética, do avanço da globalização, e da revolução tecnológica. Somam-se a isso, os conflitos étnicos, religiosos, culturais, atrelado as lutas de grupos nacionais por reconhecimento, liberdade e autonomia. Para Lind (1989), os movimentos de insurgências, as ações terroristas, os atos de guerrilhas, com base em ideias e tecnologia são os elementos fundamentais, que marcam a transição tática e estratégica da nova guerra em ascensão, e suas origens podem ser encontrada em países do Oriente Médio e da Ásia.

Outros fatores salientados por Lind (1989) como responsáveis por essa mudança estratégica, reside no fato de que os novos guerreiros buscam colapsar o adversário a partir de dentro, destruindo a coesão moral que conecta a sociedade, criando divisões e desconfianças entre grupos, semeando o caos e incertezas em relação à habilidade do sistema político de garantir a segurança do povo. Nesse cenário, conforme os autores, as lutas são conduzidas através de centro populares, áreas rurais e redes virtuais. A linha que separa o conflito e a paz, soldados e civis, zonas de guerras e zonas livres, praticamente deixa de existir. Isso se dá pelo fato de que, como argumenta Alexander (1999), após o fim da Guerra Fria, os atores mais fracos do sistema internacional só poderiam desafiar a capacidade militar dos EUA driblando a superioridade do seu exército. Esse tipo de combate, cujo propósito é evitar o confronto direto, é marcado por táticas de guerra de guerrilha, atos de terrorismo, de subversão e de sabotagem.

É nesse sentido que logo no início do artigo, intitulado “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation”, publicado na revista *Marine Corps Gazette* e *Military Review*, Lind (1989) segue os passos de Clausewitz (1984) e rompe definitivamente com o conceito binário que separa a guerra da paz com a seguinte declaração, “a principal tarefa dos soldados durante períodos de paz, deve ser marcado pela preparação para uma próxima guerra” (LIND 1989, p. 01). Desse modo, tentando antecipar as características da guerra que estava por vir, Lind (1989) previu como seriam essas novas guerras e identificou-as como Guerras de Quarta Geração¹. Ele afirmou que essas guerras seriam mais fluídas, mais descentralizadas e mais assimétricas do que as guerras convencionais. Que haveria maior ênfase na guerra da informação e em operações psicológicas.

¹ Segundo Lind (1989), a Guerra de Primeira Geração (1GW) era uma guerra formada por táticas de linha e colunas e o campo de batalha era bem definido. Já a Guerra de Segunda Geração (2GW) era ao mesmo tempo uma guerra estática e de atrito, marcada pela utilização de poder de fogo em massa através da artilharia como o uso de canhões, fuzis e metralhadoras. Por fim, a Guerra de Terceira Geração (3GW) testemunhou a introdução de tanques de guerra e aeronaves. Ficou conhecida por sua nova tática de guerra a Blitzkrieg que era baseada na velocidade, na surpresa, no deslocamento físico e mental.

Lind, (1989), com a parceria dos coronéis Keith Nightengale, Joseph Sutton, Gary Wilson e o capitão John Schmit, liderou o debate dentro do campo da segurança com o objetivo de prever as “guerras do futuro”. Outros autores somaram-se ao debate no esforço de tentar compreender as mudanças do cenário e dos atores envolvidos na nova guerra emergente. Esse parece ser o caso de Mary Kaldor (2012). Ela também escreveu um livro e um artigo sobre o tema, o primeiro intitulado *New and Old Wars* (2012), o segundo, *New Wars* (2009). Nas obras, a autora desenvolve um olhar especial voltado para a dinâmica dos conflitos na África, Oriente Médio, principalmente naqueles países cujos Estados eram considerados frágeis ou falidos. Kaldor (2009) corrobora os argumentos oferecidos por Lind e vê as novas guerras emergir no choque entre dois fenômenos principais, quais sejam: o avanço da globalização e a desintegração dos estados, focada principalmente no elemento político.

De acordo com Kaldor (2009), as novas guerras são uma combinação de conflitos políticos, violação indiscriminada contra os direitos humanos, crimes cometidos por motivações econômicas. Conduzidos basicamente por exércitos regulares, senhores da guerra, milícias, mercenários e companhias de segurança privada. Além do mais, Kaldor (2009) argumenta que a violência empregada por atores estatais e não estatais é direcionada contra alvos civis visando explorar o medo e o ódio, através das divisões étnicas, culturais, religiosas e ideológicas de determinado segmento social.

Desse modo, as ideias e publicações dos autores citados desencadearam um grande debate com o objetivo de tentar compreender a dinâmica das novas guerras. O resultado prático desse processo foi a produção de uma ampla gama de novos conceitos como “conflitos em zonas cinzentas, guerras irrestritas, novas geração de guerra, conflitos assimétricos, guerra composta. No entanto, para muitos acadêmicos, militares e tomadores de decisão política, a Guerra Híbrida, tornou-se o termo mais usado, embora controverso para descrever a complexidade dos conflitos internacionais no século XXI (TIENHOVEN, 2016, p. 01).

De acordo com Hoffman (2007), estamos entrando num momento em que múltiplos tipos de guerra serão utilizados de forma simultânea, por adversários sofisticados e flexíveis, que compreenderam que o sucesso no campo de batalha assume uma variedade de formas, o que o autor chama de “Guerra Híbrida” (HOFFMAN 2007, p. 05). Para esse autor, não significa que as guerras convencionais e os conflitos entre

estados estão em declínio, como defende Kaldor (2009), mas sim que há uma fusão na nova guerra emergente, a que combina as guerras regulares e as irregulares.

Hoffman (2007), um dos formuladores do conceito de Guerra Híbrida, defende que este tipo de guerra pode ser conduzida tanto por atores estatais, quanto por uma variedade de atores não estatais. De acordo com ele, a Guerra Híbrida incorpora uma ampla gama de diferentes tipos de combates, incluindo capacidades convencionais, táticas irregulares, atos terroristas, violência indiscriminada, coerção e desordem criminosa (HOFFMAN 2007, p. 08). Ele explica que esse tipo de atividades multimodais podem ser empregadas por unidades separadas, ou pela mesma unidade, porém são coordenadas e taticamente direcionadas no mesmo campo de batalha (HOFFMAN 2007, p. 08). Para esse autor, as principais características da Guerra Híbrida são a “convergência”, a “sinergia” e as “atividades multimodais”, ou seja, ele argumenta que o emprego simultâneo e coordenado de diversos meios, geram um impacto maior na dimensão física e psicológica do inimigo. Embora essa nova forma de combate conhecida como Guerra Híbrida tenha sido criada por militares estadunidenses, Hoffman (2007) usa-a para descrever principalmente as ações da Rússia contra a Ucrânia, durante a campanha de anexação da Crimeia, em 2014.

Glenn (2009) parece concordar com Hoffman (2007) quando afirma que a Guerra Híbrida é o emprego simultâneo de ações militares convencionais e irregulares, juntamente com ações políticas e de informação. A principal contribuição de Glenn (2009) para o debate sobre o conceito de Guerra Híbrida é o elemento catastrófico. O autor define “catástrofe” como um acidente produzido por homens por meio de ações terroristas, com uma capacidade extraordinária de produzir danos severos à população, à infraestrutura, ao ambiente, à economia, à moral nacional e à função governamental (GLENN 2009, p.02).

Para Korybko (2015), a guerra híbrida é por excelência e prática a materialização combinada/cognitiva de dois grandes estrategistas militares, Clausewitz (1984) e Sun Tzu (2006). Ela é Clausewitz (1984) porque tem início com uma decisão política, no entanto, é Sun Tzu (2006) porque busca alcançar o objetivo político, ou seja, dobrar a vontade do inimigo sem lutar. Nesse sentido, Korybko (2015) discorda do pensamento estratégico de Hoffman (2007) sobre a Guerra Híbrida, principalmente no que se refere à aplicação simultânea e coordenada de diversos tipos de conflitos. Para esse autor, a Guerra Híbrida tem duas grandes etapas e segue uma abordagem padronizada adaptativa indireta. A

primeira, tem início com uma campanha intensiva de meios não militares, como operações psicológicas, ideológicas e de informação, a qual o autor chama de Revolução Colorida. Caso a primeira fase não tenha sucesso, então a segunda entra em ação por meio da implementação de uma guerra não convencional.

Não só isso, Korybko (2015) aponta o aspecto indivisível entre a política e a guerra. Ou seja, se Clausewitz (1984) diz que a guerra é a continuação da política por outros meios, Korybko (2015) é quem demonstra como a Guerra Híbrida é a continuação, por outros meios, da política da grande estratégia de “Domínio do Espectro Total” dos EUA, quando discute e combina os três tipos de rede da Guerra Social em Rede de Arquila e Ronfeldt (1996). Para Korybko (2015), a primeira fase da Guerra Híbrida, começa justamente com uma decisão política. Em seguida, essa decisão passa à hierarquia administrativa, o nó de planejamento, onde uma rede em estrela começa a se formar, até ramificar-se para criar ou conectar-se aos “nós ativos” responsáveis de dar vida à Guerra Híbrida. Segundo Korybko (2015), “os nós de ponto de contato” (organizadores externos Departamento de Estado dos Estados Unidos, CIA, ONG’s), ou “os nós ativos” (simpatizantes/dissidentes) são justamente os vínculos dinâmicos que unem todos os elementos entre guerra e política num estado permanente de interação. Dito de maneira mais simples, os “nós de ponto de contato” e os “nós ativos” é por onde a política continua por outros meios, e é por onde ela assume uma variedade de forma, guerra irregular, guerra composta, guerra irrestrita, guerra por procuração, Revoluções Coloridas, Guerra Híbrida, mudando de forma como camaleão muda de cor.

Ao contrário de Hoffman (2007), que apenas menciona de forma abstrata os tipos de guerra, Korybko (2015) alarga o conceito e aprofunda a discussão quando descreve como os métodos de operações psicológicas, movimentos de resistência não violenta e guerras centradas em plataformas de redes sociais são empregados. De acordo com Korybko (2015), apesar das etapas da Guerra Híbrida apresentarem-se de par em par – fabricação de consensos/guerra neocortical reversa, guerra centrada em rede/guerra social em rede, plataformas de mídias sociais/formação da mente de colmeia, método de ação não violenta/Guerra Não convencional, estratégias dos Cinco Anéis/abordagem indireta e do Loop OODA, estratégia do Caos e liderança por trás dos panos – elas nunca são opostos absolutos; em vez disto, uma fluem uma dentro da outra. Assim, Korybko (2015) assegura que tanto as Revoluções Coloridas como a Guerra não Convencional constituem

parte mutuamente complementares da Guerra Híbrida. No entanto, ele demonstra como cada uma flui perfeitamente de uma para a outra.

Uma das principais críticas que envolve o conceito de Guerra Híbrida gira em torno da novidade do fenômeno. Por exemplo, Mansoor e Murray (2012) declaram que não há nada de novo no conceito discutido ora em tela. De acordo com esses autores, a história é permeada de exemplos de táticas híbridas tanto no nível tático, estratégico e operacional, que vão desde a Guerra de Peloponeso até as guerras dos dias atuais. Por outro lado, Tienhoven (2016) argumenta que Murray e Mansoor (2012) focam exclusivamente a maneira como as forças são engajadas na condução da guerra, negligenciando os meios não militares em suas definições para explicar a Guerra Híbrida.

Wither (2016) compartilha da mesma ideia de Tienhoven (2016) e afirma que o que distingue a definição de Guerra Híbrida da definição defendida por Mansoor e Murray (2012) é justamente a ênfase nos métodos não militares do conflito, e em particular, a guerra da informação. O autor argumenta que o emprego excessivo de operação de informação é a característica fundamental da Guerra Híbrida que permite uma análise mais próxima das ações do grupo Isis² no Oriente Médio e os diferentes teatros de operação de combate na Ucrânia. Engdahl (2009) segue no mesmo diapasão e argumenta que o que é novo nesse processo, ou seja, nas novas guerras do século XXI, é a utilização da internet, particularmente as plataformas de rede sociais como as salas de bate-papos, mensagens instantâneas e blogs.

Os coronéis Qiao Liang e Wang Xiangsui (1999) afirmam que o desenvolvimento da tecnologia da informação e do avanço da globalização mudou de maneira efetiva a condução da guerra. De acordo com eles, a guerra se moveu além do campo militar para uma nova concepção de armas. Essas novas armas incluem, o *hackeamento* de computador, a guerra financeira, ou seja, a subversão do sistema bancário, mercados e moeda, o terrorismo, a desinformação da mídia e a guerra urbana. No entanto, quem melhor esclarece essa transição tática de meios militares para os não militares é sem dúvida o professor doutor em antropologia Piero Leirner (2020).

De acordo com Leirner (2020), os teóricos e estrategistas militares estadunidenses reconheceram abertamente que não poderiam mais chegar à guerra total de Clausewitz

² A sigla Isis deriva da língua inglesa (Islamic State of Iraq and Syria). É um grupo paramilitar fundamentalista islâmico que tomou parte dos territórios do Iraque e da Síria.

(1984) porque o seu limite último era a guerra nuclear. Nesse sentido, Leirner (2020) afirma que diante de tal impasse, os teóricos desenvolveram a ideia de fazer uma guerra estilo total, mas olhando para o outro lado, ou seja, transformando a microfísica das relações cotidianas em relações permeadas pela lógica da guerra. Essa estratégia de guerra é baseada na ideia de que não há muita diferença entre empresas privadas e mercenários, exército militar regular e irregular, soldado fardado ou à paisana. Ou seja, é esse elemento surpresa que eclode em qualquer lugar, está dentro de casa e por fim está dentro da cabeça. Com isso Leirner (2020) demonstra a transição do terreno de batalha tradicionalmente caracterizado com as fronteiras bem definidas e um exército convencional (meios militares) para o terreno da mente, das emoções e dos sentimentos, permeados pela lógica das operações psicológicas (os meios não militares).

Desse modo, tendo em vista a consonância dos contextos analíticos oferecidos pelos autores citados, bem como o objeto de estudo dessa pesquisa, será utilizado como referencial teórico a abordagem padronizada adaptativa indireta da Guerra Híbrida desenvolvida citada pela primeira vez por Gerasinov (2014) e ampliada por Andrew Korybko (2015), como modelo que melhor se aplica ao estudo de caso nos eventos ocorridos na Síria, no período de 2011 a 2019. Além disso, Korybko (2015) é o primeiro autor a inserir e discutir a Guerra Híbrida dentro da Grande Estratégia de Política Externa dos Estados Unidos, conhecida como “Domínio do Espectro Total”. Para ele, o mantra da Dominação do Espectro Total, de ser persuasivo na paz, decisivo na guerra e proeminente em quaisquer formas de conflito constitui a espinha dorsal da Guerra Híbrida.

Seguindo a ideia do pensamento geopolítico dos Balcãs Eurasiáticos de Brzezinski (1988), os EUA abraçam a ideia de desestabilização periférica dos Balcãs Eurasiáticos como um possível método para lidar com a Rússia, a China e com outras potências médias para preservar a hegemonia estadunidense. A inovação desse processo está no novo método de não violência de Gene Sharp (2002), na abordagem indireta das periferias. Segundo Sharp (2002), a ideia consiste em praticar campanhas de sabotagens e operações psicológicas sob a aparência de movimentos pró-democráticos ou confrontos civis apoiados por fora com vistas a dividir a sociedade, semear o caos em larga escala, criar as forças centrípetas de vácuo e sucção com o objetivo de atrair para dentro do turbilhão a Rússia e a China (SHARP, 2002).

Quando as ações dos Estados Unidos são comparadas de maneira objetiva, percebe-se uma nova abordagem padronizada com vistas à troca de regime (KORYBKO, 2015, p. 06). Esse modelo tem início com a implementação de uma revolução colorida como tentativa de golpe brando³, que é logo seguida por um golpe rígido⁴, por meio de uma guerra não convencional, ambos pilares da Guerra Híbrida. Segundo Korybko (2015), quanto mais a operação de desestabilização perpetrada pelos EUA se aproxima dos núcleos alvos como Rússia, China e Irã, menor o risco de guerra direta e maiores as chances de que meios indiretos, revoluções coloridas e guerras não convencionais sejam aplicadas (KORYBKO, 2015). Dessa forma, discorre o autor, como a Líbia está na extrema periferia da Rússia e do Irã, aplicam-se métodos diretos para troca de regime, porém, visto que a Síria está mais próxima do núcleo-alvo, a tentativa indireta de troca de regime é utilizada por intermédio das revoluções coloridas e da guerra não convencional.

Dito isso, o objetivo geral deste trabalho é verificar como os Estados Unidos empregaram uma Guerra Híbrida para tentar impor a troca de regime na Síria. Os objetivos específicos estão divididos entre identificar a atuação das organizações não governamentais de direitos humanos, das mídias alternativas e o papel das mídias sociais (Facebook, YouTube e Twitter) na organização dos protestos, no recrutamento de novos ativistas e na construção da imagem de um conflito civil violento, sectário étnico-religioso. Verificar a atuação de atores desvinculados do Estado que promoveram o processo de desestabilização do governo da Síria. E por fim, identificar o papel dos Estados Unidos como o principal agente operador da Guerra Híbrida. Neste sentido, este trabalho parte da hipótese de que os Estados Unidos aplicaram este modelo de Guerra Híbrida para tentar promover a troca de regime na Síria. Para analisar as estratégias de Guerra Híbrida usadas pelo Estados Unidos para troca de regime na Síria, foi feita uma pesquisa qualitativa, exploratória, explicativa. Para tanto, o trabalho se baseou em manuais de guerra, doutrinas militares, livros, artigos, jornais e documentos.

³ Korybko (2015) define golpe brando como o uso de qualquer tipo de força não convencional como manifestações, passeatas, protestos e mídias sociais para deslegitimar um governo. E esse tipo de operação está relacionado às táticas das Revoluções Coloridas.

⁴ De acordo com Korybko (2015), golpe rígido está ligado à guerra não convencional que é definida como qualquer tipo de força não convencional (que utiliza grupos armados não oficiais) envolvida num embate largamente assimétrico contra um adversário tradicional.

Compreende-se que a Guerra Híbrida é instrumento da política de Grande Estratégia dos Estados Unidos utilizada para alcançar seus objetivos de troca de regime da Síria. Nesse sentido, considerando a natureza singular deste trabalho, ou seja, o aspecto indivisível entre a política e a guerra, os capítulos estão organizados no sentido de contemplar esse aspecto indivisível ou essa unicidade. Para tanto, o primeiro capítulo põe em perspectiva as principais teorias e estratégias militares com ênfase nas táticas de operações psicológicas, de propaganda, de movimentos de resistência não violenta, do uso das plataformas de rede social, de métodos de guerra não convencional, com atenção especial para o papel dos atores desvinculados do Estado. Argumenta-se que o principal objetivo dessas operações é criar a mente de colmeia e organizar os grupos em forma de enxame e, através da lei da aglomeração, conduzir o governo da Síria ao colapso.

O segundo capítulo busca contemplar quais fatores históricos e estruturais foram determinantes para a formação da política externa de segurança nacional dos Estados Unidos, como o petróleo foi integrado a essa estratégia de política externa e como o Oriente Médio em geral, e a Síria em particular, entraram na rota dessa política. Busca-se demonstrar como os Estados Unidos se organizaram institucionalmente e quais os métodos de intervenção utilizados por eles em outros países para troca de regime. Argumenta-se que os métodos brutais de intervenção utilizado pela agência de inteligência dos Estados Unidos foram substituídos pela abordagem com ênfase nos direitos humanos através das organizações não governamentais de direitos humanos. Por fim, a última sessão deste capítulo trata de um aspecto fundamental da política externa do presidente George W. Bush, isto é, a “Freedom Agenda” cujo propósito era levar a democracia para os países do Oriente Médio através do programa Iniciativa em Parceria para o Oriente Médio (MEPI), lançada pelo pentágono. Enfatiza-se que essa política seguia as diretrizes do Projeto Para o Novo Século Americano.

O último capítulo trata da Guerra Híbrida propriamente dita, empregada pelos Estados Unidos para tentar a troca de regime na Síria. Argumenta-se que essa estratégia seguia a decisão política de domínio de espectro total dos Estados Unidos. Ela se apoiou numa ampla rede de inteligência para coletar dados e informação a respeito da cultura civilizacional e dos aspectos psicológicos do povo da Síria, empregando abertamente táticas de revolução coloridas e de guerra não convencional.

1 GUERRA HÍBRIDA, CONCEITOS E ESTRATÉGIAS

Este capítulo trata das definições teóricas e estratégicas que sustentam o fenômeno da Guerra Híbrida. Além de conceituar o que é Revolução Colorida e Guerra Não Convencional, busca compreender como as agências de inteligência estrangeiras, durante a primeira etapa da guerra contra a Síria, utilizam as plataformas de mídias sociais do Facebook, YouTube e Twitter, para recrutar jovens ativistas e disseminar suas mensagens. Sustenta-se que há forte ênfase em operações psicológicas, especificamente na guerra, centrada em guerra social em rede, que tem como objetivo criar a “mente de colmeia”. Como será visto mais adiante, essas operações são combinadas com as práticas de ações não violentas advogadas por Gene Sharp (2002). Em seguida, aborda os aspectos relevantes da Guerra Não Convencional. Afirma-se que essa não ocorre sozinha, mas sim é a continuação de um conflito já existente dentro de uma sociedade. Por fim, põe em perspectiva a Teoria dos Cinco Anéis, da Abordagem Indireta, da Teoria do Caos e da Liderança por Trás do Pano, com o fito de demonstrar a característica fundamental da Guerra Híbrida, que é atacar o inimigo sem confrontá-lo diretamente.

1. 1 REVOLUÇÃO COLORIDA E FABRICAÇÃO DE CONSENSO

No início da década de 1950, através de financiamentos secretos da fundação Rockefeller para o Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar, a Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos começou a desenvolver um programa chamado “MK-ULTRA” (ENGD AHL 2009, p. 38) com o objetivo de tentar o controle mental por meio da administração de drogas. Em paralelo à tentativa de controle da mente com o uso de drogas, o MK-ULTRA também desenvolveu pesquisa em métodos eficientes de propaganda, lavagem cerebral, relações públicas, publicidade, hipnoses e outras formas de sugestões.

Para Korybko (2015), é impossível falar em Revolução Colorida sem antes discutir as obras Propaganda (1928) e Engenharia de Consensos (1947) de Edward Bernays, sobrinho de Sigmund Freud. Além de pioneiro no campo das relações públicas e da propaganda, ele é referenciado como o pai das relações públicas e líder na formação de opinião. Através da perspectiva da psicanálise, ele mostrou, pela primeira vez, às corporações americanas como fazer as pessoas desejarem coisas de que elas não precisavam, ao associar bens de consumo aos seus desejos inconscientes. Disto brotou

uma nova idealização da política, qual seja, a política de como controlar as massas. Uma questão controversa apontada por Bernays (1947) é que o corolário democrático e sua liberdade de imprensa e de fala expandiu a Declaração de Direitos para incluir acima de tudo o direito de fabricar consensos. De acordo com Bernays (1947), a fabricação de consensos configura o principal método para contaminar as massas com ideias de fora.

Entretanto, o autor faz uma importante observação: “Palavras, sons e imagens realizam pouco, a não ser que sejam as ferramentas de um plano minuciosamente planejado e de métodos cuidadosamente organizados” (BERNAYS, 1928, p.8). Ele explica que se os planos são bem formulados e faz-se uso deles corretamente, as ideias transmitidas pelas palavras tornam-se parte integrantes das próprias populações. Nesse sentido, quando o público é convencido da racionalidade de uma ideia, seja ela ideológica, política ou social, o público entra em ação e esses são justamente os resultados obtidos pela fabricação de consensos.

Além do mais, Korybko (2015) esclarece que para Bernays (1928) é necessário realizar uma pesquisa minuciosa dos seus alvos antes do início de uma campanha de “fabricar consenso”. De acordo com o autor, esse processo ajuda a entender melhor a maneira de se aproximar do público, porém, alerta que para que a campanha de publicidade tenha sucesso, os indivíduos envolvidos nos eventos em andamento não podem ter ciência de que as notícias são fabricadas artificialmente e que os eventos são produzidos de forma imaginativa. Por isso, Bernays (1928) acreditava que um pequeno número de pessoas, em grande parte invisíveis, influenciam e orientam a forma de pensar das massas (BERNAYS 1928, apud KORYBKO 2015, p. 34). Ele aponta o seguinte:

O estudo sistemático da psicologia das massas revelou aos alunos as potencialidades do controle invisível da sociedade por manipulação dos motivos que mobilizam o homem em grupo, (o qual) tem características mentais diferentes das do indivíduo e é motivado por impulsos e emoções e não podem ser explicados com base no que conhecemos acerca da psicologia individual. Logo, levantou-se naturalmente o questionamento: se entendêssemos o mecanismo e os motivos da mente grupal, não seria possível controlar e reger as massas de acordo com a nossa própria vontade sem que elas percebessem? (BERNAYS 1928, p. 47).

Em seguida, Bernays (1928) defende o controle invisível da sociedade por manipulação. Para Korybko (2015) com as vantagens da tecnologia de comunicação

instantânea esse controle tornou-se ainda mais complexo. As tecnologias de comunicação atuais permitem que pessoas com as mesmas ideias e interesses possam associar-se e organizar-se para uma ação conjunta, ainda que vivam a milhares de quilômetros uma das outras (BERNAYS 1928, apud KORYBKO 2015, p. 35). Além disso, o autor acrescenta que “essa estrutura invisível entrelaçada de grupos e associações é o mecanismo com o qual a democracia organizou sua mente de grupo e simplificou o pensamento de massa” (BERNAYS 1928, apud KORYBKO 2015, p. 35).

Korybko (2015), atento leitor de Bernays (1928), destaca três aspectos básicos das Revoluções Coloridas. Primeiro, as vantagens da tecnologia de comunicação instantânea permitiram reunir física e virtualmente porções distintas da população que compartilham ou que são trabalhadas para compartilhar as mesmas ideias contra o governo (KORYBKO, 2015, p.35). De acordo com ele, isso ajuda a organizar a mente de grupo e simplificar o pensamento em massa da sociedade durante o início de uma tentativa de golpe por Revolução Colorida (KORYBKO, 2015, p.35). Segundo, as Revoluções Coloridas não são espontâneas, mas fabricadas antes e durante sua implementação, ou seja, a psicologia de um grupo geral e específico é estudada com a finalidade de explorar o melhor método para difundir mensagens contra um governo determinado. Terceiro, durante a campanha da Revolução Colorida, os indivíduos são meramente usados como instrumentos para dar a impressão de adesão voluntária ao golpe, e aparecia de democracia ao movimento.

Korybko (2015) esclarece que o principal objetivo da campanha de informação ou fabricação de consenso é que o alvo incorpore, sedimente as ideias e sugestões que lhe são apresentadas dando a impressão de que os próprios manifestantes chegaram a suas conclusões por conta própria (KORYBKO 2015, p. 36). De acordo com o autor, a disseminação de informação entre a população, principalmente aquela que mobilize as pessoas em massa a derrubar o governo constitui a espinha dorsal de uma Revolução Colorida. Ele afirma o seguinte:

Se apenas uma pessoa internalizar a mensagem e ela começar a compartilhar com seus amigos mais próximos, que jamais sequer cogitaram que essa pessoa está sob influência involuntária de uma operação psicológica estrangeira, então o vírus de Mann começará a contaminar a sociedade, espalhando as ideias da Revolução Colorida por conta própria (KORYBKO, 2015, p.36).

Desse modo, é possível concluir que a propaganda exerce importante influência nas Revoluções Coloridas. Além de organizar a mente de grupo ou mente de colmeia, conceito que será discutido mais adiante, a propaganda, ajuda o movimento dentro de uma sociedade/cultura a manter as aparências de uma manifestação própria, singular, genuína e democrática.

1.1.1 Guerra Neocortical Reversa e a Programação Neurolinguística

É interessante salientar que as ideias de Szafranski (1994) sobre “Guerra Neocortical” mantém a discussão no mesmo nível, qual seja, o nível da psique (psicológico). Ao contrário de Clausewitz (1984) que foca o uso da força (meios militares) para dobrar a vontade do inimigo, Szafranski (1984) sugere o uso de disseminação de informação para dobrar indiretamente “o cérebro coletivo” do inimigo e, por correspondência, influenciá-lo a não lutar (dobrar sua vontade). Nesse caso, o autor argumenta que a melhor forma de fazer isso é estudar os valores, a cultura e a visão de mundo dos alvos, e, então, abordá-los com programação neurolinguística (SZAFRANSKI 1994, Apud KORYBKO 2015, p. 37). Para tanto “a Guerra Neocortical usa a língua, a imagem e a informação para atacar a mente do inimigo e alterar sua vontade de lutar. Ele escreve o seguinte:

A guerra Neocortical é uma guerra que se esforça por controlar ou moldar o comportamento dos organismos inimigos sem destruí-los. Para tanto, ela influencia até o ponto de regular a consciência, as percepções e a vontade da liderança do adversário: o sistema Neocortical do inimigo. Dito de maneira mais simples, a Guerra Neocortical tenta penetrar nos ciclos recorrente e simultâneo de “observação, orientação decisão e ação” dos adversários. De maneiras complexas, ela esforça-se por munir os líderes dos adversários – seu cérebro coletivo – de percepções, dados sensoriais e dados cognitivos projetados para resultar em uma gama de cálculo e avaliação estreita e controlada (o predominante grande e desorientadora) o produto dessas avaliações e cálculos são as escolhas e resultados que desejamos. Influenciar os líderes a não lutar é imprescindível (SZAFRANSKI 1994, p. 404).

No contexto das Revoluções Coloridas, a campanha de disseminação de informação visa influenciar indiretamente “o cérebro coletivo” do grosso da população, não dá liderança (KORYBKO 2015, p. 37). De acordo com Korybko (2015), esse modelo é a Guerra Neocortical aplicado no sentido inverso, e a ideia consiste em induzir a

população a se manifestar para derrubar o governo em vez de baixar a cabeça e se recusar a lutar.

1.1.2 Guerra Centrada em Rede e a Lei de Metcalf

No artigo publicado em 1998 (CEBROWSKI; GARSTKA, 1998) sob o título *Network-Centric Warfare: Its Origin and Future* (Guerra Centrada em Rede: Origem e Futuro), o vice-Almirante Arthur Cebrowski e John Garstka discutem o impacto das revoluções tecnológicas no caráter e na dinâmica dos negócios, na economia e na sociedade estadunidense. O aspecto central do artigo trata da mudança da “guerra centrada em plataforma” para a “guerra centrada em rede”. Basicamente essa transição é caracterizada pelo aumento exponencial das interações de informações entre os atores de um dado ecossistema traduzido como nós de computador na rede. Essa quantidade superior de informação passou a ser considerada uma vantagem competitiva no ambiente dos negócios.

Posteriormente, os autores argumentam que a guerra centrada em rede ofereceu ao setor militar estadunidense a mesma dinâmica produzida no mundo dos negócios. Eles explicam que a aproximação entre atores no ecossistema dos negócios foi traduzida no aperfeiçoamento das interações entre o centro de comando e as unidades em campo no ambiente de operação militar. Ou seja, a guerra centrada em rede permitiu uma transição de um estilo de guerra caracterizada pelo atrito, para um estilo de combate caracterizado pela nova concepção de “velocidade de comando” e “autossincronização”. Esse aperfeiçoamento nas interações permitiu às unidades em campo organizarem-se e sincronizarem-se a partir do próprio campo de operação militar.

É interessante notar que no artigo discutido ora em tela, os autores utilizam a Lei de Metcalf para afirmar que “o ‘poder’ de uma rede é proporcional ao quadrado de nós nela (CEBROWSKI; GARSTKA 1998, p.03). Ou seja, o poder ou benefício da computação centrada em rede advém das interações ricas em informações entre números de nós de computador heterogêneos na rede” (CEBROWSKI; GARSTKA 1998, p.03). Em seguida, eles afirmam que as grades de sensor, as grades de transação e a informação de alta qualidade configuram os três elementos fundamentais da arquitetura da guerra centrada em rede em nível estrutural.

Adaptando isso para as redes sociais humanas, os nós passam a ser os indivíduos que participam das Revoluções Coloridas e o seu poder agregado cresce à medida que

interagem para praticar a tentativa de golpe (KORYBKO 2015. P. 39). Como é dito por Korybko (2015), primeiramente, esse fenômeno acontece no ambiente das redes sociais, em seguida, em pessoas, através de práticas de ações não violentas (como será visto adiante) após o início da Revolução Colorida. O autor explica que a grade de sensor torna-se o ponto de contato inicial através do qual o indivíduo é munido das informações contra o governo. Ela pode ser virtual através de computadores e celulares (geralmente conectados com alguma agência de inteligência estrangeira), ou física, através da interação direta com uma organização governamental (ONG) (KORYBKO 2015. P. 39). Por sua vez, a grade de transação ou engajamento configura o catalisador para a ação, e, nessa operação, são as redes de mídias sociais que organizam os participantes e disseminam o chamado à ação nas Revoluções Coloridas (KORYBKO 2015. P. 39). Para Korybko (2015) esses “nós de ponto de contato” (organizadores externos Departamento de Estado dos Estados Unidos, CIA, ONG), ou “os nós ativos” (simpatizantes/dissidentes) são justamente os vínculos dinâmicos que unem todos os elementos entre guerra e política, entre planejamento e estratégia.

1.1.3 Guerra Social em Rede e a Rede Multicanal

Por volta de 1989, Lind (1989) previu como seriam as novas guerras, identificadas como guerra de quarta geração. Ele afirmou que essas guerras seriam mais fluidas, mais descentralizadas e mais assimétricas do que as guerras convencionais. O autor também assinalou que haveria maior ênfase na guerra da informação e em operações psicológicas (LIND 1989 apud Korybko 2015, p.16). As operações psicológicas podem tornar-se a arma operacional e estratégica dominante, assumindo a forma de intervenção midiática informativa, cujo principal alvo é atacar o apoio da população ao governo (LIND 1989)

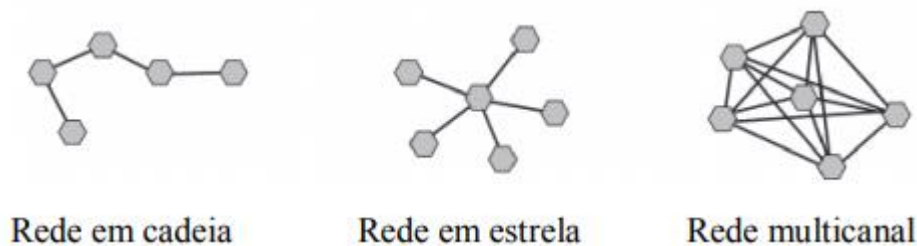
Sete anos depois, as previsões de Lind (1989) pareciam estar corretas. Em 1996, John Arquilla e David Ronfeldt publicaram o livro intitulado *The evaient Netwar* (O Advento da Guerra em Rede). Os autores defendem haver um novo tipo de conflito social no horizonte: redes sem líderes, compostas principalmente por atores desvinculados do estado. Aproveitar-se-iam da revolução da informação, isto é, da internet, para travar uma luta amorfa de baixa intensidade contra o governo estabelecido (ARQUILLA; RONFELD, 1996, p. 03). Para eles, a guerra em rede:

Refere-se a um modo emergente de conflito (e crime) nos níveis sociais, salvo guerra militares tradicionais, em que os protagonistas usam formas de organização em rede e doutrinas, estratégias e tecnologias relacionadas afinadas com a área da informação. Esses protagonistas provavelmente serão organização dispersas, pequenos grupos e indivíduos que se comunicarão, coordenarão e conduzirão suas campanhas de uma maneira conectada via internet, geralmente sem um comando preciso (ARQUILLA; RONFELD, 1996, p. 03).

Ou seja, o aperfeiçoamento das interações entre o centro de comando e as unidades de operação militar em campo, que permitiu que as unidades se organizassem e se sincronizassem, poderia ser aplicado e combinado com grupos dissidentes, insurgentes e com parcela da população insatisfeita com o governo do Estado-alvo. De acordo com Arquilla e Ronfeld (1996), essa estrutura organizacional não hierarquizada que dependente de uma poderosa doutrina ou ideologia, foca o poder brando, em especial “operações de informação” e “administração das percepções”, justamente para criar essa poderosa ideologia. Desse modo, eles afirmam que “a Guerra Social em Rede” encontra-se “na extremidade menos militar, de baixa intensidade e social do espectro” por ser mais difuso, disperso, multidimensional e não linear (ARQUILLA; RONFELD, 1996, apud KORYBKO 2015, p. 40).

Assim como Arquilla e Ronfeld (1996), Korybko (2015) também identifica três tipos de rede, como ilustrado na Figura 1:

Figura 1: Tipos de redes



Fonte: Korybko, 2015, p. 40.

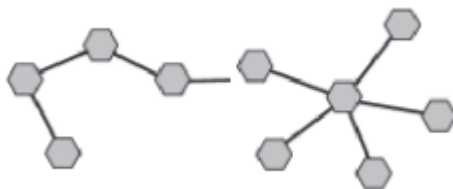
No primeiro momento, Korybko (2015) simplifica o pensamento dos autores da seguinte maneira: a rede em cadeia possui um comando centralizado; a rede em estrela é compartimentada e pode constituir uma célula dentro de uma rede maior; por fim, a rede multicanal satisfaz o modelo de “descentralização tática” que ocorre quando “os membros não têm que recorrer a uma hierarquia porque nesse momento “eles sabem o que têm que fazer” (KORYBKO, 2015, p.40). Isso faz das unidades individuais “uma só mente” e impõe um desafio extremamente difícil de contrapor por causa das ações ofensivas e defensivas, principalmente, porque nesses casos os ataques ocorrem em forma de enxames (KORYBKO, 2015, p.40).

Em seguida, Korybko (2015) demonstra como a guerra social em rede de Arquilla e Ronfeldt (1996) rapidamente torna-se muito complexa, porque a Guerra Híbrida aplica a combinação dos três tipos de formação em rede para a Revolução Colorida. Aqui o autor tece uma metáfora interessante e afirma que “da mesma forma que a célula dá vida ao organismo, a célula de uma rede social totalmente ‘interconectada’ dá vida à Revolução Colorida (KORYBKO, 2015, p. 42)”. Desse modo, ele aponta três fases para explicar como o fenômeno da Revolução Colorida surge até chegar ao nó de atuação independente e interconectada. De acordo com Korybko (2015), a primeira fase (o modelo em cadeia) da Revolução Colorida surge no exterior com a decisão de derrubar um governo não submisso. Em seguida, essa decisão passa à hierarquia administrativa até chegar ao nó de planejamento, onde uma rede em estrela começa a se formar (KORYBKO, 2015, p. 40).

Nessa fase, os quartéis gerais de várias organizações (CIA, Pentágono, NSA) juntam forças com nós autônomos institucionais (think tanks como o Council on Foreign Relations, universidades, embaixadas) que já produziram pesquisas sobre as perspectivas

de troca de regime e/ou publicações sobre o funcionamento sociocultural e civilizacional do país-alvo (KORYBKO 2015, p. 41).

Figura 2: Rede em cadeia e rede em estrela

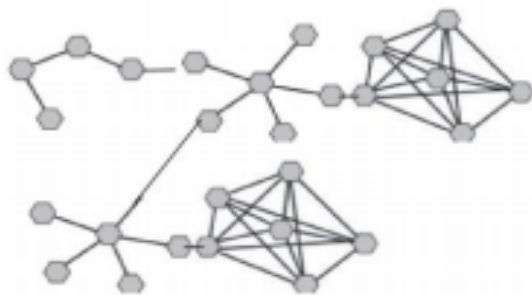


Fonte: Korybko, 2015, p. 41.

De acordo Korybko (2015), é durante a fase de planejamento que os organizadores externos ramificam-se para criar ou conectar-se aos “nós ativos” responsáveis de dar vida à Revolução Colorida. Como é dito por ele, os organizadores externos examinam as redes multicanais existentes em um ambiente social-alvo, e após estarem satisfeitos com as informações coletadas sobre as interações do alvo, eles tentam penetrar na sociedade através de meios físicos (em campo) e/ou virtuais (internet). No caso dos meios físicos, seriam os agentes de inteligência reais em campo cujo objetivo é montar o movimento da Revolução Colorida, ao passo que os meios virtuais se dariam pelo contato via internet com simpatizantes ou dissidentes (KORYBKO, 2015, p. 41).

Em seguida, Korybko (2015) segue explicando que os “nós ativos” são os indivíduos (agente de inteligência com simpatizantes/dissidentes entrincheirados) envolvidos numa operação de Revolução Colorida. Os simpatizantes/dissidentes entrincheirados são encarregados de criar suas próprias redes em estrela e multicanal, através das redes sociais online ou organizações não governamentais (ONGs) físicas. Desse modo, a medida em que mais líderes organizacionais são recrutados, novos “nós ativos” comunicando-se de maneira consciente ou não com agências de inteligência estrangeira possivelmente surgirão (KORYBKO 2015, p. 41). A ideia central consiste em aumentar exponencialmente o número de nós de acordo com a lei de Metcalfe, para maximizar a rede social, e alimentar a energia e o “momentum” social do movimento golpista (KORYBKO 2015, p. 41).

Figura 3: Rede multidimensional



Fonte: Korybko, 2015, p. 42.

Por fim, na Figura 3, vê-se a espinha dorsal que dá vida e sustenta todo o aparelho da rede multicanal. É a campanha de informação externa influenciada pelos ensinamentos de Bernays (1928) e aperfeiçoada pela programação neurolinguística de Zafranski (1984). Ou seja, quanto mais distantes as redes multicanais se tornam da rede em estrela, menos provável é que os indivíduos percebam a origem do movimento (KORYBKO, 2015, p. 42). Desse modo, se tudo for bem organizado e houver um intercâmbio fluido de entrada e saída através da rede, então os nós ativos dentro do estado-alvo tornam-se todos “uma só mente” (KORYBKO, 2015, p. 42). Korybko (2015) explica que a aplicação tática disso no contexto das Revoluções Coloridas é algo chamado “enxame”.

1.1.4 A Mente de Colmeia e o Sintagma Inteligência de Enxame

Korybko (2015) diz que Anna Piepmeyer, da Universidade de Chicago, escreveu um artigo em 2007 intitulado *Collective Consciousness* (PIEPMAYER, 2007). Nele, a autora define a Consciência Coletiva como “a condição do sujeito dentro da sociedade como um todo, e como qualquer dado indivíduo vem a se perceber como parte de dado grupo (PIEMPMEYER, 2007, p. 01). Em seguida, ela explica que a Consciência Coletiva é o “afeto/efeito em e dentro de qualquer dado público cujos pensamentos e ações são constantemente mediados por pressões externas (PIEPMAYER, 2007, p. 02)”. Korybko (2015) compreende essas pressões externas dentro da Guerra Híbrida no sentido específico da influência de organizações estrangeiras dedicadas a promover a agitação civil com vistas à troca de regime dentro de um Estado ou Sociedade-alvo. Piepmeyer (2007) afirma que:

A Consciência Coletiva é um termo muito propício para os teóricos da mídia, porque postula um, senão o, efeito das mídias cuja função primordial mais ampla consiste em transportar/transmitir/interpretar/retificar mensagens/informações de um lugar ao outro (PIEPMAYER (2007, p. 04).

Para Korybko (2015), essa afirmação está de acordo com o entendimento da Guerra Híbrida, sobre o papel das mídias sociais em gerar artificialmente discordância contra um governo, ou seja, as organizações de inteligência estrangeira, por meio de plataformas de mídia sociais e princípios da guerra em rede, podem fabricar a “consciência coletiva” ou a “mente de colmeia”. Ele explica que a “mente de colmeia” torna-se ativa quando seus membros participam de uma ação contra o governo, daí a transição para a “inteligência de enxame” (KORYBKO, 2015 p. 46). O termo “inteligência de enxame” foi utilizado pela primeira vez por Gianni Di Caro (2014), da Universidade de Washington, para descrever a inteligência artificial inspirada no comportamento de insetos sociais (formigas, abelhas, vespas), e como se aplica relativamente em seres humanos, operando dentro de uma rede social (GIANNI 2014, apud KORYBKO, 2015 p. 47).

Conforme Korybko (2015) os autores Arquilla e Ronfeldt (2000) contribuíram para o debate alargando o entendimento sobre o termo “inteligência de enxame”. De acordo com eles, as operações de informação avançadas, operando dentro de uma rede social, estabelece um novo padrão de conflito, qual seja, o conflito em forma de enxames. Eles escreveram sobre o tema quando publicaram o livro *Swarming and the Future of Conflict* (A Formação de Enxame e o Futuro dos Conflitos). Na obra, Arquilla e Ronfeldt (2000) apresentam o método de guerra, da “formação de enxame” da seguinte maneira:

Os enxames são aparentemente amorfos, mas são uma forma deliberadamente estruturada coordenada e estratégica para atacar de todos os lados, através de uma pulsação sustentável de força ou fogo, de perto bem como de longe. Eles funcionarão melhor – quiçá só funcionarão – se forem desenvolvidos principalmente em torno da mobilização de unidades de manobra inúmeras, pequenas, dispersas e interconectadas (ARQUILLA; RONFELDT, 2000, p. vii).

Para esses autores, essas operações envolvem a combinação, a coordenação e a mobilização das unidades militares e não militares no teatro de batalha. A estratégia subjacente é provocar a troca de regime pela lei da aglomeração. Korybko (2015) chama

isso de “bandos” organizados em “aglomerados”. Graças às técnicas de relações públicas e de propagandas advogadas por Bernays (1928), combinadas com as táticas da guerra neocortical reversa, é que essas partes díspares, unidades militares e não militares, tornam-se “uma só mente” e podem ser mobilizadas como uma unidade. Korybko (2015) argumenta que uma das melhores maneiras de fazer operações psicológicas para criar a mente de colmeia e promover a formação de enxame é usar as mídias sociais, particularmente o Facebook, o Youtube e o Twitter.

1.1.5 As Plataformas de Mídias Sociais

Mearsheimer (2007), em a Tragédia Política das Grandes Potências, argumentava sobre a dificuldade de projetar poder a outros continentes do globo devido às massas d’águas oceânicas. Todavia, essa dificuldade foi superada graças às vantagens das tecnologias de comunicação instantâneas como, as plataformas de mídia social do Facebook, YouTube e Twitter. Korybko (2015) demonstra como as agências de inteligência utilizam as plataformas de mídias sociais (em especial o Facebook) e o fenômeno do Big Data para organizar, filtrar e acompanhar o perfil “macrossocial” do povo num país-alvo a fim de potencializar seus mecanismos de projeção (KORYBKO 2015, p. 43). Por exemplo, os usuários do Facebook criam seu próprio perfil psicológico através de informações que publicam voluntariamente, através das curtidas que produzem e dos amigos e grupos online (KORYBKO 2015, p. 43). Para Pepe Escobar (2020), o Facebook é um caso clássico de vigilância consentida e da servidão voluntária, pois todos os dados pessoais dos usuários estão à mercê do sistema de computadores acoplado às agências de inteligência dos Estados Unidos.

Como é dito por Korybko (2015) Brett Van Niekerk e Manoj Maharaj (2012) escreveram um artigo em 2012 para o International Journal of Communication sobre Social Media and Conflict of Information (as Mídias Sociais e o Conflito da Informação). Nele, eles explicam como as plataformas de mídias sociais foram utilizadas para organizar protestos em larga escala e realizar operações de influência em todo mundo (KORYBKO 2015, p. 43). Para Nierkerk e Maharaj (2012) a “Primavera Árabe” é um exemplo dessas operações, ou seja, as mídias sociais ajudaram a orquestrar e a instigar os distúrbios sociais massivos que resultaram na mudança dos governos, tanto no Egito quanto na Tunísia, e a guerra civil na Líbia, na Síria e em outros países do Oriente Médio.

Na obra, os autores explicam como as organizações de inteligência podem encontrar informações valiosas acerca de alvos em potencial através de seus perfis no Facebook, isso porque o Facebook acompanha, armazena e traça o perfil dos gostos e preferências de seus usuários para melhorar sua “publicidade dirigida” (NIERKERK; MAHARAJ, 2012, apud KORYBKO 2015, p. 43). Desse modo, se para Cebrowski (1998), a economia influenciou a teoria da guerra centrada em rede, para Korybko (2015), a teoria da Guerra Híbrida sugere que ela também influenciou a aplicação da Guerra Social em Rede para as Revoluções Coloridas, ou seja, a “publicidade dirigida” pelo movimento das Revoluções Coloridas imita a do próprio Facebook, embora, para fins políticos em vez de econômico (KORYBKO, 2015, p. 43).

Assim, o Facebook oferece a melhor plataforma de mídia social para por em prática as teorias e estratégias de Bernays (1928), Szafranski (1984), Arquilla e Ronfeldt (1996), Cebrowski e John Garstka (1998), visto que o Facebook lida com a administração das percepções. Através da engenharia social, o Facebook é uma ferramenta para operações psicológicas (KORYBKO, 2015, p. 43). O que isso significa é que o Facebook incorpora tanto a grade de sensor, quanto a grade de transação do nível estrutural da guerra centrada em rede, ou seja, ele é ao mesmo tempo o ponto de contato inicial através do qual os indivíduos são munidos das informações contra o governo, como o catalisador que organizam os participantes e disseminam o chamado à ação nas Revoluções Coloridas.

No entanto, Korybko (2015) vai além e demonstra como as agências de inteligência estrangeira usam de forma combinada o Google Maps, o YouTube, o Facebook e o Twitter para orientar rapidamente os indivíduos, líderes ativistas, treinados para manobrar de forma espontânea, protestar e dispersar e, desse modo, dar a impressão de um movimento genuinamente democrático. Korybko (2015) explica esse processo da seguinte maneira:

Ele [Facebook] recruta apoiadores e permite a criação de grupos fechados onde ativistas contra o governo podem se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a Revolução Colorida, o Google Maps é usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas (geralmente parque), onde os ativistas podem se organizar de antemão e identificar os melhores lugares para um enxame de manifestante.

Durante o combate urbano contra os serviços de segurança, o Google Maps pode rapidamente exibir rota de fuga para os combatentes e eva-los a elaborar estratégica para os seus ataques. Essas informações,

incluindo a difusão de mensagem de qualquer natureza a todos os membros do movimento, podem ser transmitidas instantaneamente via Twitter. Por fim, os ativistas podem filmar os procedimentos com os seus telefones celulares e publicar vídeos favoráveis ao movimento (potencialmente enganoso ou editados) no YouTube.

Eles podem então usar as mesmas contas no Twitter e Facebook, ou outras para fazer propaganda dos seus vídeos na internet na tentativa de obter o máximo de visualização possível. O objetivo de tudo isso é fazer com que o movimento da Revolução Colorida torne-se “viral” ganhando exposição internacional (no Ocidente) e, com isso, abrir espaço para que os Estados Unidos e outros governos, façam declaração públicas e tentem se envolver diplomaticamente nos assuntos soberanos de um estado independente (KORYBKO, 2015, p.49).

Como é dito por Korybko (2015), as organizações de inteligência não são meros usuários passivos das mídias sociais. Elas instigam a agitação civil e fomentam uma “mente de colmeia” em Estados-alvo. Esses são os verdadeiros objetivos por trás do envolvimento encoberto do governo dos Estados Unidos no Facebook e noutras redes sociais (KORYBKO, 2015, p. 43).

1.1.6 Métodos de Ações Não Violentas

Fruto da revisão de sua tese de doutorado, Gene Sharp (1973) publicou em 1973 a obra *The Politics of Nonviolent Action*. Nela, o autor apresenta uma teoria do poder, de como ele se sustenta nas sociedades e de como a não violência pode ser utilizada para superá-lo (FARIAS 2018 p.13). Com base nas ideias centrais do escritor francês do século XVI, Etienne de La Boetie, Sharp (1973) desenvolve sua teoria do poder baseada “no consentimento”. Sharp (1973) esclarece que o poder não está centralizado na figura do governante, mas sim numa variedade de grupos e “locais de poder” dentro da sociedade, sempre fluindo de baixo para cima. Nesse sentido, para o autor, esse poder é frágil e sempre dependente do abastecimento de suas fontes de poder que é sustentada pelo consentimento de uma multidão de pessoas e instituições, consentimento esse que pode ser contínuo ou não (SHARP 1973, p. 08).

Desse modo, para Sharp (1973), a retirada do consentimento, isto é, a quebra da relação da obediência entre governante e governados, é o alvo principal almejado da ação não violenta. De acordo com ele, o objetivo final é sempre minar a cooperação que cada indivíduo presta ao governador, desde o cidadão privado mais humilde e cumpridor das

leis, até o burocrata mais graduado. Sobre as fontes de poder, Sharp (1973) afirma que os governantes ou o Estado obtém o poder através das seguintes fontes abaixo:

1. Autoridade: [...] A autoridade pode ser definida como o direito de comandar e dirigir, de ser ouvido e obedecido pelos outros, aceito voluntariamente pelo povo e, portanto, existindo sem a imposição de sanções. O possuidor da autoridade pode não ser realmente superior; basta que seja percebido e aceito como superior. Embora não seja o mesmo que poder, a autoridade é, no entanto, claramente uma das principais fontes do poder.

2. Recursos humanos: o poder de um governante é afetado pelo número de pessoas que obedecem a ele, cooperam com ele, ou lhe fornecem uma assistência especial, bem como pela proporção de tais pessoas na população em geral, e a extensão e as formas de sua organização.

3. Habilidades e conhecimentos: o poder do governante é também afetado pelas habilidades e conhecimentos dessas pessoas, e a relação dessas pessoas com as necessidades dele.

4. Fatores intangíveis: fatos psicológicos e ideológicos, tais como hábitos e atitudes frente à obediência e à submissão, e a presença ou ausência de uma fé comum, ideologia ou senso de missão, afetam o poder do governante em relação ao seu povo.

5. Recursos materiais: o grau de controle que possui um governante sobre propriedades, recursos naturais, recursos financeiros, o sistema econômico, os meios de comunicação e transporte ajuda a determinar os limites de seu poder.

6. Sanções: a fonte final do poder de um governante se constitui pelo tipo e pela extensão das sanções de que ele dispõe, tanto para usar contra seus próprios súditos, quanto em conflitos com outros governantes (SHARP, 1973, p.11-12).

Em seguida, após um estudo minucioso das fontes de poder, Sharp (1973) demonstra que elas dependem intimamente da obediência e cooperação dos súditos. De acordo com ele, a razão para isso pode ser explicada a partir de alguns elementos como: o hábito, o medo de ser sancionado, o senso de obrigação moral, o interesse próprio na forma de obtenção de vantagens e recompensas, a identificação pessoal com o governante. No entanto, Sharp (1973) faz uma importante revelação e afirma que qualquer que seja o motivo, ou a combinação de motivos atuando em uma condição específica, deve se ter em mente que “a obediência não é inevitável”, e na prática a adesão

ou não às normas vigentes variam porque antes da adesão a alguma norma, ela passa pela avaliação de cada indivíduo, alguns optando por desobedecer desde o primeiro instante, enquanto outros, só em algumas situações (FARIAS 2018 p.15). Nesse sentido, segundo o autor, a obediência é essencialmente voluntária.

Avaliando os resultados práticos dessas questões, Sharp (1973) percebeu que mesmo um regime que se acredita ser um poder monolítico, e parece ser um, pode ser enfraquecido e despedaçado pela debilitação e rompimento de suas fontes de poder (FARIAS 2018 p.15) Por isso, Sharp (1973) acrescenta 198 métodos de ações não violentas à sua teoria para demonstrar como isso pode ser feito. A maioria deles, diz respeito às técnicas de desobediência em massa convencionais, a saber: 1. Discursos Públicos; 7. Slogans, caricaturas e símbolos; 38. Marchas; 47. Assembleias de protesto ou de apoio; 63. Desobediência social; 124. Boicote às eleições; 131. Recusa em aceitar funcionários nomeados; 173. Ocupação não violenta; 183. Ocupação de terra não violenta; 198. Dupla soberania e governo paralelo. Outras são, no mínimo, inovadoras: 12. Mensagens no céu e em terra; 22. Protestos nus; 30. Gestos obscenos; 32. Desacato a autoridades; 44. Representação de funerais; 69. Desaparecimento coletivo; 140. Esconderijo, fuga e identidades falsas; 158. Auto Exposição aos elementos; 159. Greve de fome; 178. Teatros de guerrilha.

Assim, de acordo com Korybko (2015), ao formular essa base teórica sobre como poder político se sustenta na sociedade e os métodos para superá-los, Sharp (1973) ofereceu um manual de guerra de ações não violentas para os atores das revoluções coloridas. Korybko (2015) afirma que os métodos não violentos de resistência desenvolvidos por Sharp (1973) dão à revolução colorida a aparência de um movimento genuíno e democrático. Não só isso, o autor defende que os métodos de Sharp (1973) rebatizadas em sua obra mais célebre “Da Ditadura à Democracia: uma Estrutura Conceitual para a Libertação” foram colocados em prática com sucesso em algumas áreas mais politicamente vulneráveis do mundo para levar a cabo a desestabilização caótica e a troca de regime (KORYBKO 2015, p.54).

1.2 A GUERRA NÃO CONVENCIONAL

Esta seção, além de conceituar o que é guerra não convencional, busca destacar o papel dos atores desvinculados do Estado (movimentos contra o governo, terroristas e

mercenários) e como eles são combinados numa mesma rede. Em seguida, aborda o sigiloso documento da Special Force of Unconventional Warfare dos Estados Unidos conhecido como TC 18-01 e trata das sete fases e das sete variáveis que, segundo o documento, são fundamentais para o sucesso da guerra não convencional. Sustenta que o estudo da psicologia de um grupo-alvo antes do início de uma revolução colorida pode ajudar a definir melhores planos para as campanhas da Guerra Não Convencional.

1.2.1 Guerra Não Convencional e os Atores Desvinculados dos Estados

There is another type of warfare—new in its intensity, ancient in its origin—war by guerrillas, subversives, insurgents, assassins; war by ambush instead of by combat, by infiltration instead of aggression, seeking victory by eroding and exhausting the enemy instead of engaging him. It preys on unrest (Kennedy, 1962).

Em 2012, o Tenente-Coronel Brian Petit escreveu um artigo para a Special Warfare, a publicação trimestral oficial do John F. Kennedy Special Warfare Center and School do Exército dos Estados Unidos. Nele, Petit (2012) discute o papel das mídias sociais durante a Primavera Árabe e suas implicações para as missões de Operações Especiais da Guerra Não convencional dos Estados Unidos. De acordo com o autor, as mídias sociais, os blogs, as informações agregadas, os vídeos compartilhados, as transmissões ao vivo, atuaram de forma decisivas nas ações mais extrema da revolução político social na Tunísia, no Egito, na Síria e no Bahrein. Nesse sentido, ele defende que o estudo sistemático, a prática e o emprego eficiente das futuras Guerras Não Convencionais devem considerar de forma deliberada a incorporação das mídias sociais nas operações de combate. Na obra, Petit (2012) define a Guerra Não Convencional como:

Atividades conduzidas para viabilizar um movimento de resistência ou insurgência a coagir, abalar ou derrubar um governo ou poder ocupante por operação através de ou com uma força clandestina, auxiliar e guerrilheira em uma área renegada. [A Guerra Não Convencional] não é um mecanismo que atua com vistas a criar as condições para uma revolução – em vez disso, ela apodera-se de uma infraestrutura política, militar e social pré-existente e a apoia com vistas a acelerar, estimular e incentivar ações decisivas baseadas em ganho político calculado e nos interesses nacionais dos EUA (PETIT 2012, p. 02).

Korybko (2015) destaca a última parte da definição de Petite (2012) sobre Guerra Não Convencional. Para aquele autor, fica evidente que a Guerra Não Convencional não ocorre sozinha e de forma espontânea, em vez disso, ela é a continuação de um conflito já existente na sociedade e sua função é ajudar um movimento atuando dentro de um conflito a derrubar a autoridade-alvo (KORYBKO 2015, p. 58). Nesse sentido, Korybko (2015) vai além e especula que, na guerra híbrida, o conflito pré-existente, é uma Revolução Colorida, fabricada externamente, e que a guerra não convencional pode ser iniciada secretamente, quase que imediatamente após o início da Revolução Colorida para atuar como multiplicador de força (KORYBKO 2015, p. 58).

Korybko (2015) segue afirmando que a Guerra Não Convencional também pode ser compreendida como qualquer forma não convencional de guerra, incluindo guerra de guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo. Não só isso, ela inclui especificamente combatentes não convencionais, tais como os mercenários, forças operacionais especiais uniformizadas e outros atores desvinculados do Estado. Como foi mencionado no início deste trabalho, após o fim da Guerra Fria, além dos movimentos contra o governo, um dos atores desvinculados do Estado mais influentes que alcançaram a notoriedade global são terroristas e mercenários. No contexto da Guerra Híbrida, Korybko (2015) afirma que essas três categorias, “movimento contra o governo, terroristas e mercenários” são combinadas em uma mesma rede.

É nesse sentido que para ele, os agitadores contra o governo de Bashar Al-Assad que iniciaram a tentativa de Revolução Colorida lutaram pelo mesmo objetivo de troca regime que os terroristas internacionais, e em muitos momentos, os dois se tornam uma “coisa só”. Não só isso, ele afirma que os governos estrangeiros contratam e financiam abertamente os salários dos combatentes durante o início e o desenvolvimento das operações da Guerra Não convencional.

1.2.2 O Manual de Campo da Guerra Não Convencional

O General Mulholland (2019) escreveu uma monografia para a Joint Special Operations University and the Center for Strategic Studies. Nela, o autor afirma que os governos dos Estados Unidos devem apoiar o movimento de resistência ou insurgência, cujo objetivo é derrubar o regime estabelecido, principalmente se esse regime é hostil em suas relações com os Estados Unidos, ou de alguma maneira, representa uma ameaça aos

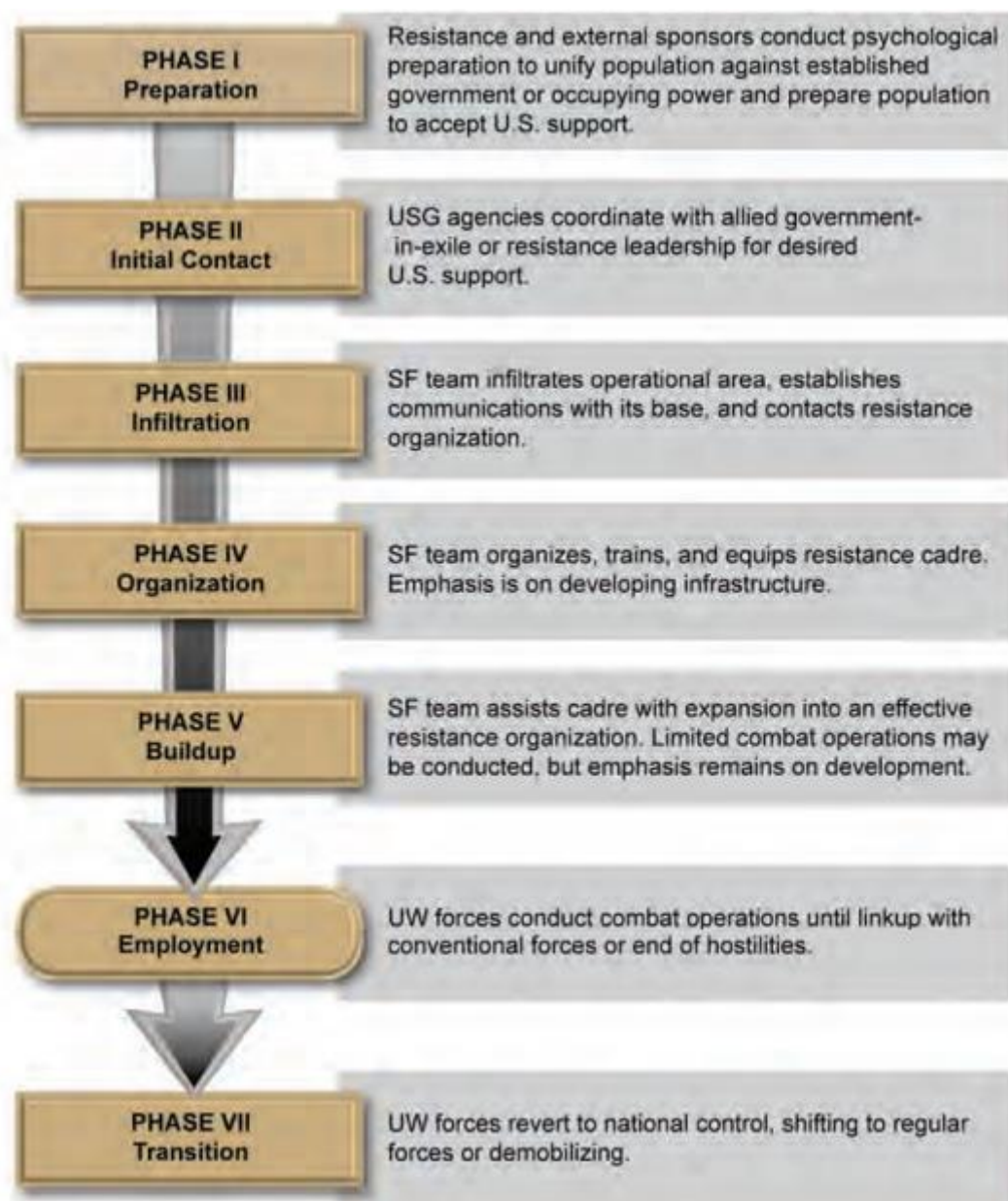
interesses de segurança estratégica dos Estados Unidos (MULHOLLAND 2019, p. 175). Sua obra incorpora o sigiloso documento de treino “Special Force Unconventional Warfare” do Exército dos Unidos. Esse documento, também conhecido como TC 18-01, foi vazado por um informante e acabou publicado na página da NSNBC International, no início de 2012 (KORYBKO 2015, p. 68).

O documento expressa abertamente que, no futuro previsível, as forças dos Estados Unidos irão se engajar de forma predominante em operações de guerras irregulares. Desse modo, para Korybko (2015), esse sigiloso documento TC 18-01 Special Force Unconventional Warfare serve de manual de guerra para Guerra Não Convencional, assim como os 198 métodos de resistência não violento de Gene Sharp (2002) e serve de manual das ações não militares para as Revoluções Coloridas. Nesse sentido, como é dito por Korybko (2015), o documento TC 18-01 expressa uma visão geral acerca dos conselhos táticos para prática de uma guerra não convencional. Ele afirma que há duas formas de guerra não convencional: a primeira, em que os Estados Unidos esperam a hora certa para intervir oficialmente, cenário caracterizado como “cenário de guerra geral” (KORYBKO 2015, p. 68). Esse cenário pode ser aplicado à crise na Síria, em particular, antes do incidente com as armas químicas em agosto de 2013 (KORYBKO 2015, p. 68). A segunda, em que a intervenção oficial dos Estados Unidos é improvável, ou seja, “cenário de “guerra limitada”. Este último reflete os eventos estruturais da Ucrânia no ano de 2013 e 2014. Como é dito pelo autor, os cenários de guerra geral são conduzidos com o objetivo de preparar o campo de batalha para uma intervenção convencional dos Estados Unidos ou dividir as forças inimigas (KORYBKO 2015, p. 68), ao passo que operações para troca de regime, na esfera de influência da Rússia, como no caso da Ucrânia, são conduzidas através do “cenário de guerra limitada” da Guerra Não Convencional, e busca-se tão somente pressionar o adversário em vários níveis até alcançar a troca de regime.

1.2.3 As Setes Fases da Preparação para a Guerra Não Convencional

O documento TC 18-01 oferece uma construção conceitual das sete fases da Guerra Não Convencional para ajudar os planejadores dos Estados Unidos. Eis um exemplo do seu conteúdo.

Figura 4: As Sete Fases da Guerra Não Convencional



Fonte: Special Force Unconventional Warfare, 2010, p. 09.

É interessante notar na descrição da primeira fase que o estudo minucioso da psicologia de uma sociedade/cultura-alvo, antes do início de uma operação de Revolução Colorida, pode ajudar as campanhas da Guerra Não Convencional a elaborar planos sob medida. Nesse sentido, o documento TC 18-01 faz uma interface com as táticas de “operações psicológicas” das Revoluções Coloridas e revela que as atividades de informação que aumentam a insatisfação com o regime ou com o governante hostil, ao

mesmo tempo em que retratam a resistência como alternativa viável, são elementos importantes para os esforços da resistência. De acordo com o manual, essas atividades podem aumentar o apoio à resistência através de mensagens apelativas que geram simpatia entre a população. O manual aborda como as operações de apoio à informação militar (MISO) podem fazer o seguinte (KORYBKO 2015, p. 69):

- Determinar fatores psicológicos-chave no ambiente operacional;
- Identificar ações com efeitos psicológicos que sejam capazes de causar, mudar ou reforçar comportamentos desejados em grupos ou indivíduos que são alvos identificados;
- Moldar as percepções da população para apoiar os objetivos da Guerra Não Convencional;
- Contra-atacar informações “falsas ou difamações” do inimigo que possam minar a missão de Guerra Não Convencional.

Por outro lado, Korybko (2015) afirma que sete variáveis são determinantes para o sucesso da Guerra Não Convencional, quais sejam: a liderança; a ideologia; os objetivos; o ambiente e a geografia (inclusive sociais); o apoio externo; o faseamento e *timing*; e, padrões organizacionais e operacionais. O autor salienta que é importante que todos esses fatores estejam em ordem antes do início da Guerra Não Convencional. Isso se dá pelo fato de que, como argumenta Mann (1992), ao falar sobre a Teoria do Caos e o pensamento estratégico, “esses sistemas caóticos, isto é, Revoluções Coloridas e Guerra Não Convencionais demonstram sensível dependência das condições iniciais (KORYBKO 2015, p. 70). Nesse sentido, uma leve perturbação em qualquer um desses estímulos, leva a resultados desproporcionalmente diferentes (KORYBKO 2015, p. 70).

Para Korybko (2015), o *faseamento* e o *timing* são os fatores mais relevantes da Guerra Híbrida. Ele acredita que todo empreendimento da Revolução Colorida e por correspondência o da Guerra Não Convencional pode-se tornar um fracasso se o *timing* e o *faseamento* não for acertado. Para tanto, o autor aponta os três estágios em que o *timing* e o *faseamento* podem ser divididos, qual sejam, a fase latente ou incipiente, a guerra de guerrilha e por fim a guerra de movimento. A primeira tem relação direta com a fabricação das condições iniciais ideais, como as operações psicológicas das Revoluções Coloridas, movimento de resistência pacífica. O segundo, a guerra de guerrilha, afirma-se que, para que uma guerra não convencional inicie com êxito e recrute o máximo de

possível, deve haver uma fagulha que desencadeie uma insurreição popular contra o poder do governo (KORYBKO 2015, p. 71). O último estágio, envolve a guerra de movimento que é descrita como uma ação para provocar o colapso do governo existente por ações militares ou ações militares não convencionais.

1.3 TEORIAS E ESTRÁTEGIAS MILITARES

Esta seção discorre sobre os aspectos relevantes de cada teoria, estratégia e táticas militares e como esses conceitos podem ser aplicados tanto por uma operação de Revolução Colorida, quanto por uma Guerra Não Convencional para elevar a complexidade e o impacto da Guerra Híbrida. Busca demonstrar com esses conceitos elevam a atratividade pela desestabilização oculta e indireta dos países-alvo.

1.3.1 A Estratégia dos Cinco Anéis

Em “Os fundamentos da ciência da guerra”, Fuller (1925) introduziu o conceito de Ordem Tríplice. Para esse autor, uma vez que o homem consiste em corpo, mente e alma, as guerras como atividades do homem devem estar sujeitas a uma constituição semelhante. Adotando a ordem tríplice como estrutura para seu estudo militar, Fuller (1925) postulou três esferas de guerra, a saber: física, mental e moral. Evidentemente, essas esferas lidam com destruição da força física do inimigo (poder de combate), desorganização de seus processos mentais (poder de pensamento), e desintegração de sua vontade moral para resistir (poder de permanência). O autor acrescenta que as forças que operam dentro destas esferas a fazem de forma sinérgica, não isolada.

É interessante notar que assim como Fuller (1925) e Warden (1995) enxergam o inimigo como um sistema. De acordo com Warden (1995), existem cinco centros de gravidade principais que mantêm uma força unida. São eles, a liderança (o mais importante), a base do sistema, a infraestrutura, a população e o mecanismo de combate. Para esse autor, todos os cinco centros (anéis) operam e atuam de maneira integrada, como é possível verificar na imagem a seguir.

Figura 5: Cinco Anéis



Fonte: Korybko 2015, p. 18.

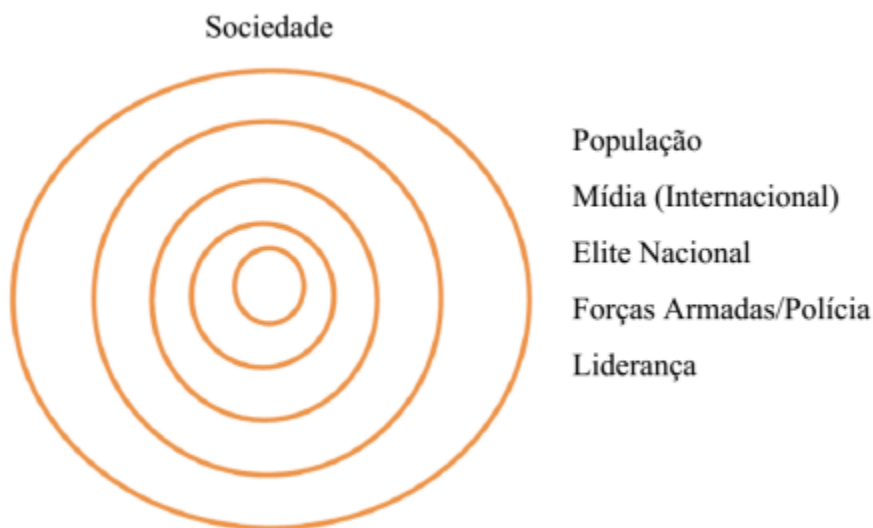
Nesse sentido, diante da possibilidade de alcançar uma vitória estratégica, Warden (1995) defende abertamente um ataque direto contra os centros vitais do inimigo. Ele defende que quanto mais central o anel visado, mais eficaz o ataque em virtude de seu centro gravitacional. Por outro lado, explica que um golpe contra as bases do sistema, afetará de forma mais ou menos significativa, todos os circuitos a sua volta, ao passo que atingir as forças militares em campo mantém o ataque isolado somente a esse anel (WARDEN, 1995 apud KORYBKO, 2015, 18).

O conceito estratégico dos Cinco Anéis de Warden (1995) serve de base para os dois pilares da Guerra Híbrida. No caso da Guerra Não Convencional, Korybko (2015) argumenta que durante as ofensivas, as forças combatentes buscam colapsar o sistema atacando paralelamente cada um desses centros. No entanto, o autor salienta que há uma atenção especial voltada para os três círculos do meio, quais sejam, população, infraestrutura e bases do sistema. Por outro lado, o autor explica que o ataque contra as forças armadas em campo ou contra a liderança, ou seja, os dois círculos opostos e mais extremo do sistema às vezes pode ocorrer, mas adverte que no primeiro caso, o empreendimento militar pode surtir o efeito contrário e se voltar contra os atores da Guerra Não Convencional, enquanto no segundo, pode ser difícil encontrar uma brecha para atacar um alvo tão chamativo (KORYBKO 2015 p. 18).

A busca do ataque aéreo estratégico de Warden (1995) cujo objetivo visa a paralisia estratégica do inimigo, a partir da identificação das fragilidades dos centros vitais, pode ser transplantado da esfera militar para o campo social e aplicado em dois aspectos fundamentais durante a Revolução Colorida, quais sejam, coleta e análise de dados e campanhas de informação. Obviamente, o primeiro visa identificar os anéis mais vulneráveis, o segundo visa abordar esses anéis vulneráveis com uma campanha de operações psicológicas. Como é dito por Korybko (2015), dependendo da civilização/cultura-alvo, há diferentes anéis para “vender” as informações, para provocar uma epidemia política.

Por outro lado, Korybko (2015), atento estudioso dos postulados de Warden (1995), afirma que no caso das Revoluções Coloridas, os Cinco Anéis apresentam-se de forma diferente. Nesse sentido, ele esclarece que há apenas dois conjuntos distintos de anéis para cada alvo, são eles, a sociedade e o indivíduo. O autor explica que durante a Revolução Colorida, a sociedade é visada “em masse” uma vez tomada a decisão de dar início à desestabilização do sistema social. Desse modo, o próximo gráfico põe em perspectiva os conteúdos do conjunto social a partir do anel mais externo, seguindo para o mais interno:

Figura 6: Cinco Anéis – modelo sociedade

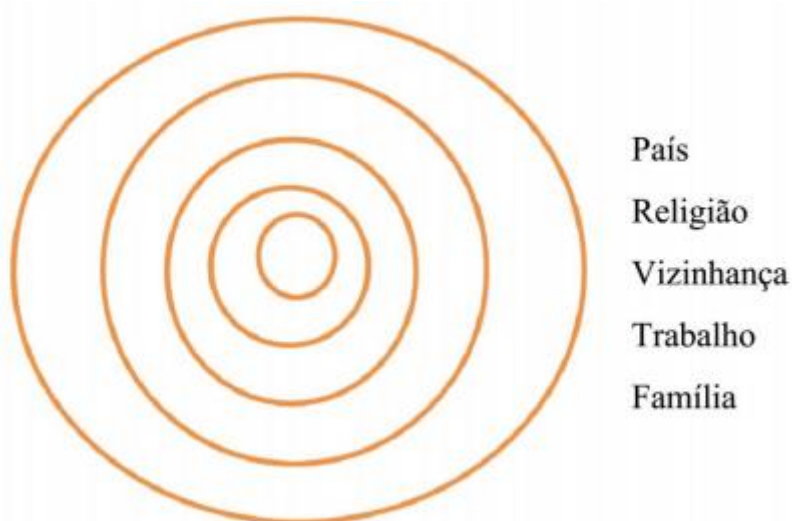


Fonte: Korybko 2015, p. 19.

A Revolução Colorida é excelente para tomar o poder e derrubar a liderança do Estado-alvo. Ela é eficiente para essa finalidade porque une a população em forma de enxame através das plataformas de mídias sociais e princípio de guerra centrada rede. Esse modelo permite que as instituições públicas que representam o governo-alvo sejam subjugadas. Korybko (2015) apresenta um quadro ainda mais dramático durante a fase de Revolução Colorida. Ele diz que se a população (o anel mais externo do sistema) une-se para atingir diretamente o anel mais interno e as forças armadas policiais vêm ao socorro do anel-núcleo (liderança) e são bem sucedidas em repelir a ofensiva, está armado o cenário para a segunda fase da Guerra Híbrida, ou seja, a Guerra Não Convencional.

Para Korybko (2015), a elite tem poder e capacidade para influenciar a mídia e a população, no entanto, é incapaz, em grande medida, de induzir as forças armadas ou a polícia a se engajar na luta. Já as mídias internacionais e nacionais exercem influência com graus variados de importância sobre a população (KORYBKO 2015, p. 19). Isso depende de cada alvo. Por fim, o indivíduo é o segundo alvo da Revolução Colorida, e de acordo com o autor, o movimento procura arregimentar o máximo possível deles antes de dar início a uma operação de desestabilização (KORYBKO 2015, p. 19). Nesse caso, ele diz que os anéis são diferentes para cada cultura e demografia etária. Isso se dá pelo fato de que existem muitas variações para cada Estado-alvo. Uma das possibilidades são oferecidas abaixo.

Figura 7: Cinco Anéis – modelo indivíduo



Fonte: Korybko 2015, p. 20.

Como mencionado acima, antes do início de uma Revolução Colorida, os valores, a cultura e a visão de mundo dos indivíduos são estudadas. O objetivo disso é descobrir qual círculo-núcleo é mais vulnerável, para então abordá-lo. De acordo com Korybko (2015), a família é o núcleo da vida do indivíduo, logo as vantagens da operação crescem se a campanha de informação explorar essa vulnerabilidade, convencendo a pessoa a aderir ao movimento em nome da família. O mesmo princípio se aplica se o movimento apelar para os sentimentos patriotas do indivíduo (KORYBKO 2015, p. 20), no entanto, o autor argumenta que em algumas culturas a maioria da população não dá importância a esse conceito, nesses casos o movimento não terá êxito.

1.3.2 Abordagem Indireta e o Loop Ooda

Korybko (2015) afirma que uma das características que distingue a Guerra Híbrida de outros tipos de guerra é que ela é em grande medida indireta. Seja através de uma guerra assimétrica ou de operações psicológicas, os alvos não são tipicamente atacados por via direta (KORYBKO 2015, p.21). Isso se dá pelo fato de que, como argumenta o autor, durante uma operação de Revoluções Coloridas ou de Guerra Não Convencional nenhuma força externa convencional é usada. Ele explica que em vez de enviar um exército diretamente para travar uma batalha contra um Estado ou contra suas forças armadas num território bem definido, as Revoluções Coloridas ou a Guerra Não Convencional travam uma guerra indiretamente, atacando seletivamente várias partes dos cinco anéis (KORYBKO 2015, p.21).

Nesse último trecho, o autor discute o conceito de abordagem indireta oficialmente institucionalizado em 1954 por B. H. Liddel Hart. Na obra *The Strategic of Indirect Approach (A Estratégia da Abordagem Indireta)*, Hart (1954) argumenta que a perturbação do equilíbrio psicológico e físico do inimigo era por excelência e prática uma estratégia vital para uma tentativa bem sucedida de derrubar o inimigo. De acordo com ele, essa perturbação é produzida por uma abordagem estratégica indireta e pode assumir diversas formas. Nesse sentido, o autor defendia a necessidade de aproximar-se do inimigo por métodos inesperados e indiretos.

Posteriormente, Korybko (2015) destaca o conceito da imprevisibilidade e faz uma interface com a estratégia do Loop OODA de John Boyd (1995). Inicialmente

concebida para ajudar os pilotos combatentes, Boyd (1995) argumenta que todo comportamento racional humano pode ser compreendido como ciclo contínuo de quatro tarefas distintas quais sejam: a observação, a orientação, a decisão e a ação. Ele defende que o indivíduo antes de tomar uma decisão, observa a situação, orienta-se, decide, e só então age. Nesse sentido, para ele, a imprevisibilidade inerente à abordagem indireta dribla o Loop OODA do inimigo, desorienta e debilita sua capacidade de tomar decisões certas e de agir de maneira apropriada. De acordo com o autor, a imprevisibilidade constitui o calcanhar de Aquiles e se aplica a todos os campos da vida. Assim, Korybko (2015) conclui seu raciocínio afirmando o seguinte:

as revoluções coloridas desorientam a polícia e as forças armadas porque suas manifestações são propositalmente estruturadas para aparecer imprevisíveis e as guerras não-convencionais a natureza e prática são dotadas dessa qualidade (KORYBKO, 2015, p. 21).

Desse modo é possível compreender que a imprevisibilidade e a abordagem indireta permeiam todos os aspectos da revolução colorida e da Guerra Não convencional. Ela preenche os espaços do espectro multidimensional da Guerra Híbrida atacando o inimigo por vias indiretas.

1.3.3 A Estratégia do Caos

Segundo Korybko (2015), Mann (1992) é o primeiro a advertir que o entendimento do caos difere daquilo que se entende por caos, ou seja, Mann (1992) é o primeiro a ver certa ordem no caos. Ele afirma que, embora pareça à primeira vista desordenado, é possível observar esporadicamente certos aspectos de ordem padronizado em meio ao caos (MANN 1992 Apud KORYBKO 2015, p. 22). Ele entende o caos como sinônimo de “dinâmica não linear” e aplicável a “sistemas com números” muito grandes e partes em constante transformação (MANN 1992 Apud KORYBKO 2015, p. 22).

A teoria do caos de Mann (1992) faz uma interface direta com a estratégia dos Cinco Anéis de Warden (1995) no sentido de que, assim como Warden (1995) analisa o inimigo como um sistema, na tentativa de identificar os centros de gravidade mais vulneráveis, para fazer um ataque estratégico, Mann (1992) apud Korybko (2015) especula que para chegar a uma descrição precisa do ambiente, e desse modo estar em condições de criar estratégias que promovam os interesses de política externa de

segurança nacional, é preciso considerar algumas variáveis da qual o caos é dependente. De acordo com ele, essas variáveis são as seguintes:

- Formato inicial do sistema;
- Estrutura subjacente do sistema;
- Coesão entre os atores;
- Energia de conflito dos atores individuais.

Com base no pensamento estratégico de Mann (1992), Korybko (2015) argumenta que embora estas quatro variáveis apliquem-se na mesma medida para os dois pilares da Guerra Híbrida, elas se apresentam de forma diferente para cada pilar. Por exemplo, o formato inicial da situação social no país-alvo é tão importante para uma Revolução Colorida quanto o “formato inicial” da situação física, militar e da infraestrutura é para a Guerra Não Convencional (KORYBKO 2019, p. 22). Segundo Korybko, (2015) Mann (1992) utiliza uma metáfora computacional para explicar como o caos pode ser criado, espalhado, diminuído ou direcionado numa determinada sociedade/cultura-alvo. Para tanto, ele põe em perspectiva a última variável “a energia de conflito dos atores individuais” e nesse sentido faz uma analogia entre “homens e máquinas”, “consciência e software”, ele diz:

Para semear o caos, basta mudar a energia de conflito das pessoas modificando o software como os hackers ensinaram. Para os hackers, a forma mais agressiva para modificar um software é usar um vírus. E o que é a ideologia, senão um vírus de software para os seres humanos? (MANN 1992 Apud KORYBKO 2015, p. 22).

O autor simplifica, dependendo do código civilizacional cultural e da melhor forma de penetrar a civilização-alvo (KORYBKO 2019, p. 22), as agências de inteligência estrangeira, através da internet ou por meio de seus agentes em campo (ONG'S), após a decisão de dar início à Revolução Colorida, podem personalizar suas mensagens para criar os seus próprios vírus (mensagem), a fim de conquistar novos adeptos. O vírus contamina os indivíduos trabalhando para modificar seu sentimento político e ideológico, e uma vez que encontre uma vítima, esse indivíduo então espalhará ativamente suas ideias para outras pessoas, causando uma epidemia política (KORYBKO 2019, p. 23). Nesse sentido, Korybko (2015) compreende que quando esse caos é desencadeado de forma intencional, com o propósito de atingir o objetivo estratégico de troca de regime, ele é chamado caos construtivo, criativo ou caos administrado.

Como discutido acima, a mente de colmeia pode ser fabricada por organizações de inteligência estrangeiras através de plataforma de mídia social e princípio de guerra em rede. Nesse sentido, a Guerra Híbrida e o caos administrado começam com o vírus que subverte o sistema social do Estado. Se os enxames não conseguirem tomar à força o poder, então uma guerra convencional entra em ação. O objetivo da Guerra Híbrida é o caos sistêmico e essa forma de caos tem sido usada para descrever os eventos da Primavera Árabe e a desestabilização orientada externamente por atores desvinculados do Estado da Síria (KORYBKO 2015, p. 23).

1.3.4 Liderança por Trás dos Panos

Durante a Guerra Fria, Washington desenvolveu a “política de liderança por trás dos panos” como método alternativo para superar a paridade nuclear que os Estados Unidos compartilhavam com a União Soviética. De acordo com o Roger (2011), essa política foi definida como “assistência militar discreta dos Estados Unidos com outras entidades fazendo o trabalho sujo” (ROGER 2011Apud KORYBKO p.24). Para Korybko (2015), essa política, caracterizada claramente como uma abordagem indireta para cenários de guerra quando os Estados Unidos enxergam a possibilidade de reduzir os custos de uma operação militar. Constitui essencialmente uma das estratégias de guerra empreendidas pelos Estados Unidos nos dias atuais. Como é dito pelo autor, ela conta com o uso de aliados e de líderes regionais na qualidade de procuradores para favorecer, acima de tudo, os objetivos geoestratégicos e geopolíticos dos Estados Unidos (KORYBKO 2015, p. 24).

Não só isso, Korybko (2015) defende que a estratégia de liderança por trás do pano pode ser útil tanto para as revoluções quanto para a Guerra Não Convencional. Ele explica que durante as Revoluções Coloridas, os Estados Unidos lideram por trás dos panos, fabricando toda forma de desestabilização, usando simpatizantes ao movimento e grupos dissidentes contrários ao governo estabelecido tanto *in loco* como *out side*. Neste caso, o autor menciona que essa operação depende em grande medida que um governo alinhado aos interesses dos Estados Unidos faça fronteira com o estado-alvo para prestar apoio e envio de material aos organizadores e participantes (KORYBKO 2015, p. 26). Além disso, os Estados Unidos também podem usar os mesmos aliados para repassar o material necessário para transformar a Revolução Colorida em Guerra não Convencional (KORYBKO 2015, p. 26). Neste último caso, como será visto mais adiante, os Estados

Unidos usaram a Turquia, a Jordânia, o Catar, a Arábia Saudita e Israel como seus parceiros liderados por trás do pano como campo de treinamentos para insurgentes contra o governo para o repasse de armas.

2 O POSICIONAMENTO DOS ESTADOS UNIDOS PERANTE A SÍRIA

De acordo com Bandeira (2013), a política externa estadunidense determina em grande medida a agenda internacional, cria e influencia eventos em todos os quadrantes do globo e, portanto, esteve e está presente no Oriente Médio em geral, e na Síria em particular, onde se desenvolve uma das formas mais sofisticadas de conflito. Para esse autor, a origem desse conflito se remonta a 1945, pois desde o pós-guerra, os Estados Unidos têm desenvolvido uma política que, por um lado, organiza o Sistema Internacional de acordo com seus interesses e conveniência, e por outro, busca a troca de regime e a derrubada de governos.

Enquanto a Segunda Guerra Mundial promovia o enfraquecimento e até mesmo a destruição dos países industriais da Europa, os Estados Unidos tornavam-se relativamente mais poderosos. Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos já eram o principal país industrial do mundo como o era desde a virada do século XIX para o século XX. Aqueles que determinam a política estadunidense sabiam muito bem que os Estados Unidos sairiam da Segunda Guerra Mundial como a primeira potência global da história, tanto é que, durante e depois da guerra, já planejavam, cuidadosamente, como garantir a hegemonia global estadunidense.

A descoberta de grandes reservas de petróleo no Irã, Iraque e Arábia Saudita, na primeira metade do século XX, somada às duas grandes guerras e à previsão de uma terceira com a União Soviética, destacou a importância do petróleo do Oriente Médio para os interesses dos Estados Unidos e alterou a relação entre as grandes empresas de petróleo dos Estados Unidos e os tomadores de decisões políticas. Desse modo, o Oriente Médio emerge como principal centro das preocupações dos Estados Unidos devido à sua dependência dos recursos de petróleo. O interesse estadunidense pelas imensas reservas de petróleo do Golfo Pérsico evoluiu de um âmbito puramente comercial, nas primeiras décadas do século XX, para um terreno estratégico ligado à afirmação da hegemonia dos Estados Unidos.

Como é dito por Halabi (2009), os Estados Unidos acreditavam que não poderiam lutar nenhuma guerra prolongada sem o petróleo do Golfo Pérsico, além do mais, os estadunidenses entendiam que o controle desses recursos era a principal fonte de poder, o que lhes garantiria poder reivindicar a liderança mundial. Assim, assistimos, no

período imediato após a Segunda Grande Guerra, o envolvimento diplomático estadunidense no Oriente Médio, a fim de consolidar parcerias com países que poderiam e estavam prontos para aumentar a produção de petróleo no curto prazo. O objetivo era desenvolver um arranjo que estivesse em harmonia com seus interesses econômicos e estratégicos.

A fim de esclarecer a política externa dos Estados Unidos, Layne (2006) desenvolveu uma teoria chamada “teoria da hegemonia extra regional” que tinha como foco central explicar os objetivos dos Estados Unidos de expandir sua hegemonia regional para outras regiões consideradas estratégicas, como Europa, Golfo Pérsico e Ásia. A principal contribuição de Layne (2006) para o debate sobre as motivações dos Estados Unidos de estabelecer uma hegemonia global reside não só nos fatores estruturais, ou seja, da anarquia internacional, mas principalmente nos fatores domésticos e liga esses à política do Open Door (portas abertas).

Layne (2006) explica sua teoria de hegemonia extra regional e diz que a política de Open Door incorpora tanto a expansão econômica quanto a ideológica e liga ambas à segurança nacional dos Estados Unidos. Segundo a autora, a expansão econômica traduzida na política do Open Door criou novos interesses que deveriam ser protegidos e defendidos através do poder militar estadunidense no exterior, o que levou naturalmente à crença por parte dos estrategistas que os valores fundamentais dos Estados Unidos só estariam a salvo se o sistema internacional estivesse sob o seu poder hegemônico e abertos tanto à penetração econômica quanto à ideológica.

Williams (1989), um dos líderes da Open Door School, também corrobora os argumentos de Layne (2006) e demonstra que, desde 1880, a expansão econômica dos Estados Unidos tem sido baseada em dois fatores ligados entre si. Primeiro, os tomadores de decisão política estadunidenses têm acreditado que a prosperidade era a chave para a estabilidade política e que essa prosperidade dependia do acesso ao mercado externo, à oportunidade de investimento e aos recursos naturais. Segundo, o medo de que tal acesso poderia ser negado. Dessa forma, os Estados Unidos passaram a considerar como ameaça qualquer estado que adotasse uma política que “desafiasse ou limitasse” sua expansão econômica ou que fechasse as portas para a consolidação dos planos definidos a partir de Washington. De acordo com o autor, a política do Open Door já autorizava os Estados Unidos a intervir, tanto de forma direta (militar) quanto indireta, por meio de ações encobertas para promover a troca de regime.

Engdahl (2009) esclarece que todas as intervenções diretas, encobertas e ilegais em assuntos de soberania de outras nações, poderiam ser justificados em termos de “ameaça comunista”. O autor vai além e diz que, os interesses americanos no exterior poderiam ser ameaçados, inclusive por “líderes não comunistas” que fossem populares, democraticamente eleitos, defendessem a reforma agrária e a distribuição da riqueza, como foi o caso do apoio ao golpe de estado na Guatemala contra Juan Jacobo Arbenz, em 1954. Outros fatores salientados pelo autor como responsáveis por ameaçar os interesses estadunidenses, são líderes que nacionalizam os recursos locais, que buscam regular os negócios para proteger trabalhadores e consumidores e, acima de tudo, limitam a infiltração de empresas estrangeiras. Nesse sentido, em nome da expansão econômica e ideológica, o presidente Truman inaugurou o Estado Nacional de Segurança dos Estados Unidos, através da assinatura do National Security Act, de 1947.

Esse ato deu origem ao Conselho Nacional de Segurança (CNS), uma rede complexa de agências de inteligência, que incorporou o Departamento de Estado (DOE), Departamento de Defesa (DOD), a Agência Nacional de Segurança (NSA) entre outras, para coordenar a política externa dos Estados Unidos. De acordo com Engdahl, a Agência Central de Inteligência (CIA), criada oficialmente pelo presidente para ser o braço armado do poder executivo, era parte fundamental nesse projeto. Ela irá identificar e mobilizar grupos de direita dentro dos países, geralmente ligados ao setor militar e em seguida trabalhar com eles para derrubar o governo existente. Quem ofereceu o mapa e deu o tom da nova diplomacia dos Estados Unidos foi Kennan, em 1948, através do Estudo de Planejamento Político 23, para a equipe de planejamento do Departamento de Estado. Eis aqui um exemplo do que ele escreveu:

Nós temos cerca de 50% da riqueza mundial, mas somente 6,3% de sua população. Nesta situação, não podemos deixar de ser alvo de inveja e ressentimento. Nossa verdadeira tarefa, na próxima fase, é planejar um padrão de relações que nos permitirá manter esta posição de desigualdade... Para agir assim, teremos de dispensar todo sentimentalismo e devaneio; nossa atenção deve concentrar-se em toda parte, em nossos objetivos nacionais imediatos... Precisamos parar de falar de vagos e... irreais objetivos, tais como direitos humanos, elevação do padrão de vida e democratização. Não está longe o dia em que teremos de lidar com conceitos de poder direto. Então, quanto menos impedidos formos por slogans idealistas, melhor (KENNAN Apud ENGDahl 2012, p.12).

Com isso, Engdahl (2009) demonstra como no início da Guerra Fria e nos primeiros dias de sua existência, a CIA empregou métodos brutais para troca de regime.

De acordo com o autor, as práticas envolviam a extorsão, a chantagem, o escândalo sexual, a infiltração, a disrupção de partidos políticos de oposição, o sequestro, a tortura, a intimidação, a sabotagem econômica, o emprego de esquadrões da morte e assassinatos. Chomsky (1998), por outro lado, vai além e apresenta os métodos sádicos empregados pela instituição, como bater bebês contra pedras, pendurar mulheres pelos pés, com os seios cortados, a pele do rosto escalpelada, cortar a cabeça de pessoas, e evai-las em estacas. A história sangrenta da Síria, do Irã, do Chile, da Argentina, do Brasil, da Guatemala, e de outras incontáveis ditaduras apoiadas por Washington durante o período da Guerra Fria, são exemplos extraídos a partir desses métodos brutais (ENGDAHL, 2009).

Nesse sentido, Little Douglas (2008) demonstra como a Síria se tornou o primeiro alvo dos métodos brutais empregados pela CIA durante a firme determinação do governo Truman de integrar o petróleo do Golfo Pérsico à estratégia de hegemonia global dos Estados Unidos. De acordo com ele, o primeiro passo para garantir o acesso ao recurso da região foi a revogação do Iraque Petroleum Company (IPS) Consortium's Red Line Agreement, acordo entre o Reino Unido e a França em abril de 1920, que excluiu as gigantes Jersey Standart e Mobil da exploração do petróleo no Império Otomano. O segundo foi autorizar a Jersey Standart, Mobil, Socal e Texaco a formar um cartel com a companhia de petróleo da Arábia Saudita (ARAMCO), após o departamento de justiça estadunidense anunciar em março do mesmo ano que “não havia objeção legal com o acordo” e logo em seguida a companhia árabe-estadunidense de petróleo revelou planos para a construção da Trans-Árabe-Pipeline (Tapline) com o propósito de transportar petróleo através de um gasoduto da Arábia Saudita até o Mediterrâneo.

De acordo com Little (2008), a administração Truman seguia a estratégia da “Open Door Policy”, consagrada na virada do século XIX para o XX, pelo secretário de estado John Hay. Essa estratégia consistia no compromisso estadunidense com o princípio de “que a oportunidade de explorar e de desenvolver os recursos de petróleo no mundo deveria ser livremente expandido sem discriminação” (LITTLE, 2008). Nesse sentido, Truman e seus conselheiros consideravam tanto a Tapline quanto a Aramco extremamente importantes para a segurança nacional dos Estados Unidos. Além disso, enquanto a Texaco, a Socal, a Jersey Standart e a Mobil estavam se preparando para retirar os recursos da Arábia, os tomadores de decisão política estadunidenses estavam dando os

últimos toques no Plano Marshall, um programa multimilionário para ajudar a reconstrução da Europa devastada pela guerra (LITTLE, 2008, p. 53).

Conforme George F. Kennan (1947), o então secretário de Estado, a intenção da administração Truman era conciliar as duas políticas à estratégia de segurança dos Estados Unidos, qual seja, utilizar os barris de petróleo da Arábia, que em breve seriam bombeados através da Tapline para apoiar o plano Marshall na recuperação da Europa, enquanto a administração Truman limpava e abria o caminho para a Tapline. Seguindo os resultados dos estudos topográficos e políticos, oficiais do governo e executivos da Aramco trabalharam de forma integrada para garantir a passagem do gasoduto que deveria atravessar o deserto da Arábia Saudita através da Jordânia e as Colinas de Golã na Síria até a costa do Líbano (LITTLE, 2008, p. 54).

Little (2008) assinala que a tarefa dos oficiais do governo estadunidense e executivos da Aramco foi fácil no Líbano, onde um governo pró-ocidental assinou o acordo exigindo apenas o pagamento de uma taxa anual pelo direito à construção do terminal do gasoduto e do complexo de refinaria em Sidon. No leste de Amman, na Jordânia, o Emir Abdullah apresentou-se maleável quanto à passagem da Tapline através do seu reino. Já na próxima porta em Damasco, Little (2008) explica que nem os diplomatas estadunidenses, nem os executivos do petróleo, conseguiram chegar a um acordo com o presidente da Síria, Shukri Quwatly, um militante do nacionalismo árabe, para manter as portas abertas à passagem do gasoduto. Para Little (2008), após três anos de disputa, a administração Truman encorajou secretamente o chefe do exército da Síria, Husni Zaim, a derrubar o regime de Quwatly em 31 de março de 1949 (LITTLE 2008).

Weiner (2007), em sua obra “Legacy of Ashes”, explica que a CIA arquitetou o golpe de estado para substituir o presidente Sírio, al Quwatli, por um ditador, como forma de retaliação pela falta de entusiasmo em abrir as portas à passagem do gasoduto estadunidense. De acordo com ele, o chefe do exército, Zaim, ainda teve tempo para dissolver o parlamento e aprovar a transposição do gasoduto antes de ser deposto. Dessa forma, Zaim garantiu os meios necessários para remover o último grande obstáculo à construção da trans-árabe-pipeline e uma vez o caminho através da Síria, Jordânia e Líbano estava limpo com ajuda de Washington, a Aramco completou a construção da Tapline em dezembro de 1950 (LITTLE, 2008 p. 54).

Todavia, o Coronel Husni Zaim não durou muito no poder. Conforme Bandeira (2016), ele foi executado em 1949, e o coronel Adib Bin Hassan Al-Shishakli assumiu o

poder com a assistência dos Estados Unidos, mas foi deposto logo em seguida em 1954. Tais eventos, no entanto, conduziram a Síria a um período de instabilidade e turbulência, até que, em 1955, Shukri-al-Quwatli chegou à presidência novamente. Esse fato não agradou a administração do presidente Dwight Eisenhower, em plena Guerra Fria contra a União Soviética. Isso se deu pelo fato de que, como argumenta Robert Kennedy Jr (2016), Allen Dulles, diretor da CIA, e seu irmão, o secretário de Estado, comparavam o nacionalismo árabe ao comunismo, particularmente quando ameaçava as concessões de petróleo.

Robert. F. Kennedy Jr. (2016), sobrinho do presidente John F. Kennedy, disse que a CIA começou a intervir na Síria em março de 1949, dois anos após a sua fundação. De acordo com ele, os Estados Unidos nunca deixaram de tentar subverter o regime de Damasco. Por meio de uma série de artigos publicados⁵, o autor afirmou que em setembro de 1957, aproximadamente 50 anos antes da invasão do Iraque, o Presidente Dwight Eisenhower e Harold Macmillan, primeiro ministério do Reino Unido, aprovaram o plano de operação secreta a cargo da CIA e do Serviço Secreto de Inteligência Britânico (M16), com o propósito de promover a troca de regime através da invasão da Síria, sob a falsa alegação de que o país estava a ameaçar os suprimentos de petróleo ao Ocidente.

Desse modo, Kennedy (2016) sustenta que a conspiração para troca de regime na Síria começou a ser posta em prática em 1955. Segundo ele, Allen Dulles, então diretor da CIA, considerou que o país estava “maduro para um golpe de Estado”. Nessa direção, começou uma articulação com o Serviço Secreto de Inteligência (SIS) da Grã-Bretanha e o Milli Istihdarat Teskilati (MIT), da Turquia. O autor esclarece que o secretário de Estado dos Estados Unidos, John Foster Duell, enviou instruções ao embaixador dos Estados Unidos em Damasco, James S. Moos, no sentido de que, a pretexto de conter a “ameaça comunista”, continuasse a buscar meio de assessorar as firmas ocidentais que ofereciam contratos para a construção de uma refinaria nacional de petróleo na Síria em competição com a oferta do bloco soviético.

Em seguida, a Operation Straggle, para derrubar o governo do presidente Shukri-al-Quwatli, foi deflagrada com a eclosão de ações violentas nas fronteiras, instigadas por agentes dos Serviços de inteligência da Turquia, Reino Unido e Estados

⁵ Entre alguns artigos publicados está o WASHINGTON'S BLOG AND GLOBAL RESEARCH. Middle Eastern Wars Have Always Been About Oil. 2016. Disponível em: <https://www.globalresearch.ca/middle-eastern-wars-have-always-been-about-oil/5510640>; KENNEDY JR. Syria: Another Pipeline War. 2016. Disponível em: <https://www.ecowatch.com/syria-another-pipeline-war-1882180532.html>.

Unidos. Porém, como demonstram Kennedy (2016), o coronel Abd al Hamid al Sarraj, chefe do Serviço de Inteligência Militar da Síria, descobriu o complô, prendeu os principais conspiradores sírios e os agentes da CIA. Bandeira (2016), no entanto, argumenta que o que estava na agenda não era apenas a construção da refinaria, mas o duto da trans-árabe-pipeline (Tapline), que deveria passar pelo território da Síria e transportar o óleo da Aramco, explorado na Arábia Saudita para o porto de Sidon, no Líbano.

Contudo, os Estados Unidos não desistiram de subverter e mudar o regime na Síria (BANDEIRA, 2016 p. 216). Conforme o autor, a CIA, em 1957, enviou a Damasco dois especialistas em “covert actions”, Howard Stone e Kermit Roosevelt, os mesmos que articularam o golpe de estado no Irã, contra o premier Mohammad Mosaddeq, por meio da operação Ajax em 1953 e o da Guatemala, contra o presidente Jacobo Arbenz em 1954, através da Operação Sucesso (BANDEIRA, 2016). Assim, Bandeira (2016) afirma que a Operation Straggle renasceu com o codinome Operation Wappen, buscando organizar a corrente dos antigos políticos, refugiados em Beirute. Uma vez mais, a conspiração fracassou. O coronel Abd al Hamid al Sarra, um anti-imperialista e pró-uniidade Árabe, havia posto sob constante vigilância a embaixada dos Estados Unidos e o Exército sob estrito controle. E, uma vez denunciado o complô, o agente da CIA Howard Stone, foi preso e confessou, enquanto o embaixador James S. Moos foi expulso da Síria (BANDEIRA, 2016 p. 216). Essa metodologia usada por Washington foi bem explicada no livro de Vincent Bevins (2020), intitulado *The Jakarta Method*.

2.1 ORGANIZAÇÕES NÃO-GOVERNAMENTAIS E A MANIPULAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Após o fim da Guerra Fria, precisamente no ano 2000, um novo fenômeno político emergiu em Belgrado, capital da Sérvia e marcou uma mudança no curso das guerras encobertas empreendidas pelos Estados Unidos para troca de regime. Como é dito por Engdahl (2009), na superfície do fenômeno, parecia ser um movimento político espontâneo e genuíno, para remover do poder Milosevic. Na prática, foi o produto de técnicas que têm sido estudadas e desenvolvidas pelo Estados Unidos por décadas. De acordo com o autor, por volta de 1983, o Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos reorientou os métodos empregados pela CIA, pela “instrumentalização dos direitos humanos” ou “armatização” (*sic*) dos direitos humanos.

Isso significa que, a partir daquela data, o Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos passou a utilizar um conjunto de organizações não governamentais como a Freedom House (FH), a Open Society Foundation (OSF), a International Republican Institute (IRI), a Human Right Watch (HRW), a National Endowment for Democracy (NED) como instrumento (arma) de Washington para promover falsas democracias (troca de regime) ao redor do globo. São instituições que disseminam os valores estadunidenses de livre mercado, direitos humanos, liberdade e democracia, em conjunto com as instituições American Interprise Institute (AII) e o Council on Foreign Relations (CFR).

A ideia consiste em usar esses valores, conceitos e categorias para desmerecer, denunciar, criminalizar e por fim deslegitimar países contrários às aspirações de Washington, e como será visto mais adiante neste trabalho, em especial, no estudo de caso da Síria, esta abordagem da “armatização” dos direitos humanos é plasmada em todo o espectro do conflito. Ela é o braço armado conceitual de uma operação psicológica utilizada pelos Estados Unidos durante a primeira etapa da Guerra Híbrida. Em primeiro plano, ela se apresenta, na política externa de George W. Bush (filho) para o Oriente Médio, conhecida como a Freedom Agenda, posteriormente, na resolução do Conselho de Segurança 2254, que defende expressamente a transição política do governo de Bashar Al-Assad, em seguida, nas denúncias feitas pelo Observatório dos Direitos Humanos, instalado no Reino Unido, bem como nas imagens captadas e emitidas pelos “Capacetes Brancos” dentro da Síria. Por fim, nos grandes veículos de comunicação internacional ocidental como a CNN, BBC, New York Times.

No âmbito das organizações não governamentais, por exemplo, a Freedom House (FH), a Open Society Foundation (OSF), a National Endowment for Democracy (NED) foram criadas para exercer, oficialmente, atividades filantrópicas, na realidade, sua missão além de propagar os valores estadunidenses de livre mercado, direitos humanos, liberdade e democracia, consiste em financiar jornais alternativos, geralmente contrários ao governo que se pretende derrubar, para praticar operações psicológicas e instrumentalizar jovens líderes opositores em movimentos de resistência não violentos e práticas de “movimentos de enxame”. Segundo os analistas John Arquilla e David Ronfeldt (1996), da RAND Corporation, as técnicas são caracterizadas como “movimentos pacíficos não-violentos” e “enxames” porque são movimentos pacíficos, descentralizados, porém, conectados como um “enxame de abelha”

De acordo com Korybko (2015), essa abordagem, além de dar ao movimento a aparência de “um movimento democrático”, confere certas vantagens que a tornam um instrumento atraente para atingir os objetivos de política externa dos Estados Unidos. Em primeiro lugar, ela é uma estratégia com abordagem indireta para troca de regime, e pode ser útil contra Estados-alvo onde os Estados Unidos, por algum motivo político-militar ou de orientação do sistema internacional, não podem intervir diretamente. Em segundo lugar, os Estados Unidos são absolvidos da culpabilidade direta, por quaisquer ações, (incluindo crimes de guerra) que suas partes venham a colocar em prática durante o movimento.

Além do mais, o apoio a grupos por procuração também é mais barato e econômico, do que enviar as forças armadas convencionais dos Estados Unidos. Nesse sentido, quando a operação é bem sucedida, os Estados Unidos podem cumprir as operações de troca de regime por um custo menor do que normalmente gastariam com uma intervenção convencional para cumpri-la. Desse modo, Korybko (2015) define as organizações não governamentais como os novos agentes de inteligência de campo, os nós de ponto de contato entre os grupos simpatizantes e dissidentes, cujo objetivo é montar o movimento da Revolução Colorida.

De acordo com Engdahl (2009), a Revolução Colorida é um novo método desenvolvido pelos Estados Unidos para tomar o poder dos países contrários à sua ideologia de forma aparentemente democrática. Como é dito por ele, a primeira operação de Revolução Colorida de sucesso para troca de regime, com objetivo de implementar uma falsa democracia, foi justamente a de Belgrado, capital da Sérvia. Tanto Engdahl (2009), quanto Bandeira (2016) assinalam que, por trás do movimento OTPOR (resistência), movimento responsável por derrubar o governo de Milosevic, estava o Departamento de Estado dos Estados Unidos, o Departamento de Defesa, a CIA e as organizações não governamentais tais como: a Agência para Desenvolvimento Internacional (USAID), a National Endowment for Democracy (NED), a National Republican Institute (NRI), e a National Democracy Institute (NDI).

De acordo com Engdahl (2009) e Bandeira (2016), as organizações não governamentais dos Estados Unidos financiaram dezenas de líderes da Otpor, para receberem treinamento em movimentos de resistência não violento. A principal literatura utilizada pelos ativistas da Otpor, foi o manual de ações não violenta de Gene Sharp (2002). Os métodos desenvolvidos por Sharp (2002) são deslealdade, boicote, marchas,

desfiles de automóveis, procissões e estão descritos no livro *From Dictatorship to Democracy*, traduzido para mais de 24 idiomas, e distribuído através do Cáucaso pela Freedom House, Open Society Institute, International Republican Institute (IRI), National Endowment for Democracy (NED) e CIA (BANDEIRA, 2013) e serviu de manual para as Revoluções Coloridas, inclusive no Azerbaijão. Conforme Gene Sharp (2002), a luta não violenta é mais complexa e travada por vários meios, tais como a guerra psicológica, social, econômica e política, aplicados pela população e pelas instituições da sociedade.

Sharp (2002) salienta que a principal força da luta deve nascer de dentro do país, porém com apoio financeiro e suporte nas comunicações, provido diretamente por forças democráticas a partir do exterior, bem como mobilizar a opinião pública mundial contra os regimes considerados autoritários com fundamento em questões humanitárias, morais e religiosas. Nesse sentido, o objetivo era claramente subverter os regimes da Geórgia (revolução rosa), da Ucrânia (revolução laranja), no Oriente Médio e norte da África (Primavera Árabe), e por fim, na China através da Ásia Central, mediante o engajamento dos cidadãos no processo político e recrutamento de jovens estudantes, com idade entre 20 e 24 anos para um programa de cinco a seis semanas nas instituições acadêmicas nos Estados Unidos (BANDEIRA, 2013).

2.2 A “FREEDOM AGENDA” DE GEORGE W. BUSH E A CRIAÇÃO DA MEPI PARA A “TROCA DE REGIME” NA SÍRIA

A “Primavera Árabe” foi compreendida por alguns autores como expressão espontânea das populações de regimes autoritários e corruptos, que haviam chegado aos seus limites. Por exemplo, Yahya (2019) tratou do tema quando escreveu um artigo para *Foreign Affairs* intitulado “The Middle East’s Lost Decades: Development, Dissent and the Future of the Arab World”. Nele, a autora afirma que cidadãos comuns, descontentes com os sistemas políticos e sociais, em países como Egito, Síria, Líbia e Tunísia, tomaram as ruas pacificamente reivindicando mais igualdade, justiça social e dignidade. Conforme Hajjar (2016), esse também parece ser o caso de Manuel Castells 2013, que compara as Primaveras Árabes com os movimentos populares europeus ocorridos em 2010 e no Brasil em 2013. Castells (2013) destaca que a “indignação” é espontânea e que mesmo em contextos diferentes como Síria, Espanha ou Brasil, os movimentos “são gerados nas redes sociais” e se trata de “movimentos sociais na era da internet”.

Os movimentos são espontâneos, sem líderes, sem ideologia comum. Surgem da indignação e da defesa da dignidade, são gerados nas redes sociais, expressam-se no espaço urbano e recusam as formas de governo que não consideram democráticas. São essencialmente movimentos contra a corrupção da classe política e por uma nova forma de representação. E surgem na ditadura e na democracia, em período de crescimento e de crise econômica, e em contextos diferentes. Ou seja, o contexto é diferente, mas os movimentos se parecem porque têm a forma dos movimentos sociais na área da internet (CASTELLS, 2013, p.06).

Por outro lado, o historiador Moniz Bandeira (2013) e Engdahl (2018) enxergam tanto as Primaveras Árabe como a Guerra da Síria, a crise da Ucrânia e as Revoluções Coloridas da Geórgia como resultados da política externa dos Estados Unidos. De acordo com eles, desde o ano 2000, a intervenção na Síria voltou à agenda dos Estados Unidos e dos seus aliados no Oriente Médio. Isso se deu pelo fato de que, como argumenta Engdahl (2019), oito meses depois da invasão do Iraque, o presidente George W. Bush assumiu o compromisso de “levar a democracia” para o Oriente Médio:

Our commitment to democracy is also tested in the Middle East, which is my focus today, and must be a focus of American policy for decades to come. In many nations of the Middle East — countries of great strategic importance — democracy has not yet taken root. And the questions arise: Are the peoples of the Middle East somehow beyond the reach of liberty? Are millions of men and women and children condemned by history or culture to live in despotism? Are they alone never to know freedom, and never even to have a choice in the matter? I, for one, do not believe it. I believe every person has the ability and the right to be free (BUSH, 2004 s/n).

Acreditando estar numa jornada épica na qual estava a exercer o papel de polícia universal, Bush deu mais detalhe sobre o seu projeto de exportar a democracia que ficaria conhecida como Freedom Agenda (BUSH, 2004, s/n). Segundo Bandeira (2013), com a Freedom Agenda pretendia apoiar os “governos democrático inexperientes”, como na Palestina, no Líbano, na Geórgia e na Ucrânia e encorajar grupos dissidentes sob os “regimes repressivos” no Irã, na Síria, na Coreia do Norte e na Venezuela para assim promover a política de troca de regime. Além disso, Bandeira (2013) afirma que o Departamento de Estado, sob a direção do Secretário Collin Powell, lançou a Middle East Partnership Initiative (MEPI), com o propósito de apoiar grupos da sociedade civil que lutavam por reformas e por democratização dentro dos regimes no Oriente Médio e na África do Norte, através de programas de financiamento a ONGs estadunidenses, entre

elas a Open Society Foundation, a Freedom House, National Endowment for Democracy (NED).

A estratégia a ser implantada ficou a cargo, em larga medida, da política de troca de regime incrementada por George W. Bush, segundo o Projeto para o Novo Século Americano (BANDEIRA, 2013). Endgahl (2004) e Sofia (2005) mencionam um fato importante: entre os membros do PNAC estavam os mesmos nomes que em breve iriam ocupar os cargos mais importantes da política e moldar a administração de George W. Bush, nomes em sua maioria ligados às grandes companhias de petróleo e do complexo industrial militar. O grupo incluía Dick Cheney que foi Chefe Executivo da Halliburton, Paul Wolfowitz, que depois se tornou Secretário de Defesa e liderou a guerra do Iraque, Donald Rumsfeld. Também incluía personalidades como Lewis Libby, e Karl Rove, que se tornaram os políticos estrategistas mais poderosos de Bush; e executivos, como Bruce Jackson da Lockheed Martin, uma das maiores firmas de defesa.

De acordo com Fuser (2007), a ascensão de grande parte dos signatários do Projeto para um Novo Século Americano (PNAC), a altos postos na administração George W. Bush (filho), leva a crer que a ideia de usar a força militar para promover uma mudança de regime no Iraque, e na Síria em particular, já tinha sido acalentada pelos políticos e estrategistas neoconservadores agrupados no PNAC muito antes dos atentados de 11 de setembro de 2001. Ele acredita que a invasão do Iraque pelos Estados Unidos só faz sentido a partir do objetivo – viável ou não – de substituir “um regime por outro”, sob influência estadunidense no país que possui a segunda maior reserva de petróleo do mundo.

Entre as muitas informações já disponíveis sobre os antecedentes dessa decisão, Fuser (2007) destaca o depoimento de Paul O’Neill, secretário do Tesouro, durante os dois primeiros anos do governo George Bush (filho). De acordo com Fuser (2007), O’Neill revela em sua biografia (O’NIELL, 2004) que menos de um mês depois da posse na Casa Branca, o presidente e seus principais auxiliares já discutem o uso das armas para depor Saddam Hussein. De acordo com Fuser (2007), O’Niell relata no seu livro (O’NIELL, 2004) que o Pentágono havia preparado naquela época, sob as ordens do secretário de defesa Donald Rumsfeld, mapa de campos de petróleo do Iraque e listas de empresas que poderiam se interessar por sua exploração. O’Niell se surpreendeu ao ver que nenhum dos participantes da reunião do Conselho de Segurança Nacional, (CSN) perguntou por que o Iraque deveria ser invadido.

Weiss e Robbins (2012), embora concordem com O Niell, defendem que a questão é ainda mais complexa. De acordo com ele, depois dos ataques de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o plano era invadir o Iraque e mais seis países do Oriente Médio, dentre eles a Síria, a fim de obter o controle total dos recursos de petróleo. Entre outras informações disponíveis sobre esses fatos, ambos autores citam o depoimento do general de quatro estrelas Wesley Clark, ex-Comandante Supremo da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN) na Europa, no Commonwealth Club, em São Francisco, no ano de 2007. De acordo com os autores, Clark revelou o conteúdo de um memorando secreto oriundo do gabinete do Secretário de Defesa Rumsfeld.

I went through the Pentagon ten days after 9/11 . . . and an officer from the Joint Staff called me into his office and said, “I would want you to know, Sir, we are going to attack Iraq.” And I said, why? He said, “We don’t know.” I said, Will they tie Saddam to 9/11? He said, “No, but I guess, it’s they don’t know what to do about terrorism, and so they think that they can attack states and they want to look strong . . .” (CLARK 2007, p. 01).

Seis semanas depois, Clark retornou ao Pentágono e encontrou com o mesmo oficial:

And then I came back to the Pentagon about six weeks later. I saw the same officer, I said, Why haven’t we attacked Iraq? “Oh sir,” he says, “it’s worse than that.” He pulled up a piece of paper off his desk. He said, “I just got this memo from the Secretary of Defense’s [i.e. Rumsfeld’s] office. It says we are going to attack and destroy the governments in seven countries in five years. We are going to start with Iraq and then we are going to move to Syria, Lebanon, Libya, Somalia, Sudan and Iran. Seven countries in five years.” I said, “is that a classified memo?” He said, “Yes, sir.” (CLARK 2007, p. 01).

Clark (2007) concluiu seu discurso em São Francisco dizendo que após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, o Pentágono estava preparando sua mais ousada operação de troca de regime. Em outras palavras, a tomada direta das monarquias e dos países muçulmanos ricos em petróleo e a frente dessa operação estavam os membros do Projeto para o Novo Século Americano (PNAC) – Dick Cheney, Don Rumsfeld e Colin Powell.

A definição da estratégia estadunidense no governo de George W. Bush (filho) trouxe fortes implicações para o componente energético da política de Segurança Nacional. Se a época da presidência de Bill Clinton, o símbolo de poder foi a Secretaria do Tesouro, na era de George W. Bush (filho), o foco central retornaria para o

Departamento de Defesa e a sua agenda política foi ligada à geopolítica do petróleo (ENGDAHL, 2004). Segundo Fuser (2007), no quadro de rápido esgotamento das reservas de petróleo estadunidense, o governo republicano enfrentou o desafio de formular uma política adequada para abastecer o mercado mundial e os Estados Unidos com demandas cada vez mais crescentes de petróleo.

Quando George W. Bush tomou posse na Casa Branca, o primeiro trabalho do vice-presidente Dick Cheney foi executar uma revisão da política energética dos Estados Unidos (ENGDAHL, 2004). Cheney pediu ajuda a James Baker, o Secretário de Estado na gestão de Bush pai. O grupo de especialistas de Baker apresentou, em 15 de abril de 2001, um relatório intitulado “Política Estratégica de Energia: desafios para o século XXI”. O texto ficou conhecido como Relatório Baker (BAKER, 2001) que serviu de base para o relatório da Política Nacional de Energia (NEP – sigla em inglês) de Dick Cheney para a presidência de George W. Bush. De acordo com Fuser (2007), o Relatório Cheney como ficou conhecido e anunciado por Bush em maio de 2001, admite sem rodeios que os Estados Unidos precisarão consumir uma parcela muito crescente de alguns recursos naturais:

[...] a economia norte-americana continuará a consumir uma parcela dos recursos desproporcional do planeta: “Nos próximos vinte anos, o consumo de petróleo dos Estados Unidos vai crescer 33%, o consumo de gás natural mais de 50% e a demanda por eletricidade crescerá mais de 45%. Se a produção de energia dos Estados Unidos aumentar na mesma taxa que nos anos 1990, enfrentaremos uma defasagem cada vez maior” (NEP, 2001).

O Relatório Cheney defende, em primeiro lugar, a redução da dependência estadunidense de produtos importados por meio do aumento da produção doméstica. Em segundo lugar, depois de constatar que mesmo a exploração de áreas protegidas por leis ambientais não será suficiente para reduzir essa dependência, então o NEP apresenta sua meta mais importante, qual seja, a busca de fontes adicionais de petróleo noutros lugares do mundo. O relatório Cheney conclui que se as tendências atuais forem mantidas, os Estados Unidos importariam dois terços das fontes de energia do mundo em vinte anos (ENGDAHL, 2004). Uma das recomendações é que o governo dos Estados Unidos pressione países a revogar parcial ou totalmente as leis que mantêm o controle nacional das concessões petrolíferas e que estabelecem o monopólio dos seus respectivos Estados nacionais na exploração das reservas de petróleo. Desse modo, Dick Cheney conclui seu

relatório com a seguinte declaração “devemos ir onde o petróleo está” (ENGDAHL, 2004).

De acordo com Visacro (2009), a necessidade estadunidense de assegurar a matéria-prima essencial, no caso o petróleo, não permitiu aos Estados Unidos, simplesmente abrirem mão da sua presença no Oriente Médio, ou seja, para o autor, a ocupação do Afeganistão e posteriormente a do Iraque, tinha por objetivo impor uma redefinição dos papéis para cada estado da região, o que significava depor alguns regimes, enfraquecer e isolar outros. Visacro (2009) afirma que a presença de tropas militares estadunidense no flanco leste (Afeganistão), e no Oeste (Iraque) serviu para isolar a Síria e o Irã, principais países antagônicos ao governo de Washington e os próximos alvos da “Freedom Agenda” de George W Bush.

De acordo com Prados (2005), a Síria ocupa uma posição central em questões políticas importantes para os Estados Unidos no Oriente Médio. Para o autor, o tipo de regime da Síria impede os Estados Unidos de alcançar os seus objetivos na região. A Síria tem liderado a oposição entre os países árabes em relação à ocupação da Palestina por Israel, o que dificulta o processo de paz entre os árabes e Israel. A Síria tem sido acusada pelos Estados Unidos de apoiar o terrorismo internacional e facilitar a infiltração de guerreiros vindos do Iraque em seu país, e por fim é acusada de unir esforços para desenvolver armas de destruição em massa (PRADOS, 2005).

Desde a derrubada de Sadam Hussein, em abril de 2003, as relações Síria-Estados Unidos assumiram uma nova dimensão. Alguns oficiais do governo estadunidense acreditavam que os Estados Unidos deveriam pressionar o regime da Síria para mudar o seu comportamento, enquanto outros acreditavam que o governo de Washington deveria desempenhar um papel mais ativo e apoiar grupos da sociedade civil que lutavam por reformas e por “democratização” dentro da Síria. Em virtude disso, em 2005, legisladores dos Estados Unidos criaram um fundo, através da P.L. 108 – 447 The FY 2005 Consolidated Appropriations Act. O objetivo era apoiar e financiar grupos pró reformas na Síria.

De acordo com Prados (2005), o financiamento para grupos na Síria era canalizado através da The Middle East Partnership Initiative (MEPI), um programa do Departamento do Estado dos Estados Unidos que foi elaborado para promover o desenvolvimento econômico, social, e educacional no Oriente Médio. Conforme Sharp (2005), a MEPI enfatiza o elemento *soft* da política externa dos Estados Unidos, isto é, o

comércio, a educação e democratização. A MEPI é um componente-chave da política da administração Bush apresentada como uma iniciativa para “promover a democracia” no Oriente Médio.

Dessa forma, conforme Bandeira (2013), a MEPI passou a constituir um dos instrumentos da “Freedom Agenda” do presidente George W. Bush para “promover a democracia”, isto é, a troca de regime no Oriente Médio. E o papel das ONGs na promoção dos valores estadunidenses consistia em treinar e financiar ativistas em práticas e estratégias de “ações não violentas” e “Revoluções Coloridas” como forma de promover uma mobilização decisiva na luta. O objetivo consistia exatamente no que Sharp (2002) definia como subversão, isto é, a tentativa de solapar a estabilidade da economia, da política e do setor militar de um governo por meio da insurreição, com o objetivo de provocar medidas violentas, a ser denunciadas como uma reação excessiva das autoridades e assim deslegitimar o governo. A propaganda era o elemento chave da subversão.

3 GUERRA HÍBRIDA DOS ESTADOS UNIDOS NA SÍRIA: DA DECISÃO POLÍTICA À FASE DO PLANEJAMENTO

De acordo com Naiman (2015), a política externa dos Estados Unidos depende, em grande medida, da avaliação pública das intenções e motivações dos oficiais do governo estadunidense. O autor defende que o resultado prático desse processo é que geralmente os oficiais apresentam-se para o público como portadores de ideais e motivações nobres mais do que compartilham entre si no privado. Ele argumenta que se o público tivesse acesso às reais motivações e intenções, compartilhadas pelos oficiais no privado, possivelmente a opinião pública a respeito da política externa dos Estados Unidos seria totalmente diferente.

É interessante notar que telegramas revelados pelo Wikileaks (2015) combinados com os estudos publicados por Engdahl (2009) oferecem justamente uma visão das estratégias, intenções e motivações dos oficiais do governo estadunidense, como eles compartilham entre si no privado, não como eles apresentam-se para o público. De acordo com Engdahl (2009), a expansão econômica e ideológica plasmada na “Política de Portas Abertas”, da segunda metade do século XX, foi transmitida para o público através da política externa de George W. Bush (filho) definida nobremente como uma “Agenda para Liberdade” (Freedom Agenda). Mas no privado, essa política seguia as diretrizes do documento lançado pelo Pentágono conhecido como Joint Vision 2020: America’s Military – Preparing for Tomorrow, (NATIONAL, 2000) que visa explicitamente a Dominação do Espectro Total.

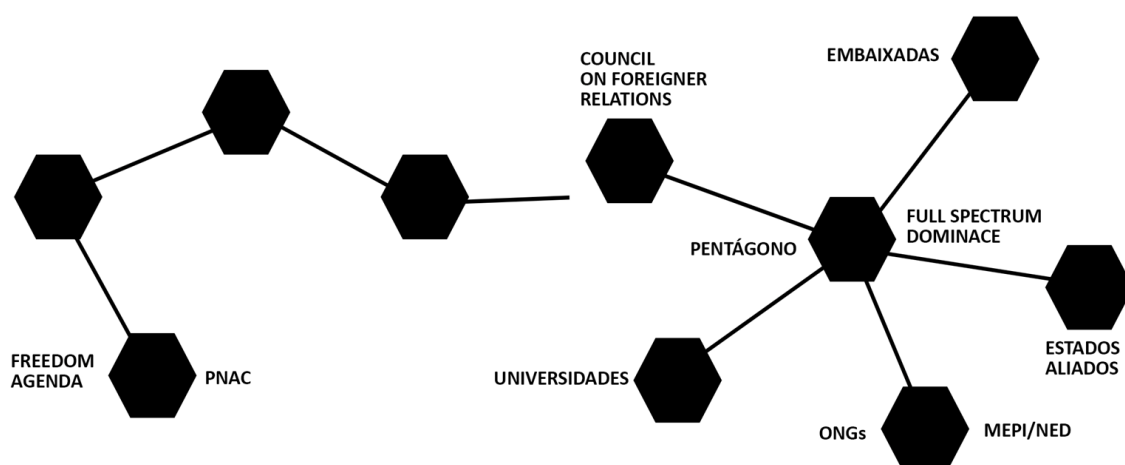
Ao contrário dos ideais nobres propostos na “Agenda para Liberdade” Engdahl (2009) defende que a principal prioridade dos EUA é obter domínio total, nas esferas das forças armadas convencionais, das armas nucleares, da retórica dos direitos humanos, dos recursos energéticos, da geopolítica, do espaço e dos meios de comunicação. Ou seja, absolutamente tudo que pode ser instrumentalizado como arma e ter algum tipo de importância no campo de batalha ou na consciência de seus atores (KORYBKO 2015, p. 28). Moniz Bandeira (2013) vai além e diz que o objetivo dos EUA é obter domínio no sistema de informação, organismos econômicos internacionais, organismos internacionais, armamento biológico, recursos naturais, desenvolvimento científico e tecnológico. De acordo com ele, é a luz de alguns desses objetivos que se torna possível

entender os acontecimentos da Primavera Árabe, seus antecedentes históricos, bem como a evolução política dos países árabes e muçulmanos.

No início deste trabalho levantou-se a hipótese de que a troca de regime do Governo da Síria é um dos objetivos agrupados na política da Grande Estratégia dos Estados Unidos, de Domínio do Espectro Total, e que a Guerra Híbrida é o tipo de guerra indireta utilizada para alcançar aquele objetivo político totalizante. Nesse sentido, a fim de ilustrar como a Guerra Híbrida na Síria é a continuação daquele objetivo político totalizante, por outros meios, ao longo deste capítulo são discutidos os conceitos, as estratégias e os tipos de guerra que foram apresentadas por Korybko (2015). Entretanto, em alguns casos são usados esses modelos com o auxílio de figuras.

À esquerda da Figura 8 vê-se a Rede em Cadeia, a primeira etapa da Revolução Colorida. Ela tem início com uma decisão política e segue uma linha de comando hierarquizado até chegar ao nó de planejamento. À direita da Figura 8, vê-se a Rede em Estrela que está ligada à fase de planejamento, ao centro hierárquico administrativo de poder. Esta rede ilustra a complexidade da rede estrutural institucional e não governamental do centro hierárquico de poder. Os quartéis gerais atuam em conjunto com instituições governamentais ou autônomas, promovem a coleta de dados e de informações a respeito do perfil psicológico, social, cultural e civilizacional de um país-alvo, a fim de definir o melhor método para promover a troca de regime.

Figura 8: Rede em Cadeia e Rede em Estrela aplicadas à Síria



Fonte: KORYBKO 2015, p. 41.

Nesse sentido, ao aplicar inicialmente os dois tipos de rede, da guerra social em rede, é possível demonstrar que a tentativa de troca de regime do estado da Síria, ou seja, a primeira fase da Revolução Colorida, começou com uma decisão política no exterior, nos EUA, através da política externa de George W. Bush. Essa decisão havia sido gerada entre os membros do PNAC⁶, mas foi após a conclusão do relatório de Dick Cheney e dos atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA que aquela decisão tomou forma. Em seguida, essa decisão política passou para a fase de planejamento, no centro hierárquico administrativo de poder, onde a rede em estrela começou a se formar. Foi nessa fase, ou seja, na formação da rede em estrela, que os ideais “nobres” da Freedom Agenda apresentada para o público assumiu rapidamente as diretrizes do Domínio do Espectro Total do Pentágono.

Durante essa fase, a CIA, o Pentágono, o Departamento de Estado, o Departamento de Defesa, a Agência de Segurança Nacional (NSA) uniram forças com os nós autônomos institucionais como o Council on Foreign Relations, as universidades, as ONG's, as embaixadas, os Estados aliados para produzir estudos sobre o funcionamento social, cultural e civilizacional da Síria com o propósito de desenvolver perspectivas sobre a possibilidade de troca de regime.

Informações valiosas sobre o perfil sociocultural, político e econômico da Síria surgem a partir da embaixada dos Estados Unidos em Damasco, por meio de trocas de telegramas entre o encarregado de assuntos externos, Willian Roebuck e a Casa Branca. Telegramas secretos revelados pelo Wikileaks (2015) destacam a avaliação de Roebuck sobre as vulnerabilidades e as estratégias para desestabilizar o governo Bashar Al-Assad. No primeiro momento, verificou-se como o governo da Síria reagiria a provocações externas e em seguida sugere associar as elites corruptas dentro do país ao partido Baath

⁶ Sofia (2005) argumenta que a parte mais polêmica do documento *Rebuilding America's Defenses* oficializa a existência do PNAC e os autores do PNAC dizem abertamente que “o processo de transformação da política externa estadunidense, mesmo que trouxesse mudanças revolucionárias, é possível que seja longo e que necessite de um evento catástrofe e catalisador, como um novo Pearl Harbor”. Embora tal afirmação não prove a relação de causa e efeito com os ataques terroristas do 11 de setembro de 2001 contra os EUA, todavia, revela que as pessoas por trás do PNAC estavam conscientes de que tal evento, como um ataque aos EUA, promoveria a necessidade de uma nova estratégia de política externa dos EUA (SOFIA, 2005, p.51).

com a necessidade da reforma econômica. De acordo com o document, Roebuck escreveu:

We believe Bashar's weaknesses are in how he chooses to react to looming issues, both perceived and real, such as the conflict between economic reform steps (however limited) and entrenched, corrupt forces, the Kurdish question, and the potential threat to the regime from the increasing presence of transiting Islamist extremists. This cable summarizes our assessment of these vulnerabilities and suggests that there may be actions, statements, and signals that the USG can send that will improve the likelihood of such opportunities arising (ROEBUCK 2006 Apud, WIKILEAKS 2015, p. 270).

Como é possível notar no último trecho do telegrama, Roebuck (2006) propõe ampliar as vulnerabilidades através de declarações, ações ou sinais que os Estados Unidos poderiam enviar. Ele via a demora na reforma econômica e da abertura da economia como um instrumento que poderia ser utilizado para abalar a legitimidade do governo de Assad. No entanto, Naimam (2015) esclarece que Roebuck não estava interessado nem com a facilitação dos investimentos privados, nem com o sucesso da reforma econômica, mas ao contrário, ele buscava o seu fracasso, o que nos leva ao segundo telegrama:

Bashar keeps unveiling a steady stream of initiatives on economic reform and it is certainly possible he believes this issue is his legacy to Syria. While limited and ineffectual, these steps have brought back Syrian expats to invest and have created at least the illusion of increasing openness. Finding ways to publicly call into question Bashar's reform efforts pointing, for example to the use of reform to disguise cronyism would embarrass Bashar and undercut these efforts to shore up his legitimacy (ROEBUCK 2006 Apud, WIKILEAKS 2015, p. 277).

Em seguida, o chefe da Embaixada dos Estados Unidos na Síria identifica a relação da Síria com o Irã como mais uma vulnerabilidade em potencial e advoga perante o secretário de estado e Washington a ideia de que o Governo dos Estados Unidos deveria coordenar suas ações com o Egito e a Arábia Saudita para acentuar a tensão sectária entre Sunitas e Xiitas. A estratégia consistia basicamente em explorar e exagerar a preocupação existente sobre o aumento da influência iraniana na Síria que ocorria na forma das construções de mesquitas e atividades de negócios. O próximo telegrama é ilustrativo:

There are fears in Syria that the Iranians are active in both Shia proselytizing and conversion of mostly poor, Sunnis. Though often exaggerated, such fears reflect an element of the Sunni community in Syria that is increasingly upset by and focused on the spread of Iranian

influence in their country through activities ranging from mosque construction to business.

Both the local Egyptian and Saudi missions here (as well as prominent Syrian Sunni religious leaders) are giving increasing attention to the matter and we should coordinate more closely with their governments on ways to better publicize and focus regional attention on the issue (ROEBUCK, 2006 apud WIKILEAKS 2015, p. 271).

Outra vulnerabilidade identificada por Roebuck (2006) que os Estados Unidos deveriam explorar era o fator Abdul Halim Khaddam, ex-vice-presidente da Síria e líder da Oposição Frente de Salvação Nacional, no exterior. De acordo com o telegrama, Khaddam era visto com desconfiança por parte de Bashar Al-Assad e a ideia consistia em provocar uma reação excessiva do governo com o objetivo de isolá-lo tanto internamente quanto externamente dos seus vizinhos árabes. Roebuck não só estabelece a vulnerabilidade como define as possíveis ações. O próximo evaien é instrutivo:

Khaddam Knows where the regime skeletons are hidden. Which provokes enormous irritation from Bashar, vastly disproportionate to any support Khaddam has within Syria. Bashar Asad personally, and his regime in general, follow every news item involving Khaddam with tremendous emotional interest. The regime reacts with self-defeating anger whenever another Arab country hosts Kkaddam or allows him to make a public statement through any of ist media outlets. We should continue to encourage the Saudis and others to allow Khaddam access to their media outlets. Providing him with venues for airing the SARG's dirty laundry. We should anticipate an overreaction by the regime that will add to its isolation and alienation from its Arab neighbors. (ROEBUCK, 2006 apud WIKILEAKS 2015, p. 271).

É interessante notar que Roebuck (2006) utiliza claramente a estratégia dos Cinco Anéis de Warden para fazer uma análise sistêmica do perfil sociocultural, político e econômico da Síria, e com isso identificar as vulnerabilidades dos centros de gravidade que mantêm a força do governo de Bashar Al-Assad unida. Warden (1995) esclarece que o inimigo é como um sistema dividido entre cinco centros de gravidades interconectados entre si, e que o objetivo da estratégia dos Cinco Anéis é identificar as vulnerabilidades, nos centros de gravidade, com objetivo de promover um ou mais ataques aos anéis mais vulneráveis. Korybko (2015) assinala que essa estratégia é importantíssima tanto para as revoluções coloridas, como para as guerras não convencionais, os dois pilares da Guerra Híbrida.

No caso da segunda fase da revolução colorida, a fase que envolve a coleta de dados, informação, planejamento, escolha do método a ser utilizado e os pontos mais

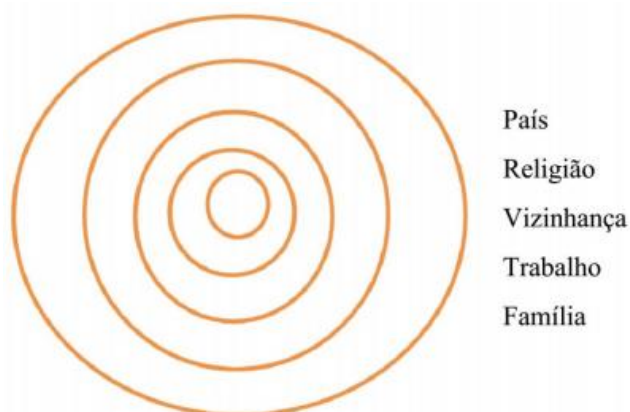
vulneráveis a serem explorados, as informações transmitidas por Roebuck (2006) contemplam os dois conjuntos diferentes de anéis para cada alvo, a saber: a sociedade e o indivíduo da Síria. Para ilustrar esse processo, ou seja, como as informações oferecidas por Roebuck (2006) são aplicadas a paralisia estratégica de um ou mais anéis, dos dois conjuntos diferentes de anéis a Figura 6 põe em perspectiva cada setor da sociedade da Síria quando a sociedade é o alvo. Cada anel representa um centro de gravidade e o conjunto deles representa a força gravitacional unida do governo de Bashar Al-Assad. O mesmo princípio é aplicado na Figura 7 quando a revolução colorida visa atingir o máximo de indivíduos possíveis. Cada anel representa os valores que esse indivíduo carrega consigo, ou seja, o patriotismo, o valor da família, do trabalho, a vizinhança, a religião:

Figura 6: Cinco Anéis – modelo sociedade



Fonte: KORYBKO 2015, p.19, 20.

Figura 7: Cinco Anéis – modelo indivíduo



Fonte: KORYBKO 2015, p.19, 20.

É interessante notar que a época, no campo étnico-religioso, a Síria estava dividida entre Sunita (maioria da população Síria) Alauitas, Xiitas, Drusos, Curdos e Cristãos. Na esfera econômica, Bashar Al-Assad seguia o modelo rentista com base no petróleo implementado pelo seu pai, Hafez Al-Assad em 1970. Tal modelo econômico apoiado pela subida dos preços do petróleo e da obtenção de rendas mediante acordo com as monarquias do Golfo Pérsico foi responsável pela criação de um setor público de trabalhadores com certos privilégios, como a garantia de emprego, plano de saúde, aposentadoria e transporte público gratuito. Como resultado de tal política, houve o desenvolvimento de uma classe estatal que sobrevivia dos serviços públicas e dos investimentos nesses setores e no setor agrícola. Não só isso, a política econômica rentista de Hafez Al-Assad permitiu à Síria manter certa independência de mecanismo de financiamento, como do FMI e do Banco Mundial, o que deu ao país uma soberania real (HAJJAR, 2016 p. 35).

Todavia, em 2005, o modelo rentista apresenta sinais de esgotamento devido ao preço baixo do petróleo afetando a renda desses recursos, ou seja, as receitas do petróleo, que representava cerca de 58% do total no início da década passaram a 27% em 2010 (HAJJAR, 2016 p.40). Como é dito pelo autor, a crise econômica afetou de modo mais agressivo a parcela mais pobre da população síria. Hajjar (2016) explica que os empregos públicos só absorviam 20% dos trabalhadores em idade adulta, limitando o ingresso àqueles com diploma universitário ou técnicos. Além disso, a Síria enfrentou limites no crescimento no setor liberal devido a questões estruturais que tornavam o mercado interno pouco apto à competição.

Os cinco anos anteriores à Guerra na Síria oferecem os elementos estruturais e conjunturais favoráveis para a tentativa de troca de regime. De acordo com Naiman (2015), desde 2006, cinco anos antes das “Primaveras Árabes” e protestos na Síria, desestabilizar o governo de Damasco era a principal motivação da política externa dos EUA (NAIMAN, 2015). Como é dito pelo autor Roebuck (2006), os EUA deveriam explorar o conflito sectário entre Sunitas e Xiitas, exacerbar o medo e o ressentimento existente na Síria em relação ao aumento da influência do Irã, que ocorria tanto na forma das atividades de negócios, das construções de mesquitas, quanto no aumento da presença de grupos extremistas transitando pelo país. No âmbito da reforma econômica, além de desencorajar os investimentos externos e minar processo da reforma, os EUA deveriam

fomentar a crença que o governo da Síria era ilegítimo por se associar às forças corruptas do país.

Não só isso, os Estados deveriam pressionar países árabes, especialmente Arábia Saudita e Egito para que permitissem que o ex-presidente da Síria tivesse acesso aos seus meios de comunicação, com o objetivo de defender a democracia e os Direitos Humanos na Síria. Nesse caso, a estratégia buscava promover uma reação excessiva do governo com o propósito de isolá-lo dos vizinhos árabes. Outra questão que poderia contribuir para uma reação excessiva do governo, era o medo de um golpe de estado. Roebuck (2006) acreditava que se o governo da Síria reagisse às provocações externas, os EUA poderiam vender a ideia de que o regime estava paranoico.

Entretanto, quando vistos com as lentes das estratégias da Guerra Híbrida, Roebuck (2006) não destaca apenas as vulnerabilidades e as possíveis ações que os EUA deveriam explorar, mas defende abertamente a aplicação da Estratégia do Caos. Mann (1992) afirma que para semear o caos, basta mudar a energia de conflito das pessoas modificando o software, como os hackers ensinaram. Para os hackers, a forma mais agressiva para modificar um software é usar um vírus. E o que é a ideologia, senão um vírus de software para os seres humanos? Em outras palavras, ao propor exagerar o medo existente sobre o aumento da influência do Irã na Síria, de grupos extremistas transitando no país, do fracasso da reforma econômica e de gerar a ideia de que o governo de Bashar Al-Assad era ilegítimo, ele sugere semear o caos modificando o sentimento político e a ideologia da sociedade/indivíduo-alvo da Síria.

Após chegar a uma descrição precisa do ambiente sociocultural-alvo e da melhor forma de explorar as vulnerabilidades nos Cinco Anéis, Roebuck (2006) sugere adaptar sua mensagem para criar um vírus (mensagem) próprio a fim de conquistar novos adeptos. O vírus contamina os indivíduos, e uma vez que ele encontra uma vítima, esse indivíduo então espalhará ativamente as ideias para outras pessoas, o objetivo é causar uma epidemia política. Esse processo é também uma aplicação direta das ideias de Szanfranski (1984) sobre guerra neocortical. De acordo com o autor, a guerra neocortical é uma guerra que se esforça por controlar ou moldar o comportamento dos organismos inimigos sem destruí-los (SZAFRANSKI 1994, p. 404). Ela influencia até o ponto de regular a consciência, as percepções e a vontade da liderança do adversário: o sistema neocortical, ou seja, a guerra neocortical tenta penetrar nos ciclos recorrentes e simultâneos de “observação, orientação decisão e ação” dos adversários (SZAFRANSKI 1994, p. 404).

Dito de maneira mais simples, o objetivo final da guerra neocortical é desorientar o inimigo e influenciá-lo a não lutar. Para tanto, ela utiliza a língua, a imagem e a informação durante uma campanha de operação psicológica para atacar indiretamente “o cérebro coletivo” da liderança do inimigo. No entanto, no contexto das Revoluções Coloridas, a campanha de disseminação de informação visa influenciar indiretamente “o cérebro coletivo” do grosso da população (KORYBKO 2015, p. 37) e a ideia consiste em induzir a população a se manifestar para derrubar o governo em vez de se recusar a lutar. Ou seja, ao propor ao governo dos Estados Unidos bombardear a população da Síria com uma campanha intensiva de informação, visando fomentar a ideia de que o governo de Assad era corrupto, ilegítimo e associado a grupos terroristas. Ele sugere expressamente penetrar nos ciclos recorrentes e simultâneos, de “observação, orientação, decisão e ação” do cérebro coletivo, do grosso da população da Síria, com propósito de evaienta-la e eva-la a se manifestar para derrubar o governo de Assad.

Essa estratégia está diretamente ligada aos ensinamentos de Bernays (1947). Ele defende que para que uma campanha de “fábrica de consenso” tenha sucesso, os indivíduos envolvidos, nos eventos em andamento, não podem ter ciência de que as notícias são fabricadas artificialmente e que os eventos são produzidos de forma planejada. De acordo com Korybko (2015), isso ajuda a simplificar o pensamento em massa da sociedade durante o início de um golpe por Revolução Colorida. Para ele, o principal objetivo da campanha de informação é justamente fazer com que o alvo internalize as ideias que lhe são transmitidas dando a impressão de que os próprios manifestantes chegaram a suas conclusões por conta própria. Como mencionado anteriormente, basta que um indivíduo internalize a mensagem e comece a compartilhar com seus amigos mais próximos, que não fazem ideia de que ele está sob influência involuntária de uma operação psicológica estrangeira. A parti daí, o vírus de Mann começará a contaminar a sociedade, espalhando as ideias por contra própria. Uma das melhores maneiras de fazer isso é utilizar as mídias e redes sociais.

Outra questão que é importante destacar é que quando Roebuck (2006) sugere envolver os países árabes, em uma causa comum contra o Irã, ele propõe abertamente que os Estados Unidos liderem por trás do pano. Korybko (2015) explica que durante uma operação de Revoluções Coloridas, os Estados Unidos usam os seus próprios procuradores *in loco* para fabricar toda forma de desestabilização. A ideia consiste em usar os aliados para repassar apoio material aos organizadores e participantes, inclusive

e mais importante, repassar o material necessário para transformar revolução colorida em guerra não convencional. Como será visto mais adiante, para favorecer os seus objetivos geoestratégico e geopolítico, os Estados Unidos usaram não só o Egito e a Arábia Saudita, mas também a Turquia, a Jordânia, o Catar e Israel como seus parceiros liderados por trás do pano como campo de treinamento para insurgentes contra o governo Assad, bem como para o repasse de armas a grupos considerados terroristas.

Em nenhum momento durante as trocas de telegramas com o Governo dos Estados Unidos, Roebuck (2006) sugere o uso das forças armadas convencionais. Isso se dá pelo fato de que ele prefere travar uma guerra indiretamente, atacando seletivamente várias partes dos Cinco Anéis. Korybko (2015) afirma que uma das características da Guerra Híbrida é que ela é em grande medida indireta. Ele explica que durante uma operação psicológica ou guerra não convencional, os alvos não são atacados por via direta. A ideia consiste em utilizar os aliados locais, combinados com os atores desvinculados do Estado (movimento contra o governo, terroristas e mercenários) para fazer o trabalho sujo.

3.1 ORGANIZADORES EXTERNOS, NÓS ATIVOS E A FORMAÇÃO DA REDE MULTIDIMENSIONAL

Outros telegramas revelados pelo Wikileaks (2015) mostram como os organizadores externos (Departamento de Estado dos Estados Unidos, CIA) ramificam-se para criar ou conectar-se aos “nós ativos” (simpatizantes/dissidentes) responsáveis de dar vida à Revolução Colorida. Após estarem satisfeitos com as informações coletadas, os Estados Unidos utilizaram as ONG’s (National Endowment for Democracy (NED), Soros Open Society Foundations, Freedom House), a sociedade civil, os Direitos Humanos e Estados aliados para tentar penetrar na Síria. Nesses telegramas, pode-se ler que o Departamento de Estado dos Estados Unidos, desde 2006, destinou seis milhões de dólares através da MEPI/NED aos grupos de oposição na Síria para financiar as operações do canal de TV Barada, bem como outras atividades subversivas.

De acordo com Wikileaks (2015), a TV Barada, uma rede de televisão dos grupos opositores, com sede em Londres, começou em 2009 a instigar manifestações de protesto com o propósito de derrubar o regime de Bashar Al-Assad. Esses telegramas também identificam que o Departamento de Estado dos Estados Unidos financiou outras

iniciativas como a Democracy Council of California (DCC), a Civil Society Strengthening Initiative (CSSI).⁷ Em 2010, a administração do presidente Obama assinou a Presidential Study Directive -11 (PDS-11), uma ordem a partir de Washington para apoiar o grupo fundamentalista da Irmandade Muçulmana (Ikhwan) através de Organizações não Governamentais dos Estados Unidos como a National Endowment for Democracy (NED), a Soros Open Society Foundation e a Freedom House. Antes de 2012, o Departamento de Estado, em atuação com agentes da CIA, mercenários da Blackwater e oficiais da Navy Seal Team, começou a desenvolver um programa de treinamento militar jihadista⁸ a um custo de US\$60 milhões, em campos da Jordânia, onde receberam instruções de combate e de práticas de ações terroristas (WIKILEAKS, 2015).

É à luz de tais informações liberadas que é possível compreender como a dinâmica que se estabeleceu na revolta da Síria se destacou pelo poder de uma vanguarda com estilo próprio. Soma-se a isso o fato de que as manifestações pacíficas e espontâneas, que passaram em um período de seis meses, a armadas e militarmente coordenadas acabou por revelar outros grupos que participaram da organização dos protestos. Hajjar (2016) descreve com detalhes os integrantes de cada grupo de oposição, sua evolução, entre alianças e rupturas anteriores à guerra, bem como após o início da guerra. De acordo com Hajjar (2016), a Irmandade Muçulmana e a Frente Democrática Nacional foram os grupos responsáveis da organização dos protestos antes da guerra.

A Irmandade Muçulmana esteve presente na criação da Declaração de Damasco, bem como na formação do Conselho Nacional Sírio. Segundo Porat (2010), em 2006, Irmandade Muçulmana uniu forças com outros 50 grupos de oposição ao lado do ex-vice-presidente da Síria, Abdul Halim Khaddam, todos unidos numa causa comum para estabelecer uma Frente de Salvação Nacional contra o presidente Bashar Al-Assad.

A Frente Democrática Nacional teve importante papel no movimento chamado Primavera de Damasco. Clamava por maior liberalização econômica, reformas e solturas

⁷ O CSSI é uma colaboração discreta entre a Democracy Council e grupos locais que produziu o seguro site (nidaasyria.org) para declaração de Damasco.

⁸ A palavra “Jihad” muitas vezes é utilizada de maneira imprecisa por políticos ocidentais e pela mídia. Em árabe, a palavra significa “esforço ou luta”. No Islã, isso pode significar a luta interna de um indivíduo contra os instintos básicos bem como o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana. No trabalho discutido ora em tela, o termo jihadistas é utilizado para definir os grupos que acreditam que a luta violenta é necessária para restaurar a lei de Deus na Terra, e para defender a comunidade muçulmana conhecida como “umma” contra infiéis e apostas

de dissidentes políticos. Segundo Hajjar (2016), o governo de Bashar Al-Assad chegou a atender algumas de suas demandas.

A Declaração de Damasco foi assinada em outubro de 2005 por diversos grupos de oposição, incluindo a Frente Democrática Nacional, a Irmandade Muçulmana, partidos curdos e assírios. A Irmandade Muçulmana, aproximou-se do ex-vice-presidente Abdelhalim Khaddam. Segundo Hajjar (2016), a aliança da Irmandade com Khaddam, apoiada pela Arábia Saudita, deu origem à Frente Nacional de Salvação, da qual a irmandade se separou em 2009.

Segundo Hajjar (2016), os grupos que se uniram para tentar derrubar o governo de Bashar Al-Assad foram:

- Conselho Nacional Sírio.
- Irmandade Muçulmana, liderada por Riad al-Shaqfa, e representando o Conselho Nacional Sírio por Mohammed Farouq Teifour.
- Organização Democrática Assíria.
- Partido Curdo (Corrente Futura).
- Corrente Síria Nacional, um grupo Islamista-liberal liberado pelo ex-deputado Imad al-Din al-Rashid.
- Grupo de Trabalho Nacional pela Síria, formado por exiliados liberados por Ahmed Ramadan, cuja maioria dos membros é de sunitas conservadores de Atepe, próximos à Ilkhan.
- Reunião de Coordenação Democrática. Pequeno grupo de exilados formado por acadêmicos e intelectuais, incluindo Basma Qodmani, Adbulbaset Sieda, Wael Mirza, Adib al-Shishakli.
- Bloco Democrático Nacional Sírio, um pequeno grupo de seculares nacionalistas exiliados, liderados por Randa Kassis, baseado em Paris.
- Comitês de Coordenação Locais: grupos inicialmente formados majoritariamente por jovens ativistas das redes sociais, distribuindo informações e organizando os protestos, além de estarem fortemente associados com a mídia e o registro de manifestações. Embora tenham surgido na mídia com certa aura de informalidade. O'Bagy (2012) aponta que 120 comitês locais apoiaram a criação do Conselho Nacional Sírio, ainda no ano de 2011.
- Conselho Supremo para a Revolução Síria.
- Grupos de Coordenação Curdos.
- Independentes: diversos membros são independentes, inclusive o presidente executivo do Conselho Nacional Sírio Burhan Ghalioun (esquerda liberal), Maashouq al-Khaznawi (Islamista Curdo), Sadeq Jalal al-Azm (intelectual secular), Anas Airout (Religioso Islamista de Baniyas,

Ghassan al-Najjar (Islamista independente). (LUND, 2012, O'BAGY, 2012, apud HAJJAR, 2016, p. 53).

Hajjar (2016) lista os seguintes grupos como os que combateram e lutaram na Síria:

Exército Sírio Livre – Segundo Hajjar (2016), é o grupo que tinha a incumbência de dominar uma porcentagem do território sírio em nome do Conselho Nacional Sírio, de modo que constituísse legalmente, perante os organismos internacionais, um grupo representativo de certo percentual do território e da população, o que daria a este grupo maior legitimidade, em um *status* próximo ao de país. O Exército Sírio Livre não é um grupo de oposição simples e coeso.

Frente Jabhat al Nusra (ALQaeda na Síria) – É uma organização militante sunita jihadista cuja meta é derrubar o regime de Assad na Síria e substituí-lo por um governo islâmico (HAJJAR, 2016, p. 57). Segundo Hajjar (2016), a Al-Nusra era um dos grupos rebeldes mais poderosos operando na Síria, e foi a única afiliada oficial da Al Qaeda no país. Hajjar (2016) segue afirmando que apesar do grupo ter sido auxiliado pelo Estado Islâmico (do Iraque e do Levante), os dois grupos se tornaram inimigos no campo de batalha. Vale acrescentar que este grupo fez coligações com diversos outros, inclusive o Exército Sírio Livre (HAJJAR 2016, p. 57). Os Estados Unidos e a comunidade internacional reconheceram seu caráter de organização terrorista.

Estado Islâmico do Iraque e da Síria ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante – (EEIS ou EEIL, conhecido por suas siglas em inglês. ISIS ou ISIL, ou ainda sua sigla em árabe, DAESH) Uma organização salafista cujas metas são o estabelecimento e a expansão de um Califado (HAJJAR, 2016, p. 57). Como extremistas treinados que participaram da insurgência iraquiana contra a ocupação estadunidense do Iraque, e posteriormente tornando-se Al Qaeda no Iraque (AQI) (HAJJAR, 2016, p. 57). Após enfrentar o declínio em 2011, esse grupo começou a se destacar novamente na medida em que se envolvia com a guerra na Síria. De acordo com Hajjar (2016), o grupo Salafista mudou seu nome para estado Islâmico do Iraque e da Síria em 2013 e por volta do fim do mesmo ano e início de 2014, apropriou-se rapidamente de território sírio e iraquiano. O grupo ficou conhecido pelas decapitações de reféns ocidentais, e o grande contingente de estrangeiros que se uniram para lutar ao seu lado. No campo de batalha, o ISIS combate o Exército Nacional Sírio, grupos rebeldes, Milícias e Exército Iraquianos,

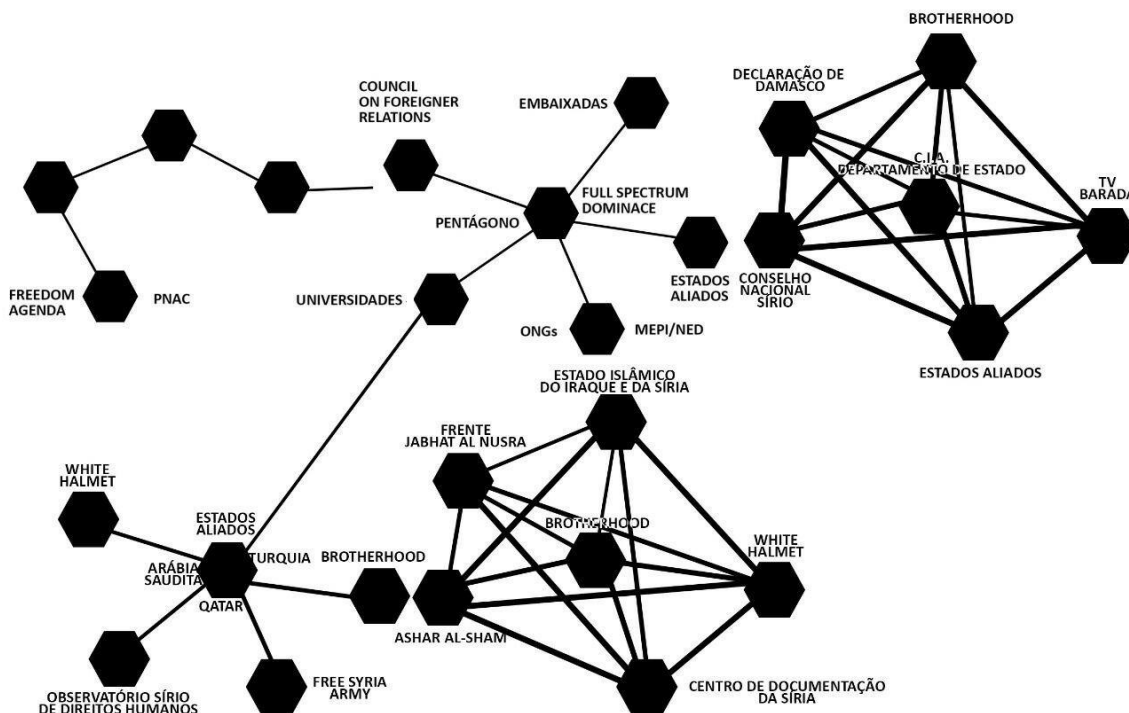
e os Peshmerga Curdos (MAPPING MILITANT ORGANIZATIONS PROJECT, 2010-2016 apud HAJJAR, 2016, p.58).

Ashar al-Sham (também conhecido como Harakat Ahrar al-Sham al-Islamiyya, ou Movimento Islâmico dos Homens Livres do Levante) – Grupo Salafista Sunita, com o apoio da Turquia, buscou substituir o regime de Assad por um governo islamista. Segundo Hajjar (2016), embora o grupo tenha operado por toda a Síria, seus ataques se concentraram no norte e oeste do país. Hajjar (2016) salienta que desde sua criação até 2013, Ahrar Al-Sham cooperou com o Estado Islâmico (do Iraque e da Síria), promoveu campanha bem sucedida para remover o Exército Nacional Sírio de Raqqa, fortaleceu sua aliança com Jabhat Al-Nusra, para coordenar ataques contra o Exército (Nacional Sírio), e atuou na criação da organização guarda-chuva Jaysh Al-Fatah para forçar o Exército Sírio a sair da província de Idleb em 2015.

Ansar al-Sham – também conhecido como Kataib Ansar Al-Sham (Apoiadores do Levante) é um grupo salafista sunita que busca substituir o governo de Bashar Al-Assad por outro, islâmico. Formado em 2012 na província síria de Latáquia, tornou-se ativo também em Idlib e Aleppo. Diferente de alguns outros grupos do guarda-chuva Frente Islâmica, do qual faz parte este grupo, não se opõe ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante, raramente opera sozinho e frequentemente coopera com a Jabhat Al-Nusra.

A Figura 9 é a continuação da Figura 8 apresentada no início do Capítulo 3. Ela busca por em perspectiva a atuação e a participação dos grupos dentro do espectro da rede multidimensional do conflito. Korybko (2015) demonstra a complexidade da Revolução Colorida, quando combina os três tipos de formação em rede na primeira fase da Guerra Híbrida. Ou seja, após a segunda fase da Revolução Colorida, fase responsável pela coleta de dados, informações e planejamento, os organizadores externos ramificam-se para entrar em contato com os grupos dissidentes responsáveis de por em prática os métodos da Revolução Colorida. Nessa etapa, o comando e a organização deixam de ser hierarquizados. Além de promover um ataque multidimensional contra o inimigo, esse processo dificulta perceber a origem do movimento.

Figura 9: Rede multidimensional aplicada à Síria



Fonte: Adaptação própria a partir de Korybko, 2015, p. 42.

No contexto das revoltas na Síria, todos esses grupos comunicando-se de maneira consciente ou não com agências de inteligência estrangeira tornaram-se todos “uma só mente”. Como é dito por Korybko (2015), os “nós ativos” são os organizadores externos, agentes de inteligência (Departamento de Estado dos Estados Unidos, Departamento de Defesa, CIA), instituições autônomas (ONG’s), Estados aliados atuando em conjunto com simpatizantes e dissidentes, rebeldes moderados, jihadistas (TV Barada, Irmandade Muçulmana, jihadistas).

Esses simpatizantes e dissidentes entrincheirados foram encarregados de criar suas próprias redes em estrela e multicanal, através das redes sociais online ou com organizações não governamentais. A medida em que mais líderes organizacionais foram recrutados, novos “nós ativos” surgiram. No entanto, foi só quando as redes multicanais se tornaram mais distantes da rede em estrela, embora mantendo o intercâmbio fluido de informação de entrada e saída através da rede, foi que “os nós ativos” de simpatizantes e de dissidentes, dentro do estado-alvo atuaram como um enxame unificado contra o centro simbólico administrativo de poder. Pela lei da aglomeração tentaram provocar a troca de

regime na Síria. Esse caos organizado, administrado e dirigido ficou conhecido como “Primavera Síria”.

3.2 REVOLUÇÃO COLORIDA, MÉTODOS NÃO VIOLENTOS DE SHARP E O PAPEL DAS ONG’S NA GUERRA NEOCORTICAL

O fenômeno das chamadas Primaveras Árabes representa uma das primeiras convulsões sociais onde a internet, as redes sociais e as demais tecnologias de comunicação foram utilizadas como ferramenta de mobilização popular. As Primaveras Árabes e suas formas de operação – Revolução Coloridas, Combates não Convencionais – são seu pano de fundo, e tal fenômeno remete diretamente aos desdobramentos no conflito na Síria, e que tem parte de sua compreensão nas mídias tradicionais e novas. Como é dito por Korybko (2015), as quintas colunas são compostas menos por agentes secretos, sabotadores ocultos, e mais por protagonistas desvinculados do Estado que se comportam como civis. As mídias sociais, ou seja, o YouTube, o Facebook e Twitter são partes integrantes da nova artilharia que os novos guerreiros híbridos empunham, sendo seus projéteis imagens, sons e informação especificamente reconhecidos por terem ajudado a concretizar os eventos da Primavera Síria.

De acordo com o New York Times (2011), o Facebook e o Twitter desempenharam um papel fundamental na organização dos protestos. Os organizadores promoveram uma campanha nas redes sociais, clamando para que os sírios se manifestassem contra o governo de Assad, em pontos-chave do país como Daraa, Homs, Baniyas, Aleppo e Damasco. O jornal traz uma informação que é digna de observação: na cidade de Damasco, alguns manifestantes se posicionaram em frente ao Parlamento, sob a presença de segurança policial, enquanto outros aguardavam sentados em veículos. O mesmo episódio se repetiu na mesquita de Omari, em Daara. Soma-se a esta informação, a matéria do correspondente do New York Times, em Beirute, Anthony Shadid (2011). Segundo ele, os organizadores dos protestos espalhados por toda Síria e fora dela acreditavam que a sexta-feira e o sábado reuniam as condições perfeitas para o “*momentum* do levante”.

Três dias depois, em nova matéria, Shadid (2011) documentou as emoções e os dedos de Nakhle sobre o teclado retratando o dia em que, segundo ele, deveria ser o mais sangrento do levante na Síria. Nakhle se auto define como cyber ativista. Ele fazia parte

de uma rede de ativistas exilados, responsáveis em ajudar a coordenar e cobrir os protestos em tempo integral e a moldar as imagens transmitidas. Shadid (2011), em sua matéria, afirma que o grupo além de coordenar seu fuso horário, que abrangia praticamente o Oriente Médio, a Europa e os Estados Unidos, foi capaz de contrabandear centenas de telefones celulares, modems, laptops e câmeras para Síria. Segundo ele, os ativistas dentro da Síria fizeram upload de vídeos e transmitiram via plataforma de redes sociais.

Para Shadid (2011), o trabalho do grupo garantiu o que antes era impossível transmitir para o mundo, em tempo quase real, os cânticos de raiva e gritos de protestos, enquanto “as forças de segurança disparavam nos manifestantes” (SHADID, 2011, p. 01). Posteriormente, em 15 de setembro de 2011, o New York Times, por Arsu (2011), anunciou que um “Conselho da Oposição Síria” havia sido formado em Istambul e que, dentre suas pretensões, estaria a de “iniciar uma transmissão via satélite, formar e preparar um escritório de advocacia no estrangeiro para trabalhar em procedimentos ilegais que teriam sido cometidos pelo governo Assad” (HAJJAR, 2016, p. 48). Na sequência, foi anunciada a formação do “Conselho Nacional Sírio” em uma coletiva de imprensa dada em Istambul, por Associate Press (2011). De acordo com Hajjar (2016), o conselho era composto por “representantes do grupo da “Declaração de Damasco”, uma rede pró-democracia que envolvia a Irmandade Muçulmana síria que foi um dos canais utilizados pelos Estados Unidos responsáveis por ajudar a organizar, coordenar e documentar os protestos (HAJJAR, 2016, p. 49).

O trabalho dos ativistas somou-se ao das principais mídias internacionais (The New York Times, Washington Post, CNN, Estado de São Paulo) e das organizações não governamentais de Direitos Humanos como o Observatório de Direitos Humanos, a Anistia Internacional, o Observatório Sírio de Direitos humanos (SOHR) com sede no Reino Unido, a Rede Inglesa do Observatório Sírio de Direitos Humanos (SN4HR), e o Centro de Documentação de Violação na Síria (VDC), e que dessa forma, ajudaram a compor a imagem de uma guerra civil, cujos protestantes, que se manifestavam de forma “pacífica e legítima”, foram reprimidos com violência pelo governo de Assad, e que, por conta disso, haviam se rebelado e foram capazes de se organizar e se armar em questão de meses.

Segundo Anderson (2015), as organizações não governamentais de Direitos Humanos transmitiram e ainda transmitem imagens, vídeos, sons, números, estatística, notícias, relatórios e a geografia dos horrores da guerra. Para essas organizações não

governamentais e boa parte mídia ocidental, o governo de Assad não fez outra coisa que massacrar protestantes e matar civis por mais de seis anos. Anderson (2015) argumenta que elas ajudaram a manter o fluxo contínuo das atrocidades como o lançamento da bomba barril, do ataque químico na cidade de Ghouta e do massacre de mais de 100 civis no vilarejo de Houla. Todas essas e outras atividades ajudaram a pintar a imagem do presidente da Síria e do seu exército como monstros, assassinos de civis, incluídos mulheres e crianças.

Anderson (2015) vai além e afirma que outro grupo composto pelo White Helmets (Capacetes Brancos), The Syria Campaign, Free Syria Voice e o Mosaic Syria, todos oriundo da Avaaz, uniram-se ao que eles afirmavam ser uma “guerra humanitária”. Esse grupo, sendo a maioria fundada pela Open Society Institute, e o White Helmets financiado pela Agency for International Development (USAID), além de condenar e demonizar qualquer ação conduzida pelo presidente Assad e pelo exército sírio, reivindicava a intervenção internacional.

Ambos trabalharam e atuaram intensivamente para que não faltasse na mídia ocidental acusações sobre quebra de Direitos Humanos e pedido de intervenções, de entrega de mais armas e mais apoio aos rebeldes considerados moderados. Os Capacetes Brancos, por exemplo, ficaram conhecidos por escalar rotineiramente as paredes de prédios bombardeados para desenterrar crianças. Evidentemente, faziam-no sempre com uma equipe de cinegrafistas e um telefone celular carregado (BEELEY 2016, p. 01). O grupo Avaaz, por outro lado, especializou-se em fazer petições pela internet, principalmente após o início do apoio aéreo da Rússia ao exército da Síria.

Hajjar (2016) fez um estudo comparado qualitativo e quantitativo da cobertura da guerra da Síria entre as principais mídias ocidentais e não ocidentais, no período de 2010 a 2016, levando em consideração os seguintes aspectos:

- As fontes dos números de mortos feridos e desabrigados;
- As manifestações pacíficas e a presença de oposição armada;
- A reeleição de Assad;
- E as diferenças na forma como as crises humanitárias da cidade de Madaya Kefraya e Fouaa foram retratadas.

O estudo do autor concluiu que as informações disponibilizadas pelos veículos ocidentais, (The New York Times, Le Monde Diplomatique Brasil, Estado de São Paulo, Al Jazeera) geralmente com base nos relatórios das organizações não governamentais “humanitárias”, como o Observatório de Direitos Humanos, a Anistia Internacional, o Observatório Sírio de Direitos Humanos (SOHR), a Rede Inglesa do Observatório Sírio de Direitos Humanos (SN4HR) e o Centro de Documentação de Violação na Síria (VDC) contaram a história da guerra na Síria sob uma perspectiva muito diferente das de veículos de comunicação não ocidentais como os da Rússia, da China ou do Líbano.

No The New York Times, segundo Hajjar (2016), o presidente da Síria foi retratado como um tirano que esmagou uma revolta popular genuína. A razão por trás desse comportamento, de acordo com a versão das mídias ocidentais, é que havia um conflito sectário, por pertencer, o presidente da Síria, a uma minoria étnica alauita aliada de católicos, drusos e xiitas, e que governava à revelia da maioria sunita (HAJJAR 2016, p. 10). Para Anderson (2015), o fato de muitos acreditarem “no mito” de que o conflito na Síria era uma “guerra civil” ou algum tipo de “conflito sectário interno”, em grande medida foi uma conquista substancial das grandes potências (ANDERSON 2015, p. v).

Já a versão dos veículos não ocidentais como o Russia Today, o Asia Times, o Al-Akhbar e o Al Masdar News, contestam a “tese de guerra civil” e “conflito sectário” na Síria. Para essa mídia, os opositores armados, majoritariamente não sírios, são retratados em geral como grupos formados por jihadistas e terroristas, invasores estrangeiros, de ideologia islamita radical como os salafistas wahabitas e a Irmandade Muçulmana. Esses grupos foram financiados, treinados e armados por países do Ocidente e seus aliados no Oriente Médio para destruir o governo sírio a qualquer custo (HAJJAR 2016, p. 10). O que envolveria inclusive a destruição das instituições e da infraestrutura na Síria (HAJJAR 2016, p. 10). Para Hajjar (2016), as informações disponibilizadas por veículos não ocidentais, além de contradizer a alegada espontaneidade das manifestações, demonstra como o movimento foi capaz de se armar em questão de meses.

Como será visto nesta e na próxima seção, esses grupos “salafistas wahabitas” e a “Irmandade Muçulmana”, além de ajudar a organizar, coordenar e documentar os protestos na Síria, foram os principais “agentes operadores” encarregados de transformar os protestos e as manifestações pacíficas numa guerra civil, ou seja, transformar uma operação de Revolução Colorida numa guerra não convencional. De acordo com Anderson (2015), após a guerra do Afeganistão, do Iraque, da Líbia, da revolta na Tunísia

e do Egito, a guerra por procuração dos Estados Unidos na Síria viria através da combinação das forças da Irmandade Muçulmana e dos wahabitas da Arábia Saudita⁹. Eles, os “exércitos de procuradores islamitas” armados pelos Estados Unidos e seus aliados regionais, infiltraram-se no movimento de reforma política e atiram ao mesmo tempo nos policiais e civis colocando a culpa no governo e desencadeando uma Insurreição (ANDERSON, 2015, p. v).

Para Anderson (2016), a conexão entre protestos pacíficos, movimento de reforma política, repressão brutal e insurreição foi obra do arsenal da guerra de propaganda empreendido pelos Estados Unidos e por seus aliados regionais. Anderson (2016) escreveu um artigo para a Global Research, em 2016, intitulado “The Dirty War on Syria: Washington, Regime Change and Resistance”. Nele, o autor faz a seguinte afirmação: “a guerra de propaganda geralmente demanda o abandono de princípios e razões ordinárias, e a ‘Guerra Suja na Síria’ demonstrou isso em abundância” (ANDERSON, 2016, p. 07). Em seguida, ele segue afirma que “para executar uma guerra por procuração duradoura são necessários o apoio e o suporte da opinião pública” (ANDERSON, 2016, p. 54), e no caso da Síria, as organizações não governamentais partidárias, alinhadas com os valores ocidentais tentaram desempenhar muito bem esse papel.

É interessante notar que o autor estava ciente de que tudo isto estava de acordo com a política externa dos Estados Unidos de Domínio do Espectro Total. Uma política que visa não somente a troca de regime do governo da Síria, mas o controle explícito da informação, da economia, da cultura, dos recursos naturais e energéticos, e da retórica dos Direitos Humanos. Ele chega a mencionar inclusive que após revisar várias vezes o manual de guerra não convencional, os Estados Unidos chegaram à conclusão de que esta estratégia era a melhor a ser utilizada para alcançar esse objetivo, por enfatizar claramente o apoio a insurgentes, movimento de resistência e operações militares convencionais.

O trabalho de Anderson (2016) ajuda a compreender dois aspectos fundamentais sobre os eventos ocorridos na Síria. Primeiro, em cada etapa das manifestações da revolta e do conflito, os Estados Unidos estavam liderando por trás do pano. Esta abordagem indireta está em perfeita sintonia com o elemento surpresa, cujo propósito é atingir o ponto mais fraco do governo de Assad. Segundo Anderson (2016), esse era o tipo de

⁹ Anderson (2015) diz que apesar das lutas entre os grupos salafistas wahabitas e a Irmandade Muçulmana e seus patrocinadores, eles compartilham da mesma ideologia, qual seja, a oposição ao regime nacionalista secularista de Assad e a busca por estabelecer um estado religioso.

estratégia de guerra que estava sendo utilizada pelos Estados Unidos para desestabilizar o governo de Assad. Nessa seara, os postulados de Korybko (2015), além de lançarem luz sobre o tema, ajudam a alargar a compreensão sobre a dinâmica do conflito na Síria.

Korybko (2015) afirma que a guerra não convencional na Síria não ocorreu sozinha e de forma espontânea, em vez disso, ela foi a continuação de um conflito já existente na sociedade e sua função foi ajudar um movimento a atuar dentro de um conflito para derrubar a autoridade-alvo. Nesse sentido, Korybko (2015) levanta a hipótese que a estratégia de guerra que estava sendo utilizada pelos Estados Unidos na Síria era uma Guerra Híbrida e o conflito pré-existente em questão, era uma Revolução Colorida, fabricada externamente, por suas agências de inteligência. Não só isso, ele vai além e afirma que a guerra não convencional foi iniciada secretamente, quase que imediatamente após o início da Revolução Colorida para atuar como multiplicador de força (KORYBKO, 2015, p. 58). Esse parece ser justamente o caso discutido ora em tela. Assim, vistos com as lentes da Guerra Híbrida, esses são os fatos não narrados nas mídias hegemônicas ocidentais.

Os agitadores que iniciaram a tentativa de revolução colorida contra o governo de Bashar Al-Assad lutaram pelo mesmo objetivo de troca regime que os terroristas e mercenários internacionais, e em muitos momentos, tornaram-se uma “coisa só” (KORYBKO, 2015, p. 58; ANDERSON, p. 09). No contexto do conflito da Síria, essas três categorias, “movimento contra o governo, terroristas e mercenários” foram combinadas numa mesma rede. O primeiro, com o auxílio das agências de inteligência estrangeira, via parceria Irmandade Muçulmana Síria (Ikhwan) e National Endowment for Democracy (NED). Utilizaram de forma combinada o Google Maps, o YouTube, o Facebook e o Twitter para orientar rapidamente os líderes ativistas, treinados nos métodos de movimentos não-violentos de Gene Sharp (2002) para manobrar de forma espontânea, protestar e dispersar, com o propósito de dar a impressão de ser um movimento genuinamente democrático.

O Facebook, por sua vez, foi utilizado para recrutar apoiadores em grupos fechados, no ambiente virtual, onde os ativistas contra o governo de Assad puderam se encontrar e discutir suas estratégias virtualmente. Uma vez tomada a decisão de iniciar a Revolução Colorida, o Google Maps foi usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas e se organizar de antemão para o combate urbano contra os serviços de segurança no Parlamento da cidade de Damasco e na mesquita de Omari, em Daara,

enquanto o Google Maps rapidamente exibia rotas de fuga para os combatentes. Embora os protestos tenham ocorridos de forma descentralizada, em Daraa, Homs, Baniyas, Aleppo e Damasco, todos eles estavam interconectados como um grande “enxame de abelha”.

Durante o combate urbano contra os serviços de segurança, os ativistas filmaram os procedimentos com os seus telefones celulares e publicaram vídeos favoráveis ao movimento. Esta afirmação está de acordo com o entendimento de Shadid (2011) sobre a importância do Facebook e do Twitter na organização dos protestos, bem como do uso de telefones celulares, modems, laptops e câmeras para fazerem upload de fotos e vídeos e transmitir via plataforma de redes sociais. Essas informações, combinadas com a difusão de mensagem de toda natureza a todos os membros do movimento, puderam ser transmitidas instantaneamente via Facebook, Twitter, inclusive para Nakhle e sua rede de cyber ativistas, que já estavam posicionados nos diferentes fusos horários que abrangia o Oriente Médio, Europa e Estados Unidos. Eles puderam usar suas contas no Twitter e Facebook para fazer propaganda dos seus vídeos na internet, na tentativa de obter o máximo de visualização possível. O objetivo de tudo isso era fazer com que o movimento da Revolução Colorida se tornasse “viral” e ganhasse exposição internacional (no Ocidente) e, com isso, abrir-se-ia espaço para que os Estados Unidos e outros governos fizessem declarações públicas e tentassem se envolver militar ou diplomaticamente nos assuntos do estado da Síria.

Este foi o caso do Conselho da Oposição Síria e do Centro de Documentação de Violação na Síria (VDC) cujo propósito, entre outros, era formar e preparar um escritório de advocacia no estrangeiro para trabalhar em procedimentos ilegais que haviam sido cometidos e, dessa forma, pressionar as Nações Unidas a adotar o mecanismo Responsabilidade de Proteger contra o governo de Assad. Por outro lado, as mídias internacionais como o The New York Times, o Washington Post, a CNN e as organizações não governamentais ligadas aos Direitos Humanos, a exemplo da Anistia Internacional, do Observatório Sírio de Direitos Humanos (SOHR), a Rede Inglesa do Observatório Sírio de Direitos Humanos (SN4HR), a White Helmets foram recrutadas para atuar no espectro da retórica informacional e dos Direitos Humanos. Eles foram os agentes híbridos encarregados de conduzir a guerra contra a mente, tanto da população síria, quanto da comunidade internacional.

As imagens, dos vídeos, dos sons, dos números, das estatísticas, as notícias e os relatórios transmitidos por essas organizações carregavam consigo a dor, a angústia, o sofrimento, o medo, o terror, e a sensação dos horrores da guerra da Síria. Seus morteiros representaram, acima de tudo, uma campanha intensiva sobre o lançamento da bomba barril, de forma indiscriminada contra a população civil, dos ataques químicos e do massacre de civis. Essas bombas informacionais, áudios e vídeos, visavam, primeiramente e acima de tudo, atingir o sistema neocortical da população síria e da comunidade internacional.

Esses ataques que ocorriam tanto em forma de “onda após onda” quanto de “forma de enxame” cobriam todo espectro informacional e da retórica dos Direitos Humanos, da realidade multidimensional (internacional, regional e local). Os EUA tinham dois objetivos estratégicos em comum: o primeiro, driblar o Loop OODA do governo de Assad, ou seja, debilitar e desorientar sua capacidade de tomar decisões certas e de agir de maneira apropriada; o segundo, tentar penetrar nos ciclos recorrentes e simultâneos de “observação, orientação decisão e ação” do povo sírio, bem como da comunidade internacional para induzi-los a se rebelarem para lutar e derrubar o governo Assad.

Esses ataques seguiam a cobertura da retórica de autoridades importantes da Comunidade Internacional como por exemplo, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama (2015). O comandante-em-chefe da guerra neocortical foi o primeiro a acusar e condenar o presidente Bashar Al-Assad de ter conduzido o ataque químico e de bomba barril contra sua própria população, responsável pela morte de centenas de vítimas civis, inclusive mulheres e crianças. Essas operações conduzidas a partir da Casa Branca geralmente recebiam o apoio tático do Observatório de Direitos Humanos, da Anistia Internacional, do Observatório Sírio de Direitos Humanos (SOHR), da Rede Inglesa do Observatório Sírio de Direitos Humanos (SN4HR). Kenneth Roth, chefe do Observatório de Direitos Humanos, repetia constantemente a palavra bomba barril (ANDERSON 2015 Apud MOA 2015; INTERVENTION WATCH 2015 p. 10).

Os Capacetes Brancos, por exemplo, fundado generosamente pelos membros da OTAN, particularmente Reino Unido e Estados Unidos (BEELEY 2016, p. 04), foram encarregados de atuar em campo, escalar paredes de prédios bombardeados, desenterrar crianças, fazer vídeos, manter o fluxo contínuo das atrocidades para facilitar a disseminação da ideia da necessidade de mudança de regime na Síria. Essa operação tática ajudou a adoção da resolução 2254 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Esta

resolução, embora afirmasse a integralidade do território da Síria, defendia a transição política do regime.

Não só isso, o apoio tático combinado dessas organizações, além de pavimentar o caminho para o estabelecimento da Linha Vermelha por Obama após o ataque químico de Ghouta em 2013, ajudou a construir o entendimento de que havia “rebeldes moderados” lutando contra “grupos extremistas”. Esta narrativa levantou a ideia de que a intervenção internacional era necessária para apoiar os rebeldes moderados contra os novos grupos extremistas (ANDERSON, 2016, p. vii). Foi nesse momento que os Estados Unidos abandonaram seu compromisso em relação à integralidade e à soberania territorial da Síria, conforme defendida pela Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas 2254 e abraçaram o Patriot Act da luta contra o terrorismo, e se envolveram militarmente no conflito da Síria.

Como é dito por Korybko (2015), os Estados Unidos instigam a agitação civil e fomentam uma “mente de colmeia” em estados-alvo. São os verdadeiros objetivos por trás do envolvimento encoberto do governo dos Estados Unidos no Facebook e noutras redes sociais (KORYBKO, 2015, p. 43). Nesse cenário, as organizações de inteligência não são meros usuários passivos das mídias sociais, mas ao contrário, elas são os generais por excelência dos planos estratégicos, operacionais e táticos de uma guerra que só pode ser compreendida à luz dos postulados da Guerra Híbrida.

3.3 THE RAT LINE E A PREPARAÇÃO PARA A GUERRA NÃO CONVENCIONAL

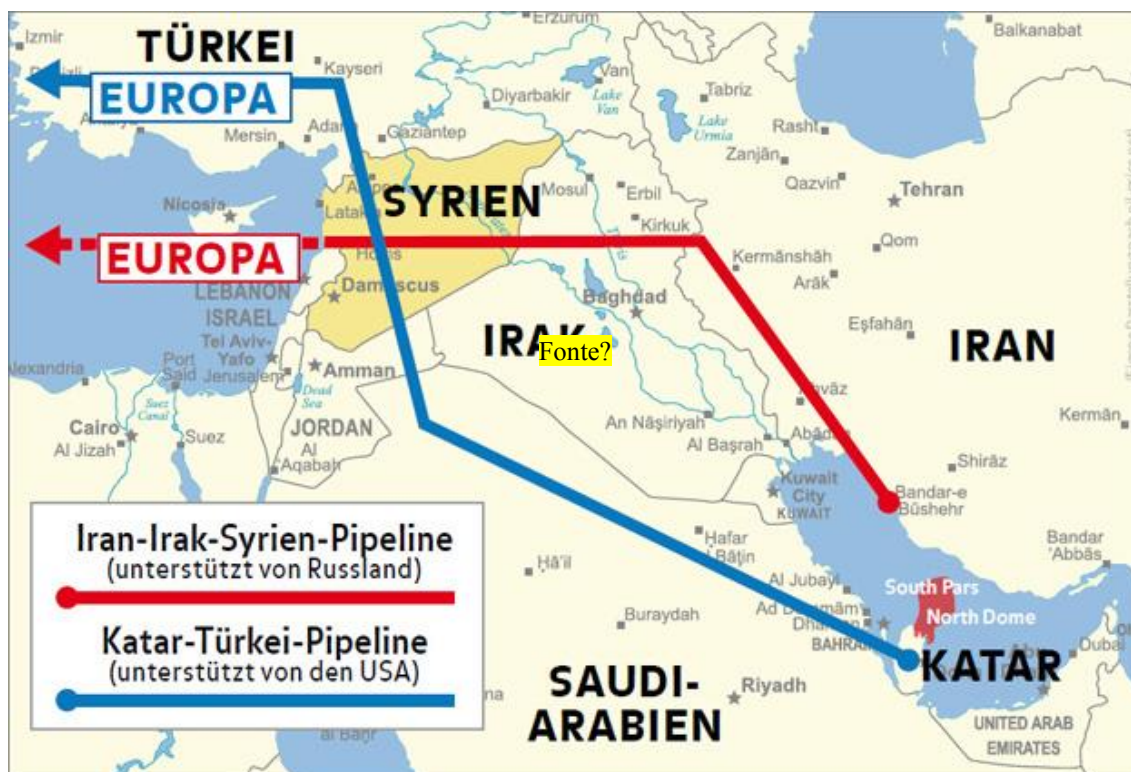
A célula tronco que deu vida e a espinha dorsal que sustentou todo o aparelho do consenso ocidental sobre o que estava ocorrendo na Síria, como protestos pacíficos, movimento de reforma política pró-democracia, repressão brutal, insurreição e guerra civil, foi produto de uma campanha de informação intensiva influenciada pelos ensinamentos de Bernays (1928), aperfeiçoada com a programação neurolinguística de Zafranski (1984). Como é dito por Bernays (1928), antes do início de uma campanha de informação intensiva, os indivíduos envolvidos nos eventos em andamento, não podem ter ciência de que as notícias são fabricadas artificialmente e que os eventos são produzidos intencionalmente.

É nesse diapasão que, em 2014, Minin (2014) escreveu um artigo para a Global Research intitulado “The Geopolitics of Gas and The Syria Crisis: Syrian

‘Oppositon’ Armed to Thwart Constrution of Iran-Iraq-Syria Gas Pipeline”. Nele, o autor afirma abertamente que “a luta pela democracia” na Síria, era uma False Flag (Falsa Bandeira)¹⁰, lançada para encobrir uma disputa em andamento ainda maior, com sérias implicações étnico-religiosas e geopolíticas, tanto para região do Oriente Médio quanto para a balança do poder mundial. De acordo com o autor, essa disputa estava relacionada basicamente aos recursos energéticos localizados no mar do Golfo Pérsico. A questão de fundo era definir se o gás do campo South Pars-North Dome iria para a Europa por gasodutos a partir do Irã, passando pelo Iraque e Síria, ou seguiria uma rota mais ao sul, partindo do Catar via Arábia Saudita, Jordânia, Síria e Turquia. O Mapa 1 ilustra bem essas duas rotas:

¹⁰ De acordo com o dicionário da Cambridge, False Flag (Falsa Bandeira) é um ato político usado para esconder os verdadeiros objetivos de uma ação política.

Mapa 1: Projetos de gasodutos Irã-Iraque-Síria e Catar-Turquia



Fonte: RON. 2017.

O Catar, que compartilha com o Irã o campo de gás South Pars-North Dome, um dos repositórios de gás natural mais ricos do mundo, propôs construir um gasoduto de 10 bilhões de dólares com uma extensão de mil e quinhentos quilômetros (BANDEIRA 2016, p. 217). Conforme Kennedy (2016), esse gasoduto ligaria o Catar diretamente aos mercados europeus de energia através dos terminais de distribuição da Arábia Saudita, da Jordânia, da Síria e da Turquia. Esse gasoduto Catar-Turquia daria aos reinos sunitas do Golfo Pérsico e a seu principal aliado, os Estados Unidos, um domínio decisivo dos mercados mundiais de gás natural. Nesse cenário, a Arábia Saudita seria amplamente beneficiada. Como argumenta Kennedy (2016), o principal objetivo geopolítico da Arábia Saudita era conter o poder econômico e político do seu principal rival, o Irã, um estado xiita e aliado próximo de Bashar Al-Assad e de Putin.

Os membros da União Europeia, por seu turno, além de se beneficiarem do acesso à energia mais barata, teriam a possibilidade de reduzir sua dependência energética da Rússia. Esse também era o caso da Turquia, que estava particularmente ansiosa para acabar com sua dependência da Rússia e se posicionar como o centro lucrativo de

transporte de combustíveis asiáticos para os mercados da Europa (KENNEDY 2016, p. 02). Israel também seria compreensivelmente contemplado caso o oleoduto fosse desviado para não enriquecer o Irã.

Por outro lado, o Irã também propôs construir um gasoduto, o oleoduto Irã-Iraque-Síria. Esse gasoduto, além de fazer do Irã xiita, em vez do Catar e da Arábia Saudita sunitas, o principal fornecedor do mercado europeu de energia, aumentaria fortemente a influência de Teerã e de Moscou no Oriente Médio. Para os russos, que vendem 70% de suas exportações de gás para a Europa (KENNEDY, 2016, p. 02), o oleoduto Irã-Iraque-Síria ajudaria a manter o seu *statu quo*, bem como a se fortalecer contra as iniciativas da OTAN que visava estrangular sua economia, acabar com sua ascensão no mercado europeu de energia e privar a Rússia de seus únicos parceiros no Oriente Médio. Nessa cadeia de disputa, a Síria acabou sendo um elo fundamental e, conforme Minin (2014), inclinou-se a favor do Irã e da Rússia.

De acordo com Bandeira (2017), em 2009, Bashar Al-Assad recusou a assinar o acordo proposto pelo Catar para permitir que o oleoduto atravessasse o seu território, possivelmente em função dos interesses da Rússia. Em seguida, o presidente da Síria aceitou a construção do gasoduto proposto pelo Irã que faria do país persa o principal fornecedor de energia para o mercado europeu. O anúncio de sua negociação foi feito em 2011, e os documentos do acordo firmado em 2012, no entanto, o término de sua construção não se consumou devido à guerra e ao caos gerados na Síria.

É interessante notar que a rebelião na Síria começou quase ao mesmo tempo em que se deu a assinatura do memorando em Bushehr, em 25 de junho de 2011, referente à construção do gasoduto Irã-Iraque-Síria (MININ 2014, p. 02). Segundo Kennedy (2016), os Estados Unidos e seus aliados do Oriente Médio não ficaram satisfeitos com esse resultado e tentaram impedir a construção do gasoduto, armando os combatentes da “oposição” na Síria. Esse fato ficou evidente quando telegramas secretos e relatórios dos EUA, agências de inteligência sauditas e israelenses indicaram que, após o oleoduto do Catar ter sido rejeitado, planejadores militares e de inteligência chegaram rapidamente ao consenso de que fomentar uma revolta sunita na Síria para derrubar Assad era um caminho viável para alcançar o objetivo comum de completar o elo de gás Catar-Turquia. Não só isso, mas a ideia e a estratégia para enfraquecer o regime da Síria e, por correspondência do Irã, veio da Rand Corporation. Fundada pelo Pentágono, a Rand

Corporation recomendou inclusive o uso de ações encobertas, operações de informação e guerras não convencionais (KENNEDY, 2016, p. 09).

Em 2009, o WikiLeaks revelou que logo após Assad rejeitar a proposta do Catar, a CIA começou a financiar grupos de oposição na Síria e fora dela. É nesse contexto que Bandeira (2017) demonstra como antes de 2012, o Departamento de Estado, atuando junto com agentes da CIA, mercenários da Blackwater e oficiais da Navy Seal Team, já desenvolviam um programa de treinamento militar de jihadistas, a um custo de 60 milhões, em campos da Jordânia, onde esses jihadistas receberam instruções de combate e de práticas de ações de guerrilha. Bandeira (2017) faz questão de salientar que esses rebeldes evidentemente não eram “rebeldes moderados”, mas jihadistas sunitas e terroristas estrangeiros oriundos de diversos países. Walsh (2013), embora concorde com Bandeira, vai além e destaca que esse programa de treinamento militar foi muito mais amplo e incluiu o uso de armamentos antitanques e antiaéreos sofisticados. Segundo o autor, por volta de março de 2013, cerca de 300 jihadistas já haviam completado o curso e atravessado a fronteira para lutar na Síria.

O Catar também se empenhou em derrubar o regime de Assad. De acordo com Bandeira (2017), entre 2011 e 2013 o Catar canalizou para os grupos rebeldes a quantia de 3 milhões de dólares, além de oferecer 50 mil como recompensa aos Desertores das Forças Armadas. Esse grupo passou a ser treinado pela CIA (BANDEIRA, 2017, p.218). Minin (2014) afirma que o Catar compensou sua inferioridade militar em relação ao Irã fazendo uso ativo de suas conexões com a presença militar dos EUA e da OTAN no Golfo Pérsico. O autor esclarece que no território do Catar estão um nó de comando do Comando Central do Pentágono das Forças Armadas dos EUA, a sede do Comando Principal da Força Aérea dos EUA, o Grupo Aéreo Expedicionário Nº 83 da Força Aérea Britânica e a 379ª Ala Expedicionária Aérea da Força Aérea dos EUA.

Enquanto o Catar financiou os grupos rebeldes, a Turquia lhes ofereceu o apoio logístico, o campo de treinamento em seu território que posteriormente foi operado pelos Estados Unidos. Durante a campanha da guerra, a Turquia também deu livre acesso aos jihadistas. Desse modo, para Bandeira (2017), é à luz dessas informações e mobilizações após Bashar Al-Assad rejeitar a proposta do Catar que é possível compreender como nasceu o Exército Sírio Livre.

É importante salientar que o Exército Sírio Livre atuou sob o comando do Conselho Nacional Sírio. Esse, por sua vez, recebeu apoio dos “Amigos da Síria”, uma

coalisão criada pelos Estados Unidos, membros da OTAN e seus aliados regionais, sob o pretexto de ajudar os “rebeldes moderados” a conduzir uma revolução secular, legítima e democrática. Farmer (2015) escreveu uma matéria para o *The Telegraph*, na qual ele afirma que para os Estados Unidos, o Exército Sírio Livre era a facção mais moderada em operação na Síria e que, por conta disso, esse grupo recebeu treinamento do programa para combater grupos considerados extremistas. Isso tudo evidentemente acobertado com o “ideal nobre” da missão dos Amigos da Síria e dos Rebeldes Moderados.

Sobre o caráter moderado do Exército Sírio Livre e de sua relação com os Estados Unidos, Beeley (2015, p.03) escreveu “There is no Free Syria Army. It is an umbrella for providing Western aid to a front group run by ‘Muslim Brotherhood’”. Essa organização Irmandade muçulmana foi fundada por Hassan Albana, em 1928, cujo propósito à época visava restabelecer a pura forma do Islã de séculos anteriores. De acordo com Draitser (2012), o espírito religioso da organização era apenas uma fachada para encobrir as reais intenções políticas do grupo. Como é dito por Draitser (2012), a Irmandade Muçulmana servia como uma arma dos países ocidentais contra o nacionalismo Árabe e o comunismo, e em muitos casos agiu como uma agência de inteligência infiltrada em grupos de esquerda e em grupos nacionalistas.

Engdahl (2018) esclarece que foi Hassan Albana que introduziu o conceito da “Jihad Islâmica ou Guerra Sagrada”. Foi Albana que ensinou aos seus seguidores que a Jihad era uma obrigação de todo muçulmano, foi ele que pregou a nobreza da morte em nome de Deus. Albana, além de pregar o culto à morte, defendia que a maestria consistia em assassinar infiéis e que esses infiéis poderiam incluir os próprios muçulmanos, tais como os Xiitas e os Sufistas. Engdahl (2018) sustenta que praticamente toda grande “organização terrorista ou grande líder terrorista” que lutou na guerra do Afeganistão por volta de 1980, veio dessa organização, Irmandade Muçulmana. Osama Bin Laden, por exemplo, era um membro da Irmandade Muçulmana que foi recrutado pela CIA e pela inteligência Saudita para lutar contra a União Soviética no Afeganistão (ENGDAHL, 2018).

O autor vai além e afirma que desde 1950, a CIA descobriu a utilidade dessa organização e passou a atuar junto com ela ao redor do mundo, como por exemplo, Al-Qaeda no Afeganistão, Al-Qaeda no Iraque e na Síria, a Al-Nusra Front na Síria e o Estado Islâmico. Para esse autor, todas essas organizações são extensões, ramificações e fazem parte da mesma rede da Irmandade Muçulmana no mundo, mudando de nome como

camaleão muda de cor (ENGDAHL, 2018, p. 209). O autor acredita que a semente que deu origem a Al-Qaeda no Iraque e na Síria, e depois ao ISIS, bem como às guerras e ao caos que varreu o Oriente Médio está diretamente ligada à política externa de Washington, particularmente ao plano secreto mais ambicioso e mais amplo de uma série de trocas de regime, o Presidential Study Directive-11 (PDS-11). Em 2010, Obama assinou o PDS-11, uma ordem para que Washington se preparasse para apoiar o grupo fundamentalista Irmandade Muçulmana através de Organizações não Governamentais dos Estados Unidos, inclusive a National Endowment for Democracy (NED), a Soros Open Society Foundation e a Freedom House.

Draister (2012) pega carona nessas afirmações de Engdahl (2018) para demonstrar como o Conselho Nacional Sírio, apoiado pelo Ocidente, através dos Amigos da Síria, era liderado nos bastidores pela Irmandade Muçulmana na batalha contra o governo de Assad. Como é dito pelo autor, foi a partir do Egito, o centro da organização, que a Irmandade Muçulmana forneceu muitas formas de assistência, dentre elas o contrabando de armas, o recrutamento de combatentes. A Irmandade Muçulmana da Síria fazia parte de uma rede sombria de intermediários, que operou secretamente no sul da Turquia ao lado dos oficiais da CIA, ajudando aliados a decidir quais combatentes da oposição síria do outro lado da fronteira receberiam armas.

Seymour M. Hersh (2014) escreveu um artigo para o London Review of Book no qual afirma que o próprio presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, estava ciente de que a maioria dessas armas, enviadas através da Turquia, ia para as mãos de grupos rebeldes, tanto moderados quanto extremistas islamitas fundamentalistas radicais como os jihadistas da Jabhá Al-Nusra e o Ahrar Al-Shamno, todos afiliados da Al-Qaeda com o objetivo de atacar o nordeste da Síria.

Segundo Hersh (2014), no início de 2012, Obama ordenou a abertura do que a CIA chamou “The Rat Line” (O Caminho dos Ratos), um canal para introduzir na Síria, através da fronteira do Sul da Turquia, armamentos e munições oriundos da Líbia a fim de abastecer os rebeldes moderados e extremistas, em muitos casos militantes da Al-Qaeda. Esse canal era fortalecido por outra linha, a “linha secreta de transporte aéreo de armas e equipamentos”, oriundos do Catar, Jordânia e Arábia Saudita. Como é dito por Chivers e Schmitt (2013), os governos Árabes e a Turquia, com ajuda da CIA, ampliaram imensamente seu apoio militar aos combatentes que estavam lutando contra o governo de Assad. Desse modo, os países do Golfo conseguiram transferir em praticamente dois

anos, cerca de 400 toneladas de armamento que consistia fundamentalmente em munições, metralhadoras, armas automáticas e antiaéreas.

Tudo isso ocorria sem nenhuma preocupação com o risco de que os armamentos caíssem nas mãos dos grupos extremistas e terroristas. Hoff (2015) defende que o Relatório da Agência de Inteligência em Defesa dos Estados Unidos, formalmente classificado como “Secret/Nonforn” datado de 12 de agosto de 2012, revelou que no início daquele mesmo ano, a inteligência dos Estados Unidos previu a ascensão do Estado Islâmico do Iraque e do Levante, só que, ao invés de classificar o grupo como inimigo, o relatório considerou esse grupo um ativo estratégico para ser utilizado pelos Estados Unidos para alcançar seus interesses políticos. Como argumenta Ahmed (2014), os EUA estavam jogando um “jogo duplo”. Essa foi uma das formas segundo a qual a estratégia dos EUA ajudou a ascensão de Zarqawi, um seguidor de Bin Laden e fruto da imaginação da ideologia extremista que gerou o ISIS (AHMED 2014, p. 03).

O relatório pouco conhecido da Universidade de Operações Especiais Conjuntas (JSOU) e do Departamento de Estudos Estratégicos, “Dividing Our Enemies” (JSOU, REPORT 05 – 5, 2005), pós-invasão do Iraque, foi um estudo de caso interessante que revelou como espalhar descontentamento entre os inimigos, levando a tiroteios 'red vs red' (inimigo contra inimigo). Ele explica que, embora a contra-insurgência, por um lado, exija que as forças dos EUA melhorem as condições de vida difíceis das populações, para conquistar publicamente os corações e mentes locais, o contrário dessa estratégia é menos conhecido. Ela não envolve nenhum esforço para conquistar aqueles que foram pegos no fogo cruzado da guerra insurgente e contra-insurgente, seja por bala ou transmissão (AHMED, 2014, p. 04). Pelo contrário, esta parte inferior da estratégia de insurgente e contra-insurgente é calculada para explorar ou criar divisões entre adversários com o propósito de fomentar encontros mortais entre inimigos, ele diz:

As forças dos EUA buscarão a legitimidade pública por meio do bem-estar social convencional e, ao mesmo tempo, deslegitimar os inimigos locais ao aumentar a violência intra-insurgente, sabendo muito bem que isso, por sua vez, aumentará o número de civis inocentes “pegos no fogo cruzado”. A ideia é que a violência secretamente calibrada pelas operações especiais dos EUA não apenas enfraquecerá os inimigos por meio de lutas internas, mas também tornará a população contra eles (AHMED, 2014, p. 04).

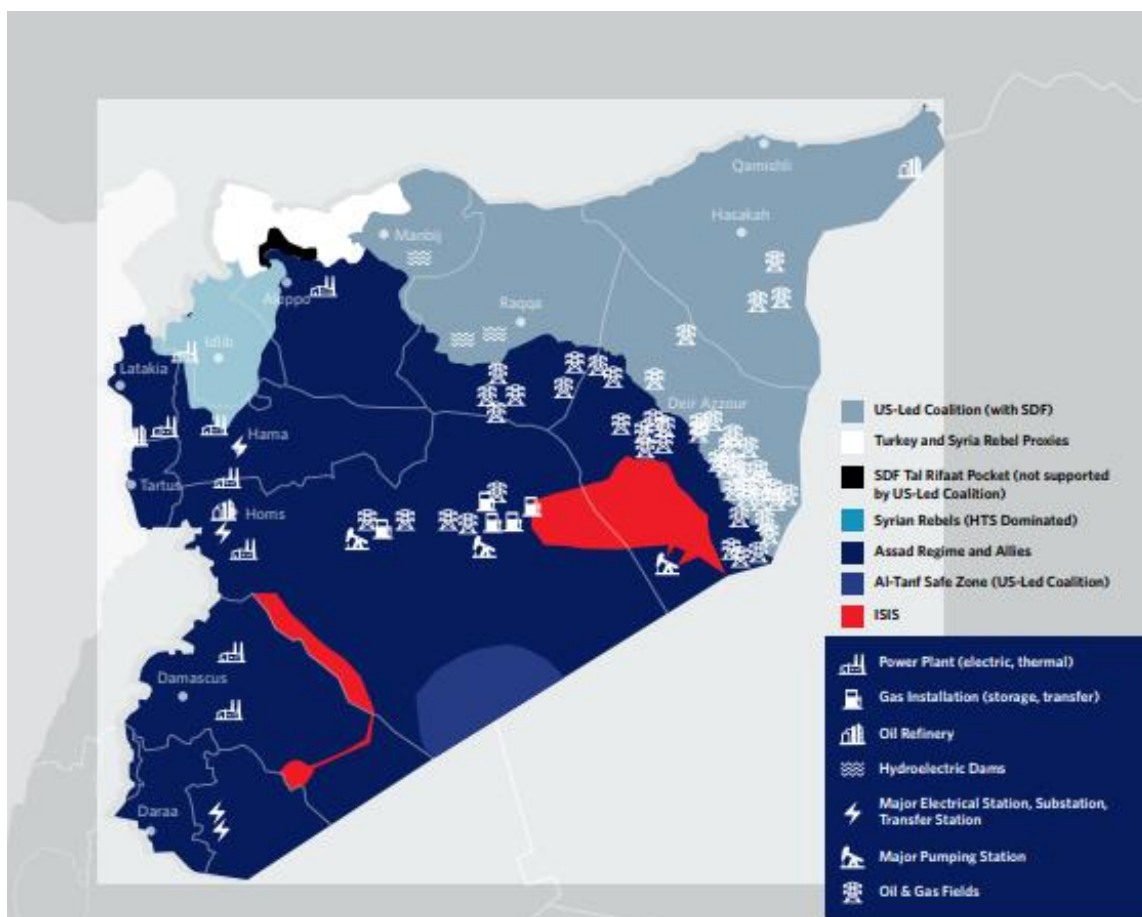
Foi justamente essa estratégia de “jogo duplo” que os Estados Unidos utilizaram para construir o entendimento de que havia “rebeldes moderados” lutando contra “grupos extremistas”. Esta narrativa levantou a ideia de que a intervenção internacional

era necessária para apoiar os rebeldes moderados contra os novos grupos extremistas (ANDERSON, 2016, p. vii). É dentro desse contexto, quando as atrocidades da guerra atraem a atenção do grande público, que em 23 de setembro de 2014, os Estados Unidos lançaram a Coalizão Internacional contra o Estado Islâmico do Iraque da Síria (ISIS).

Essa coalizão atuou em parceria com a Unidade de Proteção Popular (People's Protect Units 'YPG') que posteriormente se tornou a Força Democrática Síria (Syria Democratic Forces 'SDF') que inclui árabes, facções kurdas, os Peshmergas¹¹ além de outros grupos. A coalizão proveu cobertura e suporte aéreo, enquanto essas unidades atuavam em campo. Tudo isso fazia parte de mais uma operação de *false flag* lançada para esconder os objetivos dos Estados Unidos de assumir o controle dos recursos energéticos de petróleo e gás no território da Síria. Como é dito por Thomas (2019), após praticamente cinco anos de operação, Washington e os parceiros da colisão assumiram o controle de uma área que engloba praticamente o norte e nordeste da Síria, isso significa 1/3 do território do país. O mapa a seguir ilustra bem a extensão desse território, bem como a localização dos recursos:

¹¹ Peshmerga é um termo utilizado pelos curdos para se referir aos combatentes de seu exército e significa literalmente "*aqueles que enfrentam a morte*". Esse grupo se destacou no combate contra o estado islâmico e por conta disso recebeu auxílio e armamento dos Estados Unidos

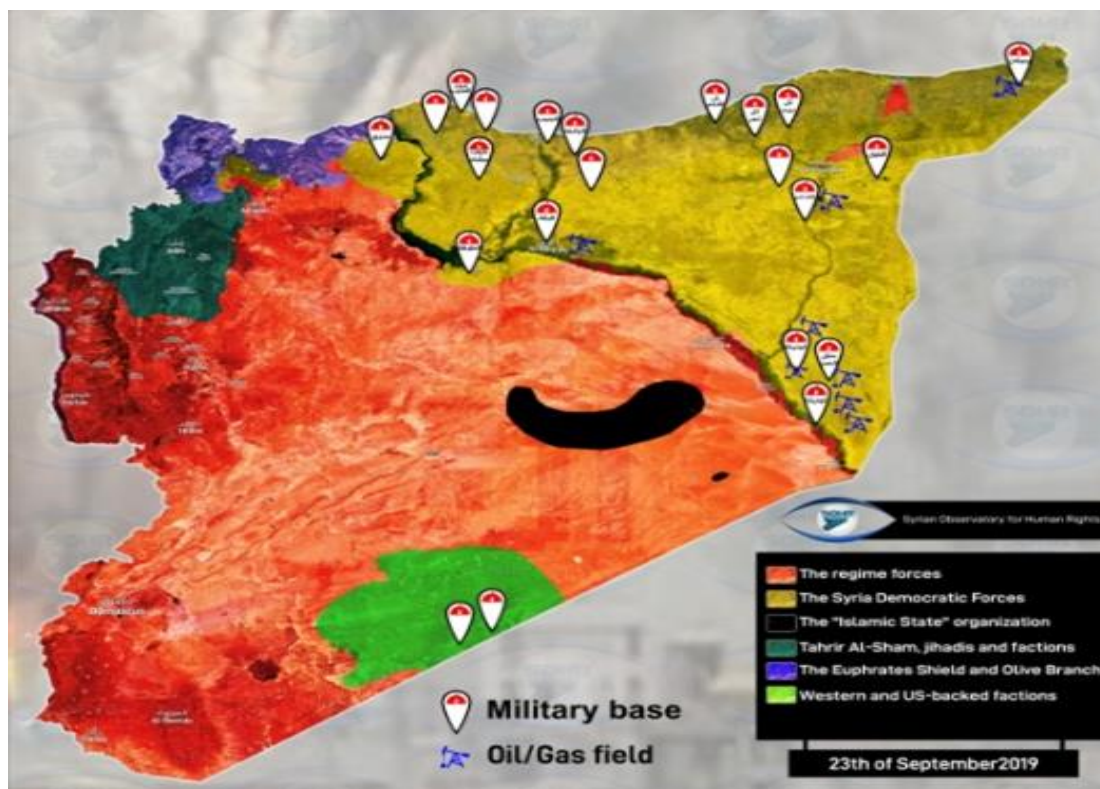
Mapa 2: Recursos da Síria (2019)



Fonte: HERAS; THOMAS. 2019

Vê-se no Mapa 2 que a região nordeste (cinzenta), dominada pelas forças estadunidenses controlam cerca de 70% dos campos de óleo e gás, e um terço do território da Síria. Além disso, nesse território há 22 bases militares. Este fato fica evidente no Mapa 3.

Mapa 3: Áreas controladas na Síria e bases militares da coalisção liderada pelos EUA
(setembro de 2019)



Fonte: SOHR, 2019

Vê-se que no nordeste e no centro-sul, nas áreas controladas pelos EUA, há diversas bases militares a partir das quais se organizam os ataques contra o governo Assad. No nordeste, as forças apoiadas pelos EUA têm acesso a importantes recursos energéticos de óleo e gás. De acordo com Thomas (2019), através dessa área de controle, os Estados Unidos têm uma forte influência sobre a distribuição de vários recursos naturais, como o petróleo, a agricultura, a água e a produção de energia elétrica. De acordo com Tzukanov (2020), a partir desses campos de petróleo, os Estados Unidos e seus aliados Curdos estão vendendo ilegalmente o petróleo da Síria numa quantia estimada de dezenas de milhões de dólares em ouro negro por mês.

Todos esses componentes são essenciais e podem ser utilizados para desestabilizar a Síria. Desse modo, é possível afirmar que os Estados Unidos alcançaram em grande medida os seus objetivos estratégicos de assumir o controle dos recursos naturais e energéticos da Síria.

Para Korybko (2015), o *faseamento* e o *timing* são os fatores mais relevantes da Guerra Híbrida. No caso da Guerra Híbrida empreendida pelos Estados Unidos contra o governo da Síria, esses dois elementos, *faseamento* e *timing*, estavam em perfeita harmonia. Eles foram fundamentais para o relativo sucesso da Revolução Colorida, e por correspondência, o da Guerra Não Convencional empregada para tentar promover a troca de regime. Todas as três fases que caracterizam o *faseamento* e o *timing* permearam toda a dinâmica do conflito, qual seja, a fase latente, a guerra de guerrilha e por fim, a guerra de movimento.

A **primeira fase** que tem relação direta com a fabricação das condições iniciais ideais, como as operações psicológicas das Revoluções Coloridas, movimento de resistência pacífica, recebeu a cobertura das grandes mídias ocidentais e das organizações não governamentais de direitos humanos com o apoio tático das plataformas das redes e mídias sócias. O Facebook e o Twitter, por exemplo, desempenharam um papel fundamental nas operações psicológicas para a formação da mente de colmeia e do movimento em enxame. O Google Maps, por seu turno, foi usado para planejar rotas de protesto, localizar áreas públicas e orientar rapidamente os líderes ativistas, treinados nos métodos de movimentos não-violentos para manobrar de forma espontânea, protestar e dispersar. As organizações não governamentais de direitos humanos e as mídias ocidentais foram escaladas para cobrir o flanco da guerra contra a mente, tanto da população da síria quanto da comunidade internacional. Enquanto as primeiras operaram de forma intensiva para manter o fluxo constante das atrocidades do conflito, as segundas sustentaram a narrativa de um conflito civil, sectário e violento.

A **segunda fase**, a guerra de guerrilha ou Guerra Não Convencional pavimenta o caminho para o recrutamento do máximo de pessoas possível e desencadeia uma insurreição popular contra o governo estabelecido. No caso da Síria, a fagulha veio através da combinação das forças dos “exércitos de procuradores islamitas”, notadamente a Irmandade Muçulmana e os Salafistas Wahabitas, armados pelos Estados Unidos e seus aliados que se infiltraram no movimento de reforma política e atiraram ao mesmo tempo nos policiais e civis, desencadeando a insurreição. Os agitadores que iniciaram a tentativa de revolução colorida contra o governo Assad lutaram pelo mesmo objetivo durante a Guerra Não Convencional que os terroristas e mercenários, e em muitos momentos, tornaram-se uma coisa só. O *timing* para transformar uma revolução colorida numa guerra não convencional na Síria foi perfeito, pois a fagulha surgiu justamente quase ao mesmo

tempo em que ocorreu a assinatura do memorando em Bushehr, em 25 de junho de 2011, referente à construção do gasoduto Irã-Iraque-Síria. Construção essa que não se consumou devido à guerra e ao caos que se estabeleceu na Síria.

Por último, a **terceira fase**, a guerra de movimento, é descrita como uma ação para provocar o colapso do governo existente, seja por ações militares convencionais ou ações militares não convencionais. Na Síria, os Estados Unidos atuaram através da “guerra de movimento” utilizando a estratégia de “jogo duplo”, para construir o consenso de que havia rebeldes moderados lutando contra grupos extremistas. Esta narrativa levantou a ideia de que a intervenção internacional era necessária para apoiar os rebeldes moderados contra os novos grupos extremistas. Foi nesse momento que os Estados Unidos acionaram o Patriot Act (Ato Patriota) da guerra contra o terrorismo e lançaram a Coalizão Internacional contra o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS).

Desse modo, é possível afirmar que os Estados Unidos alcançaram em grande medida os seus objetivos estratégicos. Como mencionado acima, tudo isso fazia parte de uma grande operação de *false flag* lançada para esconder os objetivos dos Estados Unidos de assumir o controle de uma área que engloba praticamente o norte e o nordeste da Síria, o que significa 1/3 do território do país. No entanto, a questão de fundo não se resumia simplesmente à troca de regime do governo de Assad, mas sim contemplava uma estratégia política mais ampla, qual seja, a contenção da influência do Irã e da Rússia na região.

Através do controle dessa região estratégica, os Estados Unidos, além de manter uma influência significativa sobre a distribuição de recursos naturais de petróleo, da agricultura, da água e da produção de energia, podem utilizar suas bases militares para tentar impor a sua influência na região em detrimento do Irã e da Rússia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqueles que buscavam expandir a hegemonia dos Estados Unidos para outras regiões consideradas estratégicas, e por correspondência, garantir a hegemonia global aos Estados Unidos, sabiam muito bem que o sucesso desse objetivo político dependia fundamentalmente do acesso ao mercado externo, da oportunidade de investimento e do acesso aos recursos naturais situados noutros horizontes do planeta. No entanto, alcançar esses objetivos de penetração econômica e ideológica traduzida pela Open Door Policy tornou-se vital quando duas variáveis entraram em jogo: a descoberta de novos campos de petróleo no Irã, no Iraque e na Arábia Saudita, e a consolidação da União Soviética como potência militar. É dentro desse contexto que se testemunha no período imediato pós-segunda Guerra Mundial, o interesse estadunidense pelas imensas reservas de petróleo do Golfo Pérsico evoluir de um campo comercial, para uma questão de segurança nacional, ligado à afirmação estratégica da hegemonia global dos Estados Unidos.

Nesse sentido, toda e qualquer situação ou obstáculo que desafiasse ou limitasse a afirmação hegemônica dos Estados Unidos ou que fechasse as portas para a consolidação dos planos definidos a partir de Washington, passaram a ser justificados em termos de “ameaça comunista”. Isso englobou praticamente líderes nacionalistas populares, mesmo aqueles capitalistas, defensores da reforma agrária e da distribuição da riqueza. Líderes que nacionalizavam recursos locais, que regulavam os negócios e que limitavam o acesso de empresas estrangeiras. Nesse sentido, em nome da expansão econômica e ideológica, o presidente Truman inaugurou o Estado Nacional de Segurança dos Estados Unidos, através da assinatura do National Security Act into Law, de 1947. Ato esse que deu origem ao Conselho Nacional de Segurança (CNS), uma rede complexa de agências de inteligência, que incorporou o Departamento de Estado (DOE), Departamento de Defesa (DOD), a Agência Nacional de Segurança (NSA) entre outras, para coordenar e garantir o sucesso da política externa dos Estados Unidos.

No entanto, a paridade nuclear que os Estados Unidos começaram a compartilhar com a União Soviética marcou a época com uma lógica de intervenção direta, classificado por “conflitos de baixa intensidade” ou indireta, classificada como “ações militares não convencionais encobertas”. Tudo isso para promover a derrubada de governos não alinhados aos interesses estadunidenses. A Síria se mostrou um ponto de inflexão ao projeto do governo Truman de integrar os campos de petróleo do Golfo Pérsico à

estratégia de hegemonia global dos Estados Unidos. A Síria foi uma vítima dos alvos dos métodos empregados pela CIA. Essa Agência, criada oficialmente pelo presidente Truman para ser o braço armado do poder executivo, empregou diversos métodos para destituir governos de outros países. Esses métodos envolveram a extorsão, a infiltração, o sequestro, a tortura, a intimidação, a sabotagem econômica, o emprego de esquadrões da morte e assassinatos. A CIA fez isso identificando, mobilizando e trabalhando em conjunto com grupos de direita dentro dos países ligados ao setor militar para derrubar governos contrários aos interesses dos Estados Unidos.

Todavia, tentando superar o impasse militar imposto pela paridade nuclear da União Soviética e as constantes denúncias contra os métodos brutais empregados pela CIA, os estrategistas militares estadunidenses desenvolveram a ideia de fazer uma guerra que transformasse a microfísica das relações pessoais em relações permeadas pela lógica da guerra, dessa vez, com a aparência de “um movimento popular democrático”. Importante nesse processo é a participação de Organizações não Governamentais de Direitos Humanos e das redes e das mídias sociais. Esses atores foram os responsáveis por transferir o campo de batalha para dentro da cabeça das pessoas e substituir o contingente militar pela mobilização popular. Esse tipo de guerra ficou conhecido pelo termo Guerra Híbrida, um tipo de guerra indireta que preza por operações psicológicas e movimento de resistência não violenta, ou seja, meios não militares. Em alguns casos, esse tipo de guerra não militar flui organicamente para um tipo de combate não convencional descrito como guerra não convencional. Conforme os resultados desta pesquisa, a Síria foi vítima dessa estratégia.

Esta pesquisa partiu da hipótese de que os Estados Unidos aplicaram o modelo da Guerra Híbrida de forma intensiva para derrubar o governo da Síria. Desse modo, optou-se por compreender essa problemática da Guerra Híbrida à luz de Korybko (2015), especificamente da abordagem indireta adaptativa desenvolvida por ele. A opção por Korybko (2015) se explica por três motivos: primeiro por ter desenvolvido uma perspectiva indivisível entre política de Grande Estratégia, troca de regime e Guerra Híbrida; segundo por demonstrar que os Estados Unidos são os principais atores que aplicam esse modelo; e terceiro por serem o autor que alarga a compreensão sobre o conceito de Guerra Híbrida e aprofunda a discussão.

Nesse sentido, o resultado da pesquisa apontou para o fato de que o objetivo político da Grande Estratégia estadunidense de consolidar sua hegemonia para outras

regiões do globo, consideradas estratégicas como Europa, Golfo Pérsico e Ásia, foi ampliada para o domínio absoluto sobre recursos naturais e energéticos, controle da retórica dos Direitos Humanos, comando sobre as decisões nos organismos internacionais, supremacia militar em todas as dimensões do conflito (terrestre, marítima, aérea, espacial e cibernética), controle sobre o sistema de comunicação e informação, liderança no desenvolvimento científico, tecnológico e de armamentos biológicos. Tudo isso já estava descrito de forma embrionária no Projeto para o Novo Século Americano (PNAC), no documento intitulado *Rebuilding America Defense*. Este último documento já apontava inclusive o método para alcançar aquele objetivo político. O resultado prático da combinação dessas duas políticas de grandes estratégias é a atuação dos Estados Unidos de forma simultânea em várias latitudes do planeta, no entanto, com a abordagem indireta e a aparência de movimentos democráticos para troca de regime.

No caso da Síria, objeto de estudo desta pesquisa, as análises revelaram que os Estados Unidos, juntos com suas agências de inteligência operando através das organizações não governamentais de direitos humanos, ajudaram a organizar os protestos utilizando as plataformas midiáticas e as redes sociais para promover a mudança ideológica da população síria, ou seja, formar a mente de colmeia e construir a imagem internacional de um conflito civil, violento e sectário. Ficou evidente durante a evolução da pesquisa que, diferente de outras revoluções como na Geórgia e na Ucrânia, a Síria foi preparada para evoluir imediatamente para a segunda fase da Guerra Híbrida, a fase conhecida como Guerra Não convencional. Os Estados Unidos fizeram-no liderando por trás dos panos, com Estados aliados, “movimentos de resistência” mercenários, rebeldes moderados, rebeldes extremistas, grupos de direita, grupos seculares como a Irmandade Muçulmana, inclusive grupos de esquerda. Os Estados Unidos atuaram tanto em operações militares não convencionais, armando, treinando e preparando aqueles grupos, como em operações psicológicas, através de organizações não governamentais de direitos humanos e via plataformas de redes sociais.

Apesar de que esse trabalho chegou à conclusão de que os EUA empreenderam uma Guerra Híbrida no sentido técnico do termo, não obtiveram sucesso, pois o governo de Assad continua no poder até o momento de entrega desta dissertação (dezembro de 2020). As razões que explicam a fortaleza do governo Assad excedem os limites desta pesquisa e sugere-se que esse salto na pesquisa seja tema de futuras investigações. No

entanto, podemos especular que a capacidade de resistência do governo Assad está provavelmente ligada à ajuda militar e ao apoio da Rússia recebidos pelo governo sírio.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Hafeez. How The West Created the Islamic State. **Counterpunch**. Setembro, 2014. Disponível em: <<https://www.counterpunch.org/2014/09/12/how-the-west-created-the-islamic-state/print>>. Acesso em: 27 maio 2020.
- ANDERSON, Tim. **The Dirty War on Syria**: Washington, Regime Change and Resistance. Montréal: Global Research, 2015.
- ARQUILLA, John; RONFELDT, David F. **Swarming and the Future of Conflict**. Santa Monica/CA: Rand Corporation, 2000.
- ARQUILLA, John; RONFELDT, David F. **The Advento of Netwar**. Santa Monica/CA: Rand Corporation, 1996.
- ARSU, Sebnem. Syrian Opposition Council Forms Istanbul. **The New York Times**. 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/middleeast/syrian-opposition-souncil-forms-in-istanbul.html>>. Acesso em: 24 set. 2019.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. **A desordem mundial**: o espectro da total dominação, guerras por procuração, terror, caos e catástrofe humanitária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. **A Segunda Guerra Fria, geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos**: das rebeliões na Eurásia, à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BEELEY, Vanessa. Humanitarian Propaganda War Against Syria – Led by Avaaz and The White Helmets. **21stcenturywire**. Outubro, 2015. Disponível em: <https://21stcenturywire.com/2015/10/02/humanitarian-propaganda-war-against-syria-led-by-avaaz-and-the-white-helmets/>. Acesso em: 23 maio 2020.
- BEELEY, Vanessa. The REAL Syria Civil Defence Exposes NATO's 'White Helmets' as Terrorist-Linked Imposters. **Global Research**. Setembro, 2016. Disponível em: <<https://www.globalresearch.ca/the-real-syria-civil-defence-exposes-natos-white-helmets-as-terrorist-linked-imposters/5547528>>. Acesso em: 20 maio 2020.
- BERNAYS, Edward. **Propaganda**. New York: Horace Liveright, 1928. Disponível em: <<http://www.whale.to/b/bernays.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2019.
- BERNAYS Edward. The Engineering of Consent. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 250, N° 1, Mar./1947.
- BRZEZINSKI, Zigniew. **The Grand Chessboard**: American Primacy and Geostrategic Imperatives. New York/NY: BasicBooks, 1998.
- BUSH, George W. Remarks by President George W. Bush at the 20th Anniversary of the National Endowment for Democracy. **National Endowment for Democracy**. Washington, D.C., November 6, 2003. Disponível em: <http://www.ned.org/remarks-by-president-george-w-bush-at-the-20th-anniversary/>. Acesso em: 20 set. 2019.

CARO, Gianni Di. An Introduction to Swarm Intelligence Issues. **The University of Washington**. [sem data]. Disponível em: http://staff.washington.edu/paymana/swarm/dicaro_lecture1.pdf. Acesso em: 09 jun. 2020.

CEBROWSKI, Vice; ADMIRAL Artur; GARSTKA, John. **Network Centric Warfare**. Its Origin and Future. U.S. Naval Institute, 1998.

CHENEY, Dick. Full text of Dick Cheney's speech at the Institute of Petroleum. **Resillience**. Institute of Petroleum, London. September, 1999. Disponível em: <https://www.resilience.org/stories/2004-06-08/full-text-dick-cheneys-speech-institute-petroleum-autumn-lunch-1999/>. Acesso em: 20 set. 2019.

CHIVERS, C.J; SCHMITT, Eric. Arms Airlift to Syria Rebels Expands, With Aid From C.I.A. **The New York Times**, 24 de mar. de 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/03/25/world/middleeast/arms-airlift-to-syrian-rebels-expands-with-cia-aid.html>. Acesso em: 02 maio 2019.

CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer**. Brasília: UNB, 1998.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **On War**. Tradução do original para o inglês por Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português por Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. 1984. 3 v. Versão em português. Disponível em: <https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

COHEN, Roger. Leading From Behind. **The New York Times**, 31 de out. de 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/11/01/opinion/01iht-edcohen01.html>. Acesso em: 02 maio 2019.

DIAS, Roberto. Atual Congresso Brasileiro deveria ser dissolvido, diz sociólogo espanhol. **Folha de São Paulo**, 02 de julho de 2013: Disponível em <http://tools.folha.com.br/print?site=emeimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1304810-atual-congresso-brasileiro-deveria-ser-dissolvido-diz-sociologo-espanhol.shtml>. Acesso em: 10 set. 2019.

DRAITSER, Eric. Unmasking the Muslim Brotherhood: Syria, Egypt, and Beyond. **Global Research**. Dezembro, 2012. Disponível em: <https://www.globalresearch.ca/unmasking-the-muslim-brotherhood-syria-egypt-and-beyond/5315406>. Acesso em: 24 maio 2020.

ENGDAHL, William. **Full Spectrum Dominance**. Totalitarian Democracy in the New World Order. Wiesbaden: Edition Engdahl, 2009.

ENGDAHL F. William. **A Century of War**: Anglo American Oil Politics and The New World Order. Progressive Press, 2004.

ENGDAHL F. William. **Manifest Destiny**: democracy as cognitive dissonance. Mine Books, 2018.

ENGDAHL F. William. **Myths, Lies and Oil Wars**. Gertrud Engdahl, 2012.

ESCOBAR, Pepe. Eurásia: O Império contra-ataca. **TV 247**. Julho 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZLqm8PzEUMs&t=58s>. Acesso em: 9 jul. 2020.

FARIAS, Rodrigo. A não violência em teoria: Gandhi, Gene Sharp e seus críticos. **Revista Contemporânea**, 2018.

FARMER, Ben. British Troops Head to Saudi Arabia to Train Syrian Rebels. **The Telegraph**. Julho, 2015. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/saudi-arabia/11753809/British-troops-head-to-Saudi-Arabia-to-train-Syrian-rebels.html>>. Acesso em: 22 maio 2020.

FETTWEIS, Christopher. Eurasia, the World Island. Geopolitics, and Policymaking in the 21st Century. **Global Research**, 14 de março de 2006. Disponível em: <<https://www.globalresearch.ca/eurasia-the-world-island-geopolitics-and-policymaking-in-the-21st-century/2095>>. Acesso em: 02 maio 2019.

FUSER, Igor. O petróleo e a política dos EUA no Golfo Pérsico: a atualidade da Doutrina Carter. **Lutas Sociais**, n.17/18 (PUC/SP). 2007.

GLENN, R. W. Thoughts on “hybrid” conflict. **Small Wars Journal**, 02/02/2009.

HAJJAR, Babel. **Para ler a guerra na Síria**: a construção do consenso na mídia global. [dissertação de mestrado]. São Paulo: USP, 2016.

HALABI, Yakub. **US Foreign Policy in the Middle East**: from crises to change. Ashgate, 2009.

HERAS A. Nicholas, THOMAS, Kaleigh. **Solving the Syrian Rubik’s Cube**: An Instruction Guide for Leveraging Syria’s Fragmentation to Achieve U.S. Policy Objectives. Center for a New American Security 2019. Disponível em: <https://www.jstor.com/stable/resrep20402>. Acesso em: 20 jul. 2020.

HERIKSEN, H. Thomas. Dividing Ours Enemy. **JSOU Report** 05-5. November 2005.

HERSH M. Seymour. The Red Line and The Rat Line. *London Review of Book*. Vol. 38 No. 8, 2014. Disponível em: <<https://www.lrb.co.uk/the-paper/v36/n08/seymour-m.-hersh/the-red-line-and-the-rat-line>>. Acesso em: 20 maio 2020.

HOFF, Brad. **2012 Defense Intelligence Agency document**: West Will Facilitate Rise of Islamic State “in Order to Isolate the Syrian Regime”. *Levant Report*. Maio, 2015. Disponível em: <<https://levantreport.com/2015/05/19/2012-defense-intelligence-agency-document-west-will-facilitate-rise-of-islamic-state-in-order-to-isolate-the-syrian-regime/>>. Acesso em: 26 maio 2020.

HOFFMAN, G. Frank. **Conflict in the 21 Century**: The of Hybrid Wars. Potomac Institute for Policy Studies. 2007.

FULLER, J.F.C. **The Foundations of the Science of War**. London: Hutchinson and Company, 1925.

JUNIOR Mulholland F. John. **Support to Resistance: Strategic Purpose and Effectiveness**. Florida. JSOU University Press, 2019.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era**. Cambridge: Polity Press, 2012.

KALDOR, Mary. In Defence of New Wars. Stability. **International Journal of Security and Development**, 2(1), p.Art. 4. DOI: <http://doi.org/10.5334/sta.at>: 2009. Disponível em: <https://www.stabilityjournal.org/articles/10.5334/sta.at/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

KENNEDY F, Robert Jr. Why the Arabs don't want us in Syria. **Politico Magazine**, 2016. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2016/02/rfk-jr-why-arabs-dont-trust-america-213601>. Acesso em: 10 set. 2019.

KENNEDY, Robert Jr. Middle Eastern Wars Have Always Been About Oil. **Global Research**, 2016. Disponível em: <http://www.washingtonsblo.com/2016/02/middle-eastern-wars-always-oil.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das Revoluções Coloridas aos Golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAYNE, Christopher. **The Peace of Illusions: American Grand Strategy From 1940 to the present**. London: Cornell University Press, 2006.

LIANG, Qiao e XIANGSUI, Wang. **Unrestricted Warfare**. Beijing: PLA literature e Arts. 1999.

LEIRNER, Piero. Pepe Escobar – (finalmente) sem censura – conta tudo! **Duplo Expresso**. Agosto 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abjYHPJ-HKA>. Acesso em: 29 ago. 2020.

LIND, William; NIGHTENGAL Ee, Keith; SCHMIT, John; SUTTON, Joseph; WILSON, Gary. The Changing Face of War Into the Fourth Generation. **Marine Corps Gazette (pre-1994)**, out./1989.

LITTLE, Douglas. **American Orientalism: the United States and the Middle East since 1945**. The University of North Carolina Press, 2008.

MANN, Steven. Chaos Theory and Strategic Thought. **Parameters**, Set./1992.

MEARSHEIMER, John. **A tragédia da política das grandes potências**. Lisboa: Gradiva, 2007

MININ, Dmitry. **The Geopolitics of Gas and the Syrian Crisis: Syrian “Opposition” Armed to Thwart Construction of Iran-Iraq-Syria Gas Pipeline.** Global Research. Setembro, 2014. Disponível em: <<https://www.globalresearch.ca/the-geopolitics-of-gas-and-the-syrian-crisis-syrian-opposition-armed-to-thwart-construction-of-iran-iraq-syria-gas-pipeline/5337452>>. Acesso em: 20 maio 2020.

MOA. ‘Human Rights Watch Again Accuses Syria Of “Barrel Bomb” Damage Done By Others’, **Moon of Alabama**, 2015. Disponível em: <<http://www.moonofalabama.org/2015/05/human-rights-watch-again-accuses-syria-of-barrel-bomb-damagedone-by-others.html>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MOSENDZ, Poll. The Full Transcript of President Obama’s Speech at the United Nations General Assembly, **Newsweek**, 28 September, 2015. Online: <http://www.newsweek.com/read-full-transcript-president-obamas-speech-unitednations-general-assembly-377504>.

MURRAY, W.; MANSOOR, P. R. **Hybrid Warfare - Fighting Complex Opponents from the Ancient World to the Present.** Cambridge University Press. 2012.

NAIMAN, Robert. Syria. IN: **The Wikileaks Files: The World According To US Empire.** 2015.

NATIONAL DEFENSE UNIVERSITY. Institute for National Strategic Studies. **Joint Vision 2020. America’s Military - Preparing for Tomorrow:** 2000. Disponível em <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a526044.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

NATIONAL Energy Policy: **Report of the National Energy Policy Development Group.** Superintendent of Documents, U.S. Government Printing Office Internet: bookstore.gpo.gov. Washington, 2001. Disponível em: <https://www.nrc.gov/docs/ML0428/ML042800056.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

NATIONAL Security Directives (NSD). [Bush Administration, 1989-93]. **Federation of American Scientists.** Disponível em: <https://fas.org/irp/offdocs/nsd/>. Acesso em: 20 set. 2019.

NIEKERK, Brett Van; MAHARAJ, Manoj. Social Media and Information Conflict. **International Journal of Communication**, vol. 07, 2013.

PARET, Peter. A Gênese da Guerra. IN: VON CLAUSEWITZ, Carl. **Da Guerra.** 1984.

PETERSEN, Alexandros. **The World Island: Eurasian Geopolitics and the Fate of the West.** Santa Barbara: Praeger Security International, 2011.

PETERSEN, Alexandros. **The World Island: Eurasian Geopolitics and the Fate of the West.** Santa Barbara: Praeger Security International, 2011.

PETIL, Brian. **Social Media and UW.** U.S Army John F. Kennedy Special Warfare Center and School, 1 de abril de 2012. Disponível em <<https://www.soc.mil/swcs/swmag/archive/SW2502/SW2502SocialMediaAndUW.html>>. Acesso em: 02 maio 2019.

- PIEPMAYER, Anna. **Collective consciousness**. The University of Chicago. 2007. Disponível em: <https://csmt.uchicago.edu/glossary2004/collectiveconsciousness.htm>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- PORAT, L. The Syrian Muslim Brotherhood and The Assad Regime. **Middle East Brief** 2010. Disponível em: <https://www.brandeis.edu/crown/publications/middle-east-briefs/pdfs/1-100/meb47.pdf>. Acesso em: 10 dez 2019.
- PRADOS B. Alfred; SHARP M. Jeremy. **Syria**: political conditions and relations with the United States after the Iraq War. 2005. Congressional Research Service. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/RL32727.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- PRESS, Associate Anti-Assad Dissidents Form Syrian National Council. **The NY Times**, 2011. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/10/03/world/middleeast/anti-assad-dissidents-form-syrian-national-council.html>>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- PNAC. **Rebuilding America's Defenses**: Strategy, Forces and Resources For a New Century, Project for the New American Century, September 2000. Disponível em: <http://www.newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf> Acesso em: 05 jun. 2019.
- REUTERS. Syria: Weapons Intercepted. **The NY Times**, por Reuters, 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/03/12/world/middleeast/12briefs-Syria.html>>. Acesso em: 22 set. 2019.
- RON Paul. Why US/Saudis Are Targeting Qatar/Iran (No. It's not Terrorism.) in One Picture. **Ron Paul Forums**. 2017. [http://www.ronpaulforums.com/showthread.php?512415-Why-US-Saudis-Are-Targeting-Qatar-Iran-\(No-It-s-not-Terrorism-\)-in-One-Picture](http://www.ronpaulforums.com/showthread.php?512415-Why-US-Saudis-Are-Targeting-Qatar-Iran-(No-It-s-not-Terrorism-)-in-One-Picture). Acesso em: 24 ago. 2020.
- SHADID, Anthony. Exiles Shaping World's Image of Syria. **The NY Times**. 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/04/24/world/middleeast/24beirut.html>>. Acesso em: 23 set. 2019.
- SHAHSKOV, Sergei. The theory of manageable chaos put into practice. **Strategic Culture Foundation**, Mar./2011. Disponível em: <https://www.strategic-culture.org/news/2011/03/01/the-theory-of-manageable-chaos-put-into-practice/>>. Acesso em: 02 maio 2019.
- SHARP, Gene. **Da ditadura à democracia**: uma estrutura conceitual para a libertação. São Paulo: The Albert Einstein Institution, 2002. Disponível em: <https://bibliot3ca.files.wordpress.com/2011/03/da-ditadura-a-democracia-gene-sharp2.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- SHARP, Gene. **From Dictatorship to Democracy**. A Conceptual Framework for Liberation. 4ª Ed. East Boston: The Albert Einstein Institution, 2010.
- SZAFRANSKI, Richard. **Neocortical Warfare?** The Acme of Skill. RAND Corporation. 1994. Disponível em:

https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monograph_reports/MR880/MR880.ch17.pdf. Acesso em: 11 jan. 2020.

TC 18.01 **SPECIAL Forces Unconventional Warfare**. NSNBC. 2010.

THE CONSOLIDATED Appropriations Act, 2005. **Conference Report to Accompany** H.R. 4818, H.Rept. 108-792, Nov. 19, 2004. Section 526 makes funding available for democracy, human rights, and the rule of law programs for Syria, but does not set a dollar amount. 64 See CRS Report RS21457, The Middle East Partnership Initiative: An Overview, by Jeremy M. Sharp.

TIENHOVEN, V. Manon. **Identifying ‘Híbrido Warfare’**. Master Thesis. 2016. Leiden University. Disponível em:

https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/53645/2016_Tienhoven_van_CSM.pdf?sequence=1. Acesso em: 11 jan. 2020.

TIMES, The NY. “Day of Rage for Syrians Fails to Draw Protesters”. **The NY Times**, 2011. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/2011/02/05/world/middleeast/05syria.html>>. Acesso em: 19 set. 2019.

TSUKANOV, Ilya. US Smuggles Three Dozen Oil Tankers Out of Syria by Dead of Night, Report Claims. **Sputnik New**, 2020. Disponível em:

<https://sputniknews.com/middleeast/202009241080561554-us-smuggles-three-dozen-oil-tankers-out-of-syria-by-dead-of-night-report-claims/>. Acesso em: 26 set. 2020.

TZU, Sun. **The Art of War**. Disponível em: <<https://suntzusaid.com/book/3>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

VAA, Ida Sofia. **Project For The New American Century**. How One Think Tank May Influence American Foreign Policy. 2005. Disponível em:

<https://www.duo.uio.no/handle/10852/25398>. Acesso em: 11 jan. 2020.

VISACRO Alessandro. **Guerra irregular, terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Contexto, 2009.

WALSH P. Nick. **Opposition source**: Syrian rebels get U.S.-organized training in Jordan. CNN. Março 2013. Disponível em: <

<https://edition.cnn.com/2013/03/15/world/meast/syria-civil-war/index.html>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

WARDEN, John. The Enemy as a System. **Airpower Journal**, Vol. 09, N° 01, 1995.

WEINER, Tim. **Legacy of Ashes**: the history of the CIA. Anchor Books, 2007.

WEISS, Phil and ROBBINS; Annie, Clark: There was no national debate over the policy coup by the “hardnose,” January 2012. Disponível em:

<http://mondoweiss.net/2012/01/clark-there-was-no-national-debate-over-the-policy-coup-by-the-hardnosed/#sthash.N6zzZ6B1.dpuf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

WITHER, K. James. Making Sense of Hybrid Warfare. **Connections**, Vol. 15, no. 2 pp. 73-87. 2016.

YAHYA, Maha. The Middle East's Lost Decades: Development, Dissent and the Future of the Arab World. **Foreign Affairs**, V. 98. N. 6, 2019.